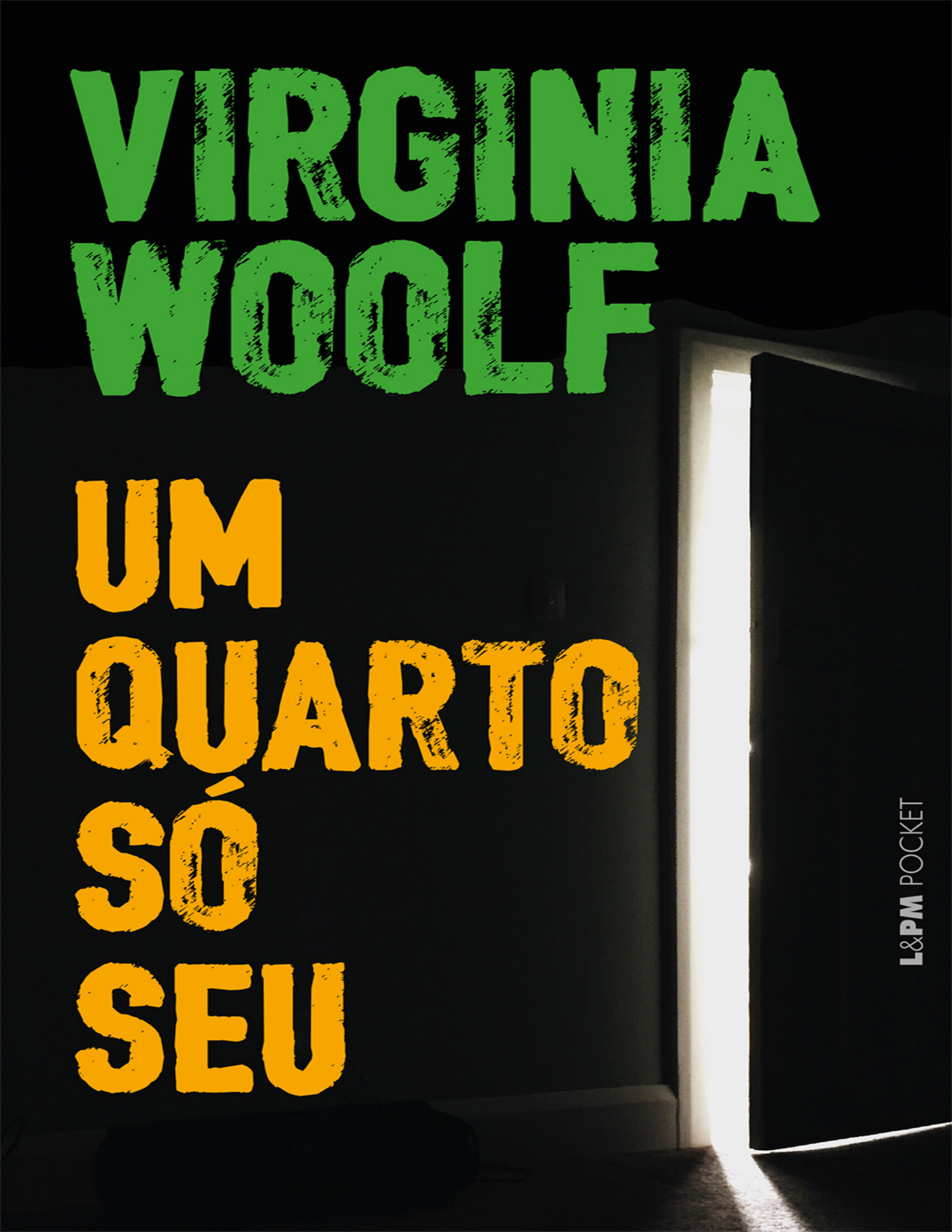
VIRGINIA WOOLF

UM QUARTO SÓ SEU



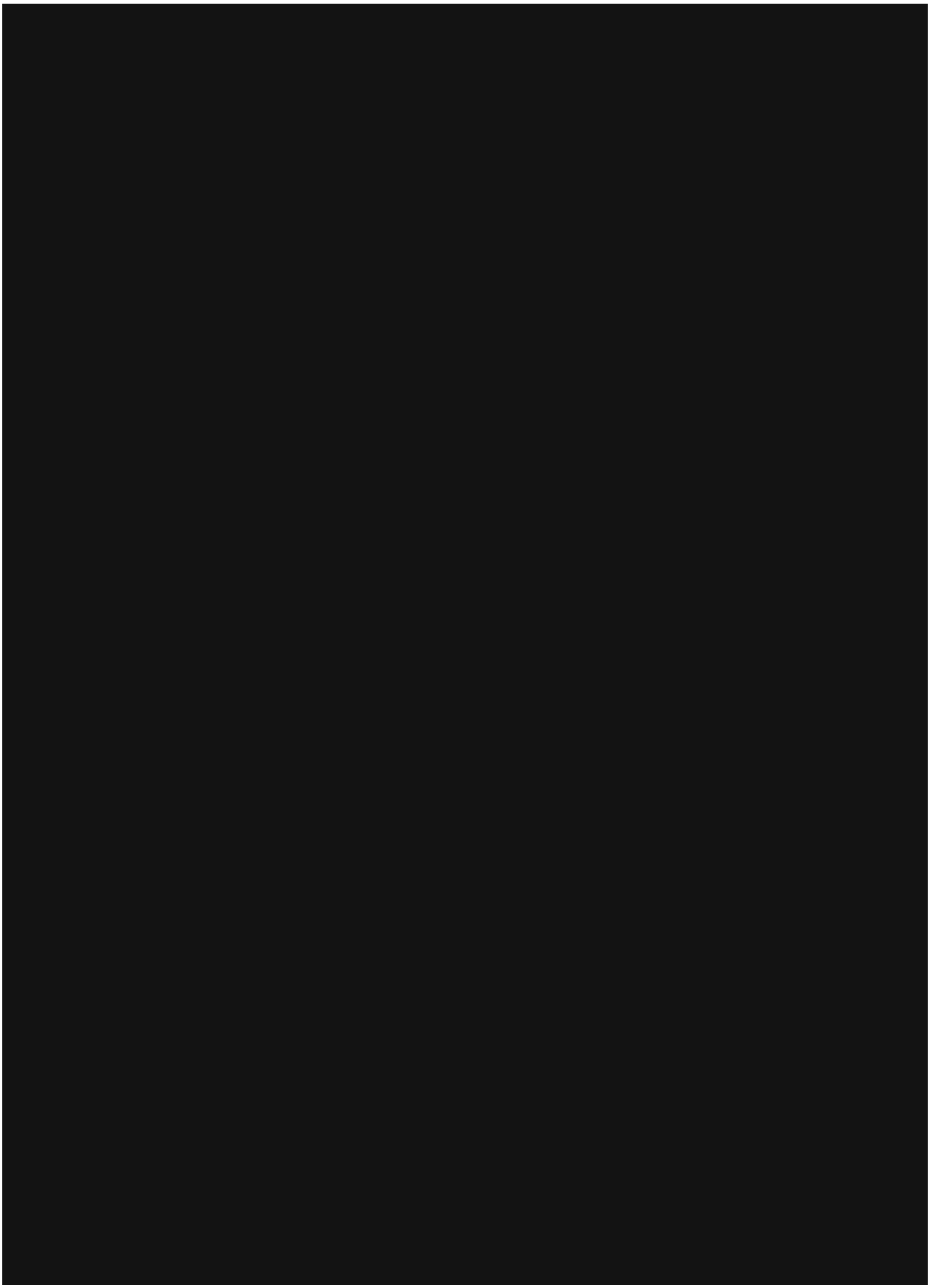
L&PM POCKET

VIRGINIA WOOLF

UM QUARTO SÓ SEU



L&PM POCKET



VIRGINIA WOOLF

UM QUARTO SÓ SEU

Tradução de DENISE BOTTMANN

L&PM

UM QUARTO SÓ SEU[1]

CAPÍTULO 1

Mas – talvez digam vocês – pedimos para você falar sobre as mulheres e a literatura: o que isso tem a ver com um quarto só seu? Vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para eu falar sobre as mulheres e a literatura, sentei-me à beira de um rio e comecei a pensar no que significavam essas palavras. Podiam simplesmente significar alguns comentários sobre Fanny Burney, outros mais sobre Jane Austen, um tributo às irmãs Brontë e uma breve descrição da Casa Paroquial de Haworth debaixo de neve, alguns gracejos, se possível, sobre a srta. Mitford, uma alusão respeitosa a George Eliot, uma referência à sra. Gaskell, e pronto. Mas, a uma segunda reflexão, as palavras já não pareciam tão simples. O título "As mulheres e a literatura" podia significar – e talvez fosse esse significado que vocês pretendiam – as mulheres e como elas são; ou podia significar as mulheres e a literatura que elas escrevem; ou também podia significar as mulheres e a literatura que se escreve sobre elas; ou, ainda, podia significar que essas três estão indissociavelmente mescladas, e que vocês querem que eu aborde a questão a essa luz. Mas, quando comecei a avaliar o tema dessa última maneira, que parecia a mais interessante, logo vi que havia aí um obstáculo fatal. Eu nunca conseguiria chegar a uma conclusão. Nunca conseguiria cumprir o que, em meu entender, é o principal dever de um palestrante: oferecer a vocês, depois de uma hora de discurso, uma pepita de refulgente verdade para guardarem entre as páginas do caderno e

conservarem para todo o sempre no console da lareira. O máximo que eu conseguiria seria lhes oferecer uma opinião sobre um ponto secundário – uma mulher, se quiser escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu; e isso, como vocês verão, não traz qualquer solução para o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da literatura. Dispenso-me do dever de chegar a uma conclusão sobre essas duas questões – as mulheres e a literatura, no que me diz respeito, continuam a ser problemas não resolvidos. Mas, em compensação, farei o que puder para lhes mostrar como cheguei a essa opinião sobre o quarto e o dinheiro. Vou desenvolver na presença de vocês, com toda a liberdade e da maneira mais completa que puder, a linha de raciocínio que me levou a pensar assim. Se eu expuser as ideias, os conceitos prévios que estão por trás dessa afirmativa, talvez vocês concluam que eles exercem algum efeito sobre as mulheres e sobre a literatura. Em todo caso, quando um tema é altamente controvertido – e qualquer questão sobre sexo o é –, não se pode pretender dizer a verdade. Pode-se apenas mostrar como se chegou à opinião a que se chegou, qualquer que seja ela. Pode-se apenas dar aos ouvintes a ocasião de extraírem suas próprias conclusões, enquanto observam as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias do orador. Aqui, é provável que a literatura seja mais verdadeira do que os fatos. Assim, proponho contar a vocês, usando todas as licenças e liberdades de uma romancista, a história dos dois dias que antecederam minha presença aqui – como, curvada sob o peso do tema que vocês puseram em meus ombros, refleti sobre ele, presente e operante em meu cotidiano. Nem preciso dizer que o que vou descrever não existe; Oxbridge é inventada, e Fernham também; o “eu” é apenas um recurso prático para designar alguém sem qualquer existência real. Vou mentir, mas talvez haja alguma

verdade misturada entre as mentiras; cabe a vocês procurar essa verdade e ver se há nela algo que valha a pena conservar. Se não houver, joguem tudo no cesto de lixo, claro, e esqueçam totalmente o assunto.

Então ali estava eu (podem me chamar de Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer nome que quiserem – isso não tem a menor importância), sentada à beira do rio uma ou duas semanas atrás, num belo dia de outubro, perdida em pensamentos. Sob aquele peso nos ombros que mencionei – as mulheres e a literatura, a necessidade de chegar a alguma conclusão sobre um assunto que desperta preconceitos e paixões de todas as espécies –, minha cabeça se curvava tanto que chegava até ao chão. À direita e à esquerda, alguns arbustos dourados e carmins brilhavam com a cor do fogo, a qual, aliás, parecia tisnada de calor. Na outra margem, os salgueiros choravam num lamento perpétuo, com os cabelos espalhados pelos ombros. O rio refletia a seu bel-prazer trechos do céu, da ponte e da árvore em chamas, e esses reflexos, depois que o estudante passava com seu barco a remo por entre eles, fechavam-se outra vez, sumindo totalmente, como se ele nunca tivesse estado ali. Daria para passar o dia lá, perdida entre um e outro pensamento. O pensamento – para usar um nome mais pomposo do que ele merecia – tinha soltado sua linha na correnteza. Oscilava aqui e ali, minuto após minuto, entre os reflexos e os capins aquáticos, deixando-se erguer e afundar na água – vocês conhecem aquele puxãozinho – o súbito ajuntamento de uma ideia no final da linha: e então a cautela em puxá-la, o cuidado em estendê-la. Ah, estendida ali na grama, como aquela minha ideia parecia pequena, insignificante; o tipo de peixe que um bom pescador devolve à água para que cresça e um dia sirva para cozinhar e comer. Não vou incomodá-las agora com esse pensamento, embora, se prestarem atenção, talvez o encontrem por si mesmas na

sequência do que vou dizer.

Mas, por pequenina que fosse, mesmo assim ela tinha a misteriosa propriedade de sua espécie – devolvida à mente, logo se tornava muito estimulante e importante; e, conforme saltava, mergulhava e cintilava aqui e ali, criava uma tal agitação e tumulto mental que era impossível ficar parada. Foi assim que me vi andando muito depressa por uma área gramada. E na mesma hora apareceu a figura de um homem para me interceptar. De início, nem entendi que aquelas gesticulações de um objeto de curiosa aparência, com meio fraque e camisa social, se dirigiam a mim. Seu rosto expressava horror e indignação. O instinto, mais do que a razão, veio me socorrer; ele era um bedel, eu era uma mulher. Aqui era o gramado; a trilha era ali. Somente os docentes e os discentes podem andar por ele; meu lugar é o cascalho. Tais pensamentos foram obra de um instante. Quando voltei à trilha, os braços do bedel se abaixaram, o rosto retomou a serenidade habitual e, embora a grama seja melhor para andar do que o cascalho, não houve nenhum grande estrago. A única acusação que eu podia fazer aos docentes e discentes daquela faculdade, qualquer que fosse, era que, para protegerem seu gramado, que vinha sendo aparado fazia trezentos anos, eles tinham obrigado meu peixinho a se esconder.

Agora nem me lembro qual foi a ideia que me levara àquela invasão tão audaciosa. O espírito da paz baixou dos céus como uma nuvem, pois, se o espírito da paz tem morada em algum lugar, é nos pátios e quadras de Oxbridge que ele se encontra numa bela manhã de outubro. Percorrendo aquelas faculdades, passando por aqueles corredores antigos, a aspereza do presente parecia se amaciar; o corpo parecia encerrado num miraculoso armário de vidro por onde nenhum som penetrava, e a mente, liberta de qualquer contato com os fatos (a menos que outro invadisse o gramado

novamente), estava livre para se deter em qualquer reflexão que se harmonizasse com o momento. Quis o acaso que alguma lembrança perdida de algum velho ensaio sobre uma revisita a Oxbridge durante as férias trouxesse Charles Lamb2 à mente – Saint Charles, disse Thackeray, evocando uma carta de Lamb. De fato, entre todos os mortos (exponho a vocês meus pensamentos conforme me vieram), Lamb é um dos mais simpáticos, a quem gostaríamos de perguntar: diga-me, como você escreveu seus ensaios? Pois seus ensaios são superiores até aos de Max Beerbohm, com toda a perfeição destes últimos, pensei eu, por causa daquele fantástico lampejo da imaginação, daquela irrupção inesperada do gênio em meio a eles, que lhes imprime falhas e imperfeições, mas deixa-os cravejados de poesia. Bom, mas Lamb veio a Oxbridge talvez uns cem anos atrás. É certo que escreveu um ensaio – o nome me foge – sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que viu aqui. Era *Lícidas*, talvez, e Lamb descreveu seu choque ao pensar que alguma palavra em *Lícidas* poderia ter sido diferente do que é. Pensar que Milton teria mudado as palavras naquele poema lhe parecia uma espécie de sacrilégio. Isso me trouxe à memória tudo o que consegui relembrar de *Lícidas*, e me entretive tentando adivinhar qual teria sido a palavra que Milton alterara e qual teria sido a razão. Então me ocorreu que aquele mesmo manuscrito examinado por Lamb estava a algumas centenas de metros dali, e assim eu poderia seguir os passos dele atravessando a quadra até aquela famosa biblioteca que guarda o tesouro. Além disso, lembrei eu enquanto punha esse plano em prática, é essa famosa biblioteca que também guarda o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray. Os críticos costumam dizer que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas o estilo afetado, uma imitação setecentista, é incômodo, até onde consigo me lembrar, a

menos que o estilo do século XVIII fosse realmente natural a Thackeray – fato que daria para comprovar olhando o manuscrito e vendo se as alterações foram feitas por causa do estilo ou do sentido. Mas aí seria preciso decidir o que é estilo e o que é significado, questão que... mas agora eu estava diante da porta de entrada da biblioteca. Devo ter aberto a porta, pois ali apareceu imediatamente, como um anjo guardião do paraíso barrando o caminho, com uma beca preta esvoaçando no lugar de asas brancas, um cavalheiro grisalho, gentil e desaprovador que, acenando a mão para eu recuar, desculpou-se em voz baixa que as damas só podem entrar na biblioteca se estiverem acompanhadas por um docente da faculdade ou munidas de uma carta de apresentação.

Para as bibliotecas famosas, é totalmente indiferente que uma mulher rogue pragas contra elas. Calma e veneranda, com todos os seus tesouros guardados em segurança no seu seio, ela dorme satisfeita e, por mim, pode continuar dormindo assim para sempre. Enquanto descia furiosa a escada, jurei nunca mais despertar aqueles ecos, nunca mais pedir entrada. Ainda faltava uma hora para o almoço, e o que fazer? Passear pelas campinas? Sentar junto ao rio? Era, sem dúvida, uma bela manhã de outono; as folhas esvoaçavam vermelhas e pousavam no chão; nenhuma das duas opções apresentava grande dificuldade. Mas me chegou aos ouvidos um som de música. Era uma celebração ou uma cerimônia religiosa. O órgão soltava lamentos grandiosos quando passei pela porta da capela. Mesmo a dor da Cristandade, naquele ar sereno, soava mais como lembrança da dor do que como a dor em si; mesmo os gemidos do órgão antigo pareciam envoltos em paz. Não senti qualquer vontade de entrar, mesmo se tivesse esse direito, e dessa vez o sacristão poderia me deter, exigindo talvez minha certidão de batismo ou uma carta de apresentação do deão. Mas o exterior

dessas construções grandiosas é, muitas vezes, tão belo quanto o interior. Além disso, já era diversão suficiente observar a congregação se reunindo, entrando e saindo, apinhando-se à porta da capela como abelhas à entrada da colmeia. Muitos estavam de barrete e toga; alguns traziam peliças nos ombros; outros eram conduzidos em cadeiras de rodas; outros mais, embora ainda na meia-idade, pareciam sulcados e amarfanhados em formas tão singulares que faziam lembrar aqueles lagostins e caranguejos gigantes que se arrastam penosamente na areia de um aquário. Enquanto eu me apoiava à parede, a Universidade parecia de fato um santuário onde se conservam espécies raras que logo se extinguiriam se tivessem de lutar pela existência nas calçadas da Strand. Voltaram à lembrança velhas histórias de velhos deãos e velhos docentes, mas, antes que eu juntasse coragem para assobiar – dizia-se que, ao som de um assobio, o velho Professor... se lançava imediatamente a um galope –, a veneranda congregação foi para o interior. O exterior da capela permaneceu. Como vocês sabem, é possível enxergar suas cúpulas e pináculos altos, como um barco a vela sempre viajando e nunca chegando, iluminados à noite, visíveis a quilômetros de distância, muito além dos montes. É de se supor que, antigamente, esse pátio quadrangular, com seus gramados macios, as amplas construções e a própria capela, também fosse um pantanal, onde os capins ondulavam e os porcos cavoucavam. Parelhas de bois e cavalos, pensei eu, devem ter trazido carroças e mais carroças carregadas de pedras, vindas de regiões distantes, e então, com imenso trabalho, os blocos cinzentos, a cuja sombra agora eu me postava, foram empilhados em ordem, um por cima do outro, e então os pintores trouxeram os vidros para as janelas e os pedreiros passaram séculos ocupados lá em cima daquele telhado com pá e colher, massa e cimento. Todos os sábados,

alguém devia verter, de um saquinho de couro, moedas de ouro e prata naquelas mãos antigas, para que, imagina-se, por uma noite se entretivessem com sua cerveja e seu jogo de pinos. Uma torrente interminável de ouro e prata, pensei eu, deve ter escorrido para esse pátio incessantemente, para que as pedras continuassem chegando e os pedreiros trabalhando, a aplainar, cavar, fazer valas e abrir drenos. Mas era a idade da fé, e o dinheiro corria liberalmente para assentar essas pedras sobre alicerces profundos, e, depois de assentadas as pedras, corria ainda mais dinheiro dos cofres de reis, rainhas e grandes nobres para garantir que ali se cantassem hinos e se ensinassem os estudantes. Concediam-se terras; pagavam-se dízimos. E quando terminou a idade da fé e começou a idade da razão, a mesma torrente de ouro e prata ainda prosseguiu; criavam-se bolsas de pesquisas, financiavam-se cátedras; só que agora o ouro e a prata corriam não dos cofres do rei, mas das arcas de mercadores e manufatureiros, das bolsas de homens que fizeram, digamos, uma fortuna na indústria e destinaram em seus testamentos uma generosa parcela dessa fortuna para custear mais cátedras, mais cargos de assistentes, mais bolsas na universidade onde haviam aprendido o ofício. Daí passou-se para as bibliotecas e laboratórios, os observatórios, o magnífico conjunto de instrumentos caros e delicados que agora ficam em estantes envidraçadas, ali onde, séculos atrás, os capins ondulavam e os porcos chafurdavam. Sem dúvida, enquanto eu percorria o pátio, os alicerces de ouro e prata pareciam bastante profundos; o pavimento se estendia sólido por sobre os capins silvestres. Homens levando bandejas na cabeça iam apressados de escada em escada. Flores vistosas vicejavam nas floreiras das janelas. As músicas dos gramofones saíam estrondejando dos quartos lá dentro. Era impossível deixar de refletir que – a reflexão, qualquer que fosse, foi

bruscamente interrompida. O relógio bateu. Era hora de ir almoçar.

Um fato engraçado é que os romancistas têm um talento de nos fazerem crer que os almoços sociais são sempre inesquecíveis por causa de algo muito espirituoso que alguém disse ou de algo muito inteligente que alguém fez. Mas raramente dedicam alguma palavra ao que se comeu. Faz parte da convenção do romancista não mencionar a sopa, o salmão e o pato, como se sopas, salmões e patos não tivessem absolutamente qualquer importância, como se ninguém jamais fumasse um charuto ou tomasse uma taça de vinho. Aqui, porém, vou tomar a liberdade de contrariar essa convenção e contar a vocês que o almoço nessa ocasião começou com filés de linguado, acomodados num prato fundo, sobre os quais o cozinheiro da faculdade espalhou uma camada do mais alvo creme, afora aqui e ali algumas pintas marrons, como as pintas nas ancas de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas, se isso der a impressão de que era um par de aves amarronzadas e nuas num prato, vocês estão enganadas. As perdizes, muitas e variadas, vieram com todo o seu acompanhamento de saladas e molhos, os picantes e os doces, em sua devida ordem; com suas batatas, finas como moedas, mas não tão duras; com suas couves-de-bruxelas, enfolhadas como botões de rosa, mas mais suculentas. E tão logo demos fim ao assado e ao acompanhamento, o silencioso garçom, talvez o próprio bedel numa manifestação mais branda, colocou à nossa frente, envolto em guardanapos, um doce que se erguia como puro açúcar por sobre as ondas. Chamá-lo de pudim, e assim aproximá-lo do arroz e da tapioca, seria um insulto. Enquanto isso, as taças tinham se colorido de dourado e de escarlate; tinham se esvaziado, tinham se enchido. E assim aos poucos se acendeu, a meio da espinha dorsal, que é a sede da alma, não aquela crua luzinha elétrica que chamamos de brilho, que surge e se apaga em nossos

lábios, mas aquela incandescência mais profunda, sutil e subterrânea que é a rica chama amarela da conversa racional. Não é preciso ter pressa. Não é preciso brilhar. Não é preciso ser alguém que não se é. Todos iremos para o céu, e Van Dyck faz parte do grupo – em outras palavras, como a vida parecia boa, como eram agradáveis suas recompensas, como era trivial essa queixa ou aquela reclamação, como era admirável a amizade, a companhia dos pares, enquanto, acendendo um bom cigarro, a gente se afundava nas almofadas da poltrona junto à janela.

Se por sorte houvesse um cinzeiro à mão, se, à falta dele, eu não tivesse batido a cinza fora da janela, se as coisas tivessem sido um pouquinho diferentes do que foram, provavelmente não teria visto um gato sem rabo. A vista daquele animal súbito e truncado atravessando suavemente o pátio alterou para mim, por algum capricho da inteligência subconsciente, a luz emocional. Era como se alguém tivesse deixado cair uma sombra. Talvez o excelente vinho do Reno estivesse afrouxando seu poder. O que sei é que, enquanto olhava o gato Manx parado no meio da grama como se também ele interrogasse o universo, algo parecia faltar, algo parecia diferente. Mas o que estava faltando, o que estava diferente?, perguntei a mim mesma, ouvindo a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de me imaginar fora da sala, de volta ao passado, antes da guerra, na verdade, e pôr diante dos olhos o modelo de outro almoço social, que se deu em aposentos não muito distantes desses aqui, mas diferentes. Tudo era diferente. Enquanto isso, prosseguia a conversa entre os convivas, que eram muitos e jovens, uns de um sexo, outros do outro; prosseguia à vontade, prosseguia agradável, livre, divertida. E, enquanto prosseguia, pus essa conversa sobre o pano de fundo daquela outra e, ao comparar as duas, não tive a menor dúvida de que uma era a descendente, a legítima

herdeira da outra. Nada havia mudado; nada estava diferente, a não ser que, agora, eu ouvia com toda minha atenção não tanto o que falavam, mas o murmúrio ou a corrente por trás do que diziam. Sim, era isso – a mudança era essa. Antes da guerra, num almoço assim, essas pessoas teriam dito exatamente as mesmas coisas, mas soariam de maneira diferente, porque naqueles dias elas vinham acompanhadas por uma espécie de murmúrio, não articulado, mas musical, estimulante, o que mudava o valor das próprias palavras. Alguém conseguiria pôr esse murmúrio em palavras? Com a ajuda dos poetas, talvez conseguisse. Havia um livro a meu lado e, ao abri-lo, por mero acaso caí em Tennyson. E então descobri que era Tennyson cantando:

> Tombou uma lágrima cintilante
> Da clematite roxa no portão.
> É ela chegando, minha pomba, minha amada;
> É ela chegando, minha vida, minha sina;
> A rosa vermelha exclama: "Está perto, está perto",
> E a rosa branca lamenta: "Está atrasada";
> A espora escuta: "Ouço, ouço",
> E o lírio murmura: "Eu espero".3

Era isso o que murmuravam os homens nos almoços antes da guerra? E as mulheres?

> Meu coração é como um pássaro a cantar,
> Que se aninha num broto orvalhado;
> Meu coração é como uma macieira
> Cujos ramos pendem repletos de frutos,
> Meu coração é como uma concha irisada
> Que oscila num mar sereno;
> Meu coração é mais alegre do que todos eles

Porque meu amor veio a mim.4

Era isso o que murmuravam as mulheres nos almoços antes da guerra?

Era tão ridículo pensar em gente murmurando essas coisas, mesmo baixinho, num almoço antes da guerra que desandei a rir e tive de justificar minha risada apontando o gato Manx, que realmente parecia um pouco absurdo, pobre bicho, sem rabo, no meio do gramado. Ele nasceu assim ou perdeu o rabo num acidente? O gato sem rabo, embora digam que existem alguns na Ilha de Man, é mais raro do que imaginamos. É um animal bizarro, mais esquisito do que bonito. É estranha a diferença que um rabo faz – vocês sabem, aquele tipo de coisa que se diz quando o almoço acaba e as pessoas estão pegando o chapéu e o casaco.

Este, graças à hospitalidade do anfitrião, tinha se prolongado pela tarde adentro. O belo dia de outubro chegava ao fim, e as folhas caíam das árvores enquanto eu seguia pela alameda. Os portões pareciam se fechar com gentil determinação atrás de mim. Inúmeros bedéis enfiavam inúmeras chaves nos cadeados bem azeitados; garantia-se a segurança da casa dos tesouros por mais uma noite. Da alameda sai-se numa rua – esqueci o nome – que, virando na altura certa, leva até Fernham. Mas havia tempo de sobra. O jantar era apenas às sete e meia. E, depois daquele almoço, quase daria para dispensar o jantar. É estranho como um trecho de poesia opera no espírito e faz as pernas se moverem ritmadamente pela rua. Aquelas palavras...

Tombou uma lágrima cintilante
Da clematite roxa no portão.
É ela chegando, minha pomba, minha amada;

cantavam em meu sangue enquanto eu ia a passos rápidos para Headingley. E então, mudando para a outra cadência, recitei, onde as águas represadas se encrespam:

> Meu coração é como um pássaro a cantar,
> Que se aninha num broto orvalhado;
> Meu coração é como uma macieira

Que poetas!, exclamei como se exclama ao cair da tarde, que poetas eram eles!

Sentindo uma espécie de ciúme por nossa época, imagino eu, e por tolas e absurdas que sejam essas comparações, pus-me a pensar se seria honestamente possível nomear dois poetas contemporâneos tão grandes quanto foram Tennyson e Christina Rossetti em sua época. Claro que é impossível compará-los, pensei eu, fitando aquelas águas espumejantes. A poesia deles conduz a tal abandono, a tal enlevo, justamente porque celebra um sentimento que se tinha (nos almoços antes da guerra, talvez), e assim a pessoa tem uma reação fácil, familiar a ela, sem se preocupar em examinar esse sentimento ou em compará-lo a algum outro que tenha agora. Mas o poeta atual expressa um sentimento que está em formação, que está sendo extraído de nós nesse momento. Para começo de conversa, nem o reconhecemos; muitas vezes, por alguma razão, sentimos medo dele; observamos atentamente e, com desconfiança e suspeita, comparamos esse novo sentimento àquele velho sentimento que conhecíamos. Daí a dificuldade da poesia moderna; e é por causa dessa dificuldade que não conseguimos lembrar mais do que dois versos seguidos de qualquer bom poeta moderno. Por essa razão – por não conseguir lembrar –, a discussão esmoreceu por falta de material. Mas por

que, continuei eu enquanto seguia para Headingley, paramos de murmurar baixinho durante o almoço? Por que Alfred deixou de cantar *É ela chegando, minha pomba, minha amada*? Por que Christina deixou de responder *Meu coração é mais alegre do que todos eles/ Porque meu amor veio a mim*?

Culparemos a guerra? Quando os canhões dispararam em agosto de 1914, homens e mulheres terão se julgado mutuamente de fisionomia tão insípida que o romantismo morreu? Sem dúvida, foi um choque (em especial para as mulheres, com suas ilusões sobre a educação e assim por diante) ver a fisionomia de nossos dirigentes ao clarão dos bombardeios. Pareciam tão feios – alemães, ingleses, franceses –, tão broncos. Mas culpe-se o que se quiser, quem se quiser, a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantarem com tanta paixão a chegada de seus amados é muito mais rara agora do que naquela época. Basta ler, olhar, ouvir, lembrar. Mas por que dizer "culpar"? Se era uma ilusão, por que não louvar a catástrofe, qualquer que fosse, que destruiu a ilusão e a substituiu pela verdade? Pois a verdade... essas reticências marcam o ponto em que, buscando a verdade, perdi a entrada para Fernham. Sim, de fato, o que era verdade e o que era ilusão?, perguntei a mim mesma. Qual era a verdade sobre essas casas, por exemplo, agora alegres e de contornos indistintos com suas janelas vermelhas ao cair da tarde, mas toscas, rudes, ordinárias, com seus doces e seus cadarços, às nove da manhã? E os salgueiros, o rio, os jardins que descem até o rio, agora indistintos com a neblina se estendendo sobre eles, mas dourados e vermelhos à luz do sol – o que era verdade, o que era ilusão? Poupo-lhes as andanças e meandros de minhas cogitações, pois não topei com nenhuma conclusão na estrada para Headingley, e peço-lhes que imaginem que logo descobri meu erro na

entrada e refiz meus passos para ir até Fernham.

Como já falei que era um dia de outubro, não quero perder o respeito de vocês nem pôr em risco o bom renome da literatura mudando a estação e descrevendo lilases nos muros dos jardins, açafrões, tulipas e outras flores de primavera. A literatura deve se ater aos fatos e, quanto mais verídicos forem os fatos, melhor será a literatura – assim nos dizem. Portanto, ainda era outono, e as folhas ainda amarelavam e caíam, ainda que um pouco mais depressa do que antes, porque agora já anoitecera (sete horas e trinta e três minutos, para ser exata), e uma brisa (vinda do sudoeste, para ser exata) começara a soprar. Mas, apesar de tudo isso, havia algo de estranho:

> Meu coração é como um pássaro a cantar,
> Que se aninha num broto orvalhado;
> Meu coração é como uma macieira
> Cujos ramos pendem repletos de frutos,

talvez as palavras de Christina Rossetti fossem, em parte, responsáveis pela tola fantasia – não passava de uma fantasia, claro – de que o lilás balançava suas flores nos muros do jardim, as borboletas-limão voavam rápidas aqui e ali, e pairava pólen no ar. Soprou um vento, de que lado não sei, mas levantou as folhas novas, e assim lampejou no ar um brilho cinza-prateado. Era a hora entre uma luz e outra, quando as cores passam por uma intensificação e os roxos e dourados ardem nas vidraças como um coração palpitando agitado; quando, por alguma razão, a beleza do mundo se revela, mas logo perecerá (aqui entrei no jardim, pois, por imprudência, a porta estava aberta e não parecia haver nenhum bedel por ali), a beleza do mundo que logo perecerá tem dois gumes, um de riso, outro de angústia, cortando o coração ao meio. Os jardins de Fernham se estendiam

à minha frente no lusco-fusco da primavera, amplos e silvestres, e entre a grama alta espalhavam-se narcisos e jacintos, esparramados, sem ordem talvez nem mesmo nos bons tempos, e que agora ondulavam ao vento que forçava e repuxava suas raízes. As janelas do edifício, arredondadas como escotilhas de navio entre generosas ondas de tijolo à vista, passavam do amarelo-claro ao prateado sob a veloz carreira das nuvens de primavera. Havia alguém numa rede, alguém, mas a essa luz eram apenas fantasmas, que se adivinhavam e se entreviam correndo pela grama – ninguém iria detê-los? –, e então surgiu no terraço, como se viesse espairecer e dar uma olhada no jardim, uma figura encurvada, enorme, mas modesta, de testa larga e roupa surrada – seria a famosa estudiosa, seria a própria J.H. em pessoa? Tudo era indistinto, mas também intenso, como se estrela ou espada tivesse talhado a manta que o anoitecer estendera sobre o jardim – e uma terrível realidade acutilada saltasse, como é de seu hábito, do coração da primavera. Pois a juventude...

Aqui estava a minha sopa. O jantar estava sendo servido no amplo refeitório. Longe de ser primavera, era de fato uma noite de outubro. Todo mundo estava reunido no refeitório grande. O jantar estava pronto. Aqui estava a sopa. Era um caldo de carne simples. Não havia nada nele que estimulasse a fantasia. Pelo líquido transparente daria para enxergar o desenho que houvesse no prato. Mas não havia desenho algum. O prato era liso. Depois veio a carne com suas batatas e seus legumes de acompanhamento – uma trindade rústica, sugerindo um corte traseiro num mercado lamacento, couves-de-bruxelas murchas e com as pontas amareladas, freguesia pechinchando e regateando, mulheres com sacolas de alça numa segunda-feira de manhã. Não havia por que reclamar da comida diária da natureza humana, já que a quantidade bastava, e os

carvoeiros decerto se contentavam com menos. Então veio o creme com ameixas secas. E, se alguém reclamar que a ameixa seca, mesmo amaciada pelo creme, é um vegetal (fruta é que não é) pouco caridoso, duro como o coração de um sovina, soltando um líquido como o que corre nas veias de um sovina que passou oitenta anos negando vinho e calor a si próprio, e mesmo assim negado aos pobres, que reflita que há gente cuja caridade abrange até mesmo a ameixa seca. Então vieram queijos e biscoitos, e a jarra de água circulou livremente pela mesa, pois é da essência dos biscoitos serem secos, e aqueles eram biscoitos em sua mais pura essência. E só. A refeição terminou. Cada qual empurrou sua cadeira, as portas de mola se abriram e se fecharam com força, e logo qualquer sinal de comida sumiu do salão, que certamente já ficou preparado para o desjejum do dia seguinte. A juventude da Inglaterra foi pelos corredores e subiu as escadas entre estrépitos e cantorias. E não cabia a uma convidada, a uma estranha (pois eu não tinha nenhum direito de estar ali em Fernham, não mais do que em Trinity, Somerville, Girton, Newham ou Christchurch), dizer "O jantar não estava bom" ou perguntar (agora eu estava com Mary Seton em sua saleta de estar) "Não podíamos ter jantado aqui em cima, só nós?" – pois, se eu dissesse algo desse gênero, estaria espreitando e me intrometendo na administração secreta de uma casa que, para os de fora, ostenta tão bela fachada de alegria e coragem. Não, não se podia dizer uma coisa dessas. Na verdade, a conversa cessou por alguns momentos. Sendo a constituição humana como é, coração, corpo e cérebro misturados e não separados em compartimentos distintos, como certamente serão daqui a um milhão de anos, um bom jantar é de grande importância para uma boa conversa. Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem, se não se jantar bem. A centelha na espinha dorsal não se acende com carne de vaca

e ameixas secas. Todos *provavelmente* iremos para o céu, e Van Dyck, *esperamos* nós, irá nos encontrar logo adiante – esse é o estado de espírito cheio de dúvidas e ressalvas que a carne de vaca e as ameixas secas, unidas, geram ao final de um dia de trabalho. Felizmente minha amiga, que dava aulas de ciências, tinha no armário uma garrafa bojuda e copinhos pequenos (mas bem que podia ter linguados e perdizes para começar), e assim pudemos nos aproximar da lareira e reparar alguns estragos do passadio do dia. Num ou dois minutos, passeávamos em liberdade entre todos aqueles objetos de curiosidade e interesse que se formam mentalmente na ausência de uma determinada pessoa e são tratados quando as pessoas se encontram de novo – uma se casou, a outra não; uma pensa assim, a outra pensa assado; uma se deu incrivelmente bem, a outra se deu espantosamente mal –, com todas aquelas especulações sobre a natureza humana e o surpreendente caráter do mundo em que vivemos, que brotam naturalmente desses inícios de conversa. Enquanto falávamos dessas coisas, porém, veio-me a embaraçosa impressão de que havia uma correnteza se formando, que levava tudo por diante, para um fim só seu. Podíamos estar falando da Espanha ou de Portugal, de livros ou de corridas de cavalo, mas o verdadeiro interesse do que falávamos não era nenhum desses assuntos, mas uma cena de pedreiros no alto de um telhado quinhentos anos atrás. Reis e nobres traziam imensos sacos de tesouros que despejavam sob o solo. Essa cena me voltava vívida e constante, e se punha ao lado de outra, de um gado magro, um mercado lamacento, verduras murchas, velhos de coração empedernido – essas duas imagens, incongruentes, desconexas, absurdas como eram, se juntavam e se combatiam sem cessar, deixando-me inteiramente à mercê delas. A melhor medida para que a conversa não se

distorcesse totalmente era expor o que eu tinha em mente e, com sorte, aquilo se enrugaria e se esfarelaria como a cabeça do rei defunto, quando abriram o caixão em Windsor. Assim, comentei rapidamente com a srta. Seton sobre os pedreiros que tinham passado todos aqueles anos no telhado da capela e sobre os reis, rainhas e nobres carregando ao ombro sacos e mais sacos de ouro e prata, que enterraram debaixo do solo; e que então chegaram os grandes magnatas financeiros de nossa época e puseram cheques e ações, suponho eu, ali onde os outros tinham posto lingotes e pepitas de ouro. Tudo isso está lá embaixo das faculdades, disse eu; mas essa faculdade em que estamos agora, o que está sob seus vistosos tijolos e os descuidados matos do jardim? Que força está por trás daqueles pratos de louça lisa em que jantamos e (aqui isso saiu da minha boca antes que eu conseguisse me conter) a carne, o creme e as ameixas?

Bom, disse Mary Setton, lá pelo ano de 1860... Ah, mas você sabe a história, disse ela, enfarando-se, suponho eu, à ideia de contá-la. E falou: Alugaram salas. Formaram comitês. Enviaram envelopes. Redigiram circulares. Fizeram reuniões; leram cartas em voz alta; fulano prometeu tanto; beltrano, pelo contrário, não vai dar um tostão. O *Saturday Review* foi muito ríspido. Como levantar fundos para pagar o pessoal? Fazemos um bazar beneficente? Não conseguimos uma moça bonita para ficar na frente? Vamos ver o que John Stuart Mill falou sobre o assunto. Alguém consegue convencer o editor de --- a publicar uma carta? Conseguimos que Lady --- assine? Lady --- não está na cidade. Foi assim que fizeram, imagina-se, sessenta anos atrás, foi um tremendo esforço e dedicaram um tempo enorme a isso. E foi só depois de longa luta que conseguiram com imensa dificuldade juntar trinta mil libras.5 Assim, é evidente que não podemos ter vinho, perdizes e criados transportando travessas de metal na

cabeça, disse ela. Não podemos ter sofás e quartos separados. “As amenidades”, disse ela citando de algum livro, “terão de esperar”.6

À ideia de todas aquelas mulheres trabalhando ano após ano, com grande dificuldade em reunir duas mil libras, e com o máximo de esforço conseguindo ao todo trinta mil libras, passamos a escarnecer da censurável pobreza de nosso sexo. O que nossas mães andavam fazendo naquela época, para não terem nenhuma fortuna para nos legar? Empoando o nariz? Olhando as vitrines das lojas? Exibindo-se ao sol em Monte Carlo? Havia algumas fotos no console da lareira. A mãe de Mary – se é que era ela – talvez até tenha sido uma esbanjadora nas horas livres (teve treze filhos com um pastor da igreja), mas, se foi, sua vida de diversão e dissipação lhe deixou pouquíssimos traços de prazer no rosto. Era uma figura prosaica, uma senhora de idade com um xale de lã xadrez preso com um grande camafeu, e aparecia sentada numa cadeira de vime, incentivando um spaniel a olhar para a câmera, com o ar divertido, mas preocupado de quem tem certeza de que o cão vai se mexer bem na hora em que pressionarem o disparador. Bom, se ela tivesse entrado no mundo dos negócios, se tivesse se tornado fabricante de seda artificial ou magnata na Bolsa de Valores; se tivesse deixado duzentas ou trezentas mil libras para Fernham, hoje poderíamos estar comodamente sentadas, e o tema de nossa conversa seria arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia. Se ao menos a sra. Seton, a mãe dela e a mãe da mãe dela tivessem aprendido a grande arte de enriquecer e tivessem legado seu dinheiro, como haviam feito antes seus pais e seus avós, para financiar cátedras, assistentes, prêmios e bolsas para uso das pessoas de seu sexo, poderíamos jantar aqui em cima, só nós, comendo uma boa ave e tomando uma boa garrafa de vinho; não

seria descabido antever confiantes uma vida agradável e respeitável ao abrigo de uma das profissões liberais prodigamente subsidiadas. Poderíamos estar escrevendo ou explorando o mundo; vagueando pelas venerandas plagas da terra, sentando-nos meditativas nos degraus do Partenon ou indo às dez da manhã para um escritório e voltando comodamente para casa às quatro e meia da tarde, para escrever um pouco de poesia. Se ao menos a sra. Seton e suas congêneres tivessem entrado no mundo dos negócios aos quinze anos de idade, não haveria – e este era o nó do problema – nenhuma Mary. O que, perguntei eu, Mary pensava a respeito? Ali, entre as cortinas, estava a noite de outubro, calma e agradável, com uma ou duas estrelas capturadas nas árvores que amareleciam. Estava ela disposta a renunciar à sua parte nisso e a suas reminiscências (pois tinham sido uma família feliz, apesar do tamanho) das brincadeiras e brigas lá na Escócia, que ela nunca se cansa de elogiar pela pureza do ar e pela qualidade dos bolos, para que Fernham pudesse ter recebido de uma só penada uma doação de cinquenta mil libras? Pois, para conseguir doar para uma faculdade, seria preciso eliminar totalmente a família. Acumular fortuna e criar treze filhos – nenhum ser humano conseguiria. Consideremos os fatos, dissemos nós. Primeiro, são nove meses até o bebê nascer. Então o bebê nasce. Então vêm três ou quatro meses amamentando o bebê. Depois de amamentar o bebê, certamente vêm cinco anos brincando com o bebê. Pelo que dizem, não se pode deixar as crianças correrem soltas pelas ruas. As pessoas que viram crianças correndo soltas na Rússia dizem que não é coisa agradável de se ver. Dizem também que a natureza humana adquire sua forma entre um e cinco anos de idade. Se a sra. Seton, disse eu, estivesse ocupada em ganhar dinheiro, de que brincadeiras e brigas você se lembraria? O que você

saberia da Escócia, do ar puro e dos bolos de lá, e de tudo o mais? Mas nem adianta fazer essas perguntas, porque você nunca sequer teria nascido. Além disso, de nada adianta perguntar o que teria acontecido se a sra. Seton, a mãe dela e a mãe da mãe dela tivessem acumulado uma grande fortuna e depositado essa fortuna sob os alicerces da faculdade e da biblioteca, porque, em primeiro lugar, era impossível ganharem dinheiro e, em segundo lugar, mesmo que fosse possível, a lei lhes negava o direito de serem donas do dinheiro que ganhassem. Só nestes últimos 48 anos a sra. Seton teve algum centavo seu. Em todos os séculos anteriores, o dinheiro teria sido propriedade do marido – pensamento que, talvez, deve ter contribuído para manter a sra. Seton, sua mãe e sua avó longe da Bolsa de Valores. Cada centavo que eu ganhar, podem ter dito, será tirado de mim e utilizado de acordo com a vontade de meu marido – talvez para subvencionar uma bolsa ou criar uma cátedra em Balliol ou Kings – e, portanto, ganhar dinheiro, mesmo que eu pudesse ganhar dinheiro, não é algo que me interesse muito. Melhor deixar isso para meu marido.

Em todo caso, fosse ou não culpa da senhora de idade que estava olhando o spaniel, não havia qualquer dúvida de que, por uma ou outra razão, nossas mães tinham administrado pessimamente seus negócios. Não conseguiram reservar um centavo para as “amenidades”, para perdizes e vinhos, bedéis e gramados, livros e charutos, bibliotecas e tempo de lazer. O máximo que conseguiram foi levantar da terra nua paredes nuas.

Assim conversávamos de pé junto à janela, olhando, como tantos milhares olham todas as noites, as cúpulas e torres da famosa cidade que se estendia sob nós. Era uma vista muito bonita, muito misteriosa ao luar de outono. As pedras antigas pareciam muito alvas e muito venerandas. A gente se sentia levada a pensar em todos os livros reunidos lá embaixo,

nos quadros de velhos prelados e altas sumidades nas salas de lambris, nos vitrais refletindo estranhos globos e crescentes no piso, nas placas, nos memoriais e nas inscrições, nas fontes e no gramado, nos aposentos silenciosos dando para os pátios silenciosos. E (perdoem-me por assim pensar) pus-me a pensar também nos magníficos charutos e vinhos, nas poltronas fundas e nos tapetes agradáveis: na cortesia, na jovialidade, na dignidade que são frutos do luxo, da privacidade e do espaço. Certamente nossas mães não nos haviam proporcionado nada que se comparasse a todas essas coisas – nossas mães, que tiveram dificuldade em conseguir trinta mil libras, nossas mães, que tiveram treze filhos com pastores de St. Andrews.

Então voltei para minha hospedaria e, enquanto percorria as ruas escuras, fiquei pensando numa e noutra coisa, como se faz ao final de um dia de trabalho. Pensei por que foi que a sra. Seton não teve dinheiro para nos deixar, qual o efeito da pobreza no espírito, qual o efeito da riqueza no espírito; pensei naqueles senhores esquisitos que eu tinha visto de manhã com peliças nos ombros; lembrei que um deles se punha em disparada ao ouvir um assobio; pensei no órgão retumbando na capela e nas portas fechadas da biblioteca; pensei como é desagradável ficar trancado do lado de fora, e pensei como é talvez pior ficar trancado do lado de dentro; e, pensando na segurança e prosperidade de um sexo, na pobreza e insegurança do outro e no efeito da tradição e da falta de tradição sobre o espírito de um escritor, pensei por fim que era hora de recolher a pele amarfanhada do dia, com seus argumentos e suas impressões, com sua raiva e suas risadas, e jogá-la a um canto. Mil estrelas cintilavam nas vastidões azuis do céu. A gente se sentia sozinha numa companhia inescrutável. Todos os seres humanos dormiam – de bruços, na horizontal,

inertes. Parecia não haver ninguém se movendo nas ruas de Oxbridge. Até a porta do hotel se abriu ao toque de uma mão invisível – não havia nenhum atendente acordado para iluminar meu caminho até a cama, tão tarde era.

---

1 Este ensaio baseia-se em dois artigos lidos para a Arts Society em Newnham e Odtaa em Girton em outubro de 1928. Os artigos eram longos demais para serem lidos integralmente, e foram desde então alterados e expandidos.

2 Charles Lamb (1775-1834), ensaísta e poeta britânico, mais conhecido pelo livro *Tales From Shakespeare*, em coautoria com sua irmã, Mary Lamb. (N.E.)

3 *"There has fallen a splendid tear/ From the passion-flower at the gate./ She is coming, my dove, my dear;/ She is coming, my life, my fate;/ The red rose cries, 'She is near, she is near';/ And the white rose weeps, 'She is late';/ The larkspur listens, 'I hear, I hear';/ And the lily whispers, 'I wait'."*

4 *"My heart is like a singing bird/ Whose nest is in a water'd shoot;/My heart is like an apple tree/ Whose boughs are bent with thick-set fruit,/ My heart is like a rainbow shell/ That paddles in a halcyon sea;/ My heart is gladder than all these/ Because my love is come to me."*

5 "Disseram-nos que temos de pedir pelo menos £30.000... Não é uma soma grande, levando em conta que haverá apenas uma faculdade desse gênero na Grã-Bretanha, Irlanda e colônias, e levando em conta como é fácil levantar somas enormes para as escolas masculinas. Mas, levando em conta como são poucas as pessoas que realmente querem educação para as mulheres, é um bom tanto" – Lady Stephen, *Emily Davies and Girton College*.

6 "Cada centavo que se conseguiu reunir foi reservado para a construção, e as amenidades tiveram de ser adiadas" – R. Strachey, *The Cause*.

CAPÍTULO 2

O cenário, e peço que me acompanhem, agora mudou. As folhas ainda caem, mas agora em Londres, não em Oxbridge, e peço que imaginem um quarto, como muitos milhares de outros, com uma janela que, passando por chapéus, furgões e automóveis, dá para outras janelas, e na mesa dentro do quarto uma folha de papel em branco, trazendo apenas em letras maiúsculas AS MULHERES E A LITERATURA, e só. A inevitável continuação do almoço e do jantar em Oxbridge, infelizmente, parecia ser uma visita ao Museu Britânico. Era preciso arrancar tudo o que havia de pessoal e contingente em todas essas impressões e chegar ao líquido puro, ao óleo essencial da verdade. Pois aquela visita a Oxbridge, aquele almoço e aquele jantar tinham desencadeado um turbilhão de perguntas. Por que os homens tomavam vinho e as mulheres água? Por que um sexo era tão próspero e o outro tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a literatura? Quais são as condições necessárias para a criação de obras de arte? Apresentavam-se mil perguntas ao mesmo tempo. Mas o necessário eram respostas, não perguntas; e só teríamos resposta consultando os eruditos e os imparciais, que se elevaram acima das disputas verbais e das confusões corporais, e depositaram o resultado de suas reflexões e pesquisas em livros que se encontram no Museu Britânico. Se não se encontrar a verdade nas prateleiras do Museu Britânico, onde, perguntei a mim mesma pegando um lápis e um caderno, estará a verdade?

Assim munida, assim confiante e inquisidora, pus-me em busca da verdade. O dia, embora não realmente úmido, estava escuro, e nas ruas perto do museu havia montes de carvoeiras com as tampas abertas por

onde se despejavam sacos de carvão; carros de aluguel transportavam e depositavam na calçada caixas amarradas com cordas contendo, imagina-se, o guarda-roupa inteiro de alguma família suíça ou italiana em busca de fortuna, refúgio ou algum outro bem que se encontra nas pensões de Bloomsbury durante o inverno. Os costumeiros homens de voz rouca desfilavam pelas ruas com carrinhos de plantas. Alguns gritavam, outros cantavam. Londres parecia uma oficina. Londres parecia uma máquina. Éramos todos arremessados nessa chapa lisa, para frente e para trás, para criar algum desenho. O Museu Britânico era outro departamento da fábrica. As portas de mola se escancararam, e a pessoa então se encontrava sob a vasta cúpula, como se fosse um pensamento na imensa fronte calva tão esplendidamente cercada por uma faixa de nomes ilustres. Ia-se até o balcão; pegava-se uma papeleta; abria-se um volume do acervo e ..... aqui os cinco pontinhos indicam os cinco minutos de estupefação, assombro e desconcerto. Vocês fazem ideia de quantos livros sobre mulheres são escritos ao longo de um ano? Vocês fazem ideia de quantos são escritos por homens? Vocês sabem que somos, talvez, o animal mais discutido do universo? Aqui tinha vindo eu com um caderno e um lápis, dispondo-me a passar uma manhã lendo, supondo que, no final da manhã, teria transposto a verdade para meu caderno. Mas eu precisaria ser uma manada inteira de elefantes, pensei eu, e uma selva inteira de aranhas, recorrendo desesperada aos animais tidos como os mais longevos e de visão simultânea mais abrangente, para lidar com tudo aquilo. Precisaria de garras de aço e bico de bronze meramente para conseguir atravessar a casca. Como encontrarei algum dia os grãos de verdade incrustados em toda essa quantidade de papel?, perguntei a mim mesma, e em desespero comecei a percorrer com os olhos a longa lista de títulos. Os nomes dos

livros já me davam, por si sós, material para pensar. O sexo e a natureza do sexo podiam naturalmente atrair médicos e biólogos; mas o que era surpreendente e de difícil explicação era o fato de que o sexo – isto é, a mulher – também atrai ensaístas agradáveis, autores de romances ligeiros, jovens que tiraram diploma de bacharel, homens que não tiraram diploma nenhum, homens sem nenhuma qualificação aparente, a não ser o fato de não serem mulheres. Alguns desses livros eram, pela aparência, frívolos e jocosos; mas muitos, por outro lado, eram sérios e proféticos, morais e edificantes. A mera leitura dos títulos sugeria inúmeros mestres-escolas, inúmeros clérigos subindo em seus estrados e púlpitos e discorrendo com uma loquacidade que ultrapassava em muito a hora geralmente reservada para tal discurso sobre esse assunto em particular. Era um fenômeno estranhíssimo e, aparentemente – aqui consultei a letra M –, reservado ao sexo masculino. As mulheres não escrevem livros sobre homens – fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois, se antes eu tivesse de ler tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres, e depois tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloé que floresce uma vez a cada cem anos floresceria duas vezes antes que eu conseguisse pôr a caneta no papel. Assim, escolhendo de maneira totalmente arbitrária uns doze volumes, coloquei minhas papeletas na cesta de arame e fiquei esperando à minha mesa, entre os demais que estavam em busca do óleo essencial da verdade.

Qual, então, seria a razão dessa curiosa disparidade, perguntei-me eu, desenhando rodas de carroça nas papeletas fornecidas pelo contribuinte britânico para outras finalidades. Por que as mulheres, a julgar por esse catálogo, são tão mais interessantes para os homens do que os homens para as mulheres? Parecia um fato realmente curioso, e minha mente

começou a vaguear, imaginando a vida dos homens que passavam o tempo escrevendo livros sobre mulheres: se eram velhos ou jovens, casados ou solteiros, de nariz vermelho ou corcunda nas costas – de todo modo, era lisonjeiro, vagamente, sentir-se objeto de tanta atenção, desde que não fosse concedida pelos enfermos e pelos inválidos – assim fiquei ponderando até que tais frívolos pensamentos foram interrompidos por uma avalanche de livros escorregando na mesa à minha frente. Agora começava o problema. O estudante que aprendeu a fazer pesquisas em Oxbridge certamente tem algum método de conduzir sua pergunta por entre todas as distrações até chegar à resposta, como um carneiro entrando em seu redil. O estudante a meu lado, por exemplo, copiando diligentemente trechos de um manual científico, sem dúvida estava, imaginei eu, extraindo a cada dez minutos as mais puras pepitas do minério essencial. Assim indicavam seus pequenos grunhidos de satisfação. Mas se a pessoa, infelizmente, não tiver formação universitária, a pergunta, longe de ser conduzida a seu redil, se espalha como rebanho assustado correndo aqui e acolá num tropel, perseguido por um bando todo de sabujos. Catedráticos, mestres-escolas, sociólogos, clérigos, romancistas, ensaístas, jornalistas, homens que não tinham nenhuma qualificação exceto o fato de não serem mulheres, perseguiam minha única e simples pergunta – Por que algumas mulheres são pobres? – até se desdobrar em cinquenta perguntas e até as cinquenta perguntas saltarem freneticamente no meio do rio e serem levadas pela água. Todas as páginas de meu caderno estavam rabiscadas de notas. Para mostrar meu estado de espírito naquele momento, lerei para vocês algumas delas, explicando que o cabeçalho da página era simplesmente AS MULHERES E A POBREZA, em letras maiúsculas; mas o que vinha a seguir era algo

mais ou menos assim:

Condição na Idade Média das,
Hábitos nas Ilhas Fiji das,
Cultuadas como deusas por,
Mais fracas em sentido moral do que,
Idealismo das,
Maior escrupulosidade das,
Habitantes das Ilhas do Sul, idade da puberdade entre,
Atrativo das,
Oferecidas em sacrifício a,
Dimensões reduzidas do cérebro das,
Subconsciente mais profundo das,
Menos pelos no corpo das,
Inferioridade mental, moral e física das,
Amor pelas crianças das,
Maior longevidade das,
Músculos mais fracos das,
Força das afeições das,
Vaidade das,
Educação superior das,
Opinião de Shakespeare sobre,
Opinião de Lorde Birkenhead sobre,
Opinião do deão Inge sobre,
Opinião de La Bruyère sobre,
Opinião de dr. Johnson sobre,
Opinião do sr. Oscar Browning sobre, ...

Aqui tomei fôlego e acrescentei à margem: por que Samuel Butler diz “Os sábios nunca falam o que pensam sobre as mulheres”? Os sábios, ao que parece, nunca falam de outra coisa. Mas, prossegui reclinando-me na cadeira e fitando a vasta cúpula onde eu só era um pensamento, mas agora um tanto aflito, a desgraça é que os sábios nunca pensam a mesma coisa

sobre as mulheres. Eis Pope:

> A maioria das mulheres não tem caráter nenhum.

E eis La Bruyère:

> *Les femmes sont extrêmes, elles sont meilleures ou pires que les hommes...*
> [As mulheres são extremas, são melhores ou piores do que os homens]

uma contradição direta entre observadores argutos que eram contemporâneos. Elas são capazes ou incapazes de educação? Napoleão pensava que eram incapazes. Dr. Johnson pensava o contrário.7 Têm ou não têm alma? Alguns bárbaros dizem que elas não têm alma alguma. Outros, pelo contrário, afirmam que as mulheres são semideusas e lhes prestam culto por causa disso.8 Alguns sábios sustentam que elas têm inteligência mais superficial; outros, que têm consciência mais profunda. Goethe as honrava; Mussolini as despreza. Para onde se olhasse, os homens pensavam sobre as mulheres, e pensavam de modos diferentes. Era impossível extrair alguma coerência daquilo tudo, concluí olhando com inveja o leitor ao lado, que fazia os mais claros resumos, muitas vezes antecedidos por um A, um B ou um C, enquanto meu caderno era a mais desvairada mixórdia de anotações contraditórias. Era irritante, era desconcertante, era humilhante. A verdade escapara por entre meus dedos. Qualquer gotícula se fora.

Não podia ir para casa, refleti eu, e oferecer como séria contribuição ao estudo das mulheres e da literatura que as mulheres têm menos pelos no corpo do que os homens ou que a idade da puberdade entre as habitantes das Ilhas do Sul é aos nove anos – ou noventa?... até mesmo a caligrafia,

naquela dispersão, tinha ficado indecifrável. Era uma desgraça não ter nada de maior peso ou respeitabilidade para mostrar depois de uma manhã inteira de trabalho. E se não consegui captar a verdade sobre as M. (como vim a chamá-las em prol da concisão), por que me incomodar com as M. no futuro? Parecia pura perda de tempo consultar todos aqueles senhores especialistas em mulheres e em seus efeitos sobre qualquer coisa – política, filhos, salários, moral –, por mais numerosos e eruditos que fossem. Mais valia nem abrir seus livros.

Mas, enquanto refletia, estive inconscientemente, em minha languidez, em meu desalento, desenhando uma figura no local onde, como meu vizinho, deveria redigir uma conclusão. Estive desenhando um rosto, um corpo. Era o rosto e o corpo do professor Von X, entregue à redação de sua obra monumental intitulada *A inferioridade mental, moral e física do sexo feminino*. No desenho, não era um homem que fosse atraente para as mulheres. Era corpulento, tinha queixo grande; para compensar, os olhos eram bem pequenos; o rosto era muito vermelho. Pela expressão, parecia trabalhar sob alguma emoção que o fazia cravar a caneta no papel como se estivesse matando algum inseto nocivo enquanto escrevia, mas, mesmo depois de matá-lo, não se dava por satisfeito; precisava continuar matando; mesmo assim, persistia alguma razão de fúria e irritação. Seria a esposa dele?, perguntei olhando meu desenho. Estava apaixonada por um oficial da cavalaria? O oficial da cavalaria era magro e elegante, com um casaco de astracã? Teria ele sido motivo de chacota no berço, para adotar a teoria freudiana, de alguma menina bonita? Pois mesmo no berço, pensei eu, o professor não teria sido um bebê atraente. Por qualquer razão que fosse, o professor aparecia no meu desenho como uma figura muito feia e muito raivosa, enquanto escrevia sua grande obra sobre a inferioridade

mental, moral e física das mulheres. Ficar desenhando figuras era uma forma ociosa de terminar uma manhã de trabalho inútil. Mas é em nossa ociosidade, em nossos sonhos, que às vezes aflora a verdade submersa. Um exercício muito elementar de psicologia, que nem merece o nome de psicanálise, me mostrou, ao olhar meu caderno, que o desenho do professor raivoso tinha sido feito com raiva. A raiva tinha se apoderado do meu lápis enquanto eu sonhava. Mas o que a raiva estava fazendo ali? O interesse, a perplexidade, o divertimento, o tédio – todas essas emoções eu podia rastrear e nomear enquanto se sucediam ao longo da manhã. A raiva, a serpente negra, estava ali de espreita entre elas? Sim, respondeu o desenho, estava, sim. Ele me remeteu inequivocamente ao exato livro, à exata frase que despertara o demônio; era a declaração do professor sobre a inferioridade mental, moral e física das mulheres. Meu coração tinha dado um salto. Minhas faces tinham ardido. Eu tinha enrubescido de raiva. Não havia nada de muito especial nessa reação, por mais tola que fosse. A gente não gosta que nos digam que somos naturalmente inferiores a um homenzinho – olhei o estudante ao meu lado – que respira ruidoso, usa gravata de nó que já vem pronto e faz quinze dias que não se barbeia. A gente tem certas vaidades tolas. É apenas a natureza humana, refleti eu, e comecei a desenhar rodas e círculos sobre o rosto do professor raivoso até ele ficar parecendo um arbusto ardente ou um cometa flamejante – em suma, uma aparição sem semblante nem significado humano. O professor agora não era nada além de um feixe de lenha queimando no alto de Hampstead Heath. Logo minha própria raiva se explicou e passou; mas a curiosidade ficou. Como explicar a raiva dos professores universitários? Por que eram raivosos? Pois, quando se analisava a impressão transmitida por esses livros, sempre havia um elemento acalorado. Esse calor assumia

muitas formas; mostrava-se como sátira, sentimentalidade, curiosidade, reprovação. Mas havia outro elemento que era bastante frequente e não dava para ser identificado de imediato. A raiva, disse eu. Mas era uma raiva que havia se dissimulado e se misturado com outras emoções das mais variadas. A julgar por seus estranhos efeitos, era uma raiva disfarçada e complexa, não uma raiva simples e franca.

Qualquer que fosse a razão, nenhum desses livros, pensei eu examinando a pilha em cima da mesa, serve a meus objetivos. Isto é, não serviam cientificamente, embora humanamente fossem muito instrutivos, interessantes, enfadonhos, com fatos muito esquisitos sobre os hábitos da população das ilhas Fiji. Tinham sido escritos à luz rubra da emoção e não à luz branca da verdade. Portanto, deviam ser devolvidos à mesa central e cada qual ser recolocado em seu alvéolo no imenso favo de mel. Tudo o que consegui extrair do trabalho daquela manhã foi o fato da raiva. Os professores universitários – assim agrupei todos eles – tinham raiva. Mas por que, perguntei a mim mesma depois de devolver os livros, por que, repeti de pé sob as arcadas entre os pombos e as canoas pré-históricas, por que têm raiva? E, enquanto me fazia essa pergunta, saí para encontrar um local para almoçar. Qual é a natureza real disso que, por ora, chamo de raiva deles?, perguntei. Aí estava um enigma que se prolongou durante o tempo que demoraram para servir a comida num pequeno restaurante perto do Museu Britânico. Algum cliente anterior tinha deixado numa cadeira a edição diurna do vespertino e, enquanto esperava ser servida, comecei a ler ociosamente as manchetes. Uma faixa de letras bem grandes atravessava a página de uma ponta a outra. Alguém marcara um grande tento na África do Sul. Faixas menores anunciavam que Sir Austen Chamberlain estava em Genebra. Encontrara-se num porão uma

machadinha de carne com cabelo humano nela. O Meritíssimo Juiz ... comentava nos Tribunais de Divórcio sobre o Despudor das Mulheres. Outras notícias se espalhavam pelo jornal. Haviam descido uma atriz de cinema do alto de uma montanha na Califórnia, deixando-a suspensa no ar. O dia ia ser nublado. O mais fugaz visitante desse planeta que pegasse esse jornal, pensei eu, não poderia deixar de notar, mesmo por esses testemunhos dispersos, que a Inglaterra está sob o domínio de um patriarcado. Ninguém em sã consciência poderia deixar de notar o predomínio do professor universitário. Dele eram o poder, o dinheiro e a influência. Era o proprietário, o editor e o subeditor do jornal. Era o ministro do Exterior e o juiz. Era o jogador de críquete; era o dono dos iates e dos cavalos de corrida. Era o diretor da empresa que paga 200% aos acionistas. Deixou milhões para faculdades e entidades beneficentes que ele mesmo dirigia. Suspendeu a atriz de cinema no ar. Decidirá se o cabelo na machadinha é humano ou não; será ele que vai absolver ou condenar o assassino e vai enforcá-lo ou soltá-lo. À exceção da neblina, ele parecia controlar tudo. E mesmo assim tinha raiva. Eu sabia que ele tinha raiva por este indício. Quando li o que ele escreveu sobre as mulheres – pensei não no que ele estava dizendo, mas nele mesmo. Quando um debatedor debate desapaixonadamente, ele pensa apenas no argumento, e o leitor não pode deixar de pensar no argumento também. Se ele tivesse escrito desapaixonadamente sobre as mulheres, se tivesse usado provas incontestáveis para fundamentar seu argumento e não tivesse dado nenhuma mostra de querer que o resultado fosse um e não outro, o leitor tampouco ficaria com raiva. Teria aceitado o fato, como se aceita o fato de que as ervilhas são verdes ou os canários são amarelos. Que seja, eu teria dito. Mas fiquei com raiva porque ele estava com raiva. Mas parecia

absurdo, pensei eu virando as páginas do vespertino, que um homem com todo esse poder ficasse com raiva. Ou a raiva, perguntei a mim mesma, será de certa forma o espírito familiar, o espírito acompanhante do poder? Os ricos, por exemplo, muitas vezes têm raiva porque desconfiam que os pobres querem se apoderar da riqueza deles. Os catedráticos, ou patriarcas, como talvez seja mais preciso chamá-los, talvez sejam raivosos em parte por essa razão, mas em parte por outra razão, que é menos óbvia à superfície. Talvez não sentissem "raiva" alguma; na verdade, muitas vezes eram afeiçoados, devotados, exemplares nas relações da vida pessoal. Talvez o professor, quando insistia com uma ênfase levemente excessiva sobre a inferioridade das mulheres, estivesse preocupado não com a inferioridade delas, mas com sua própria superioridade. Era isso o que ele estava protegendo um tanto acaloradamente com demasiada ênfase, pois para ele tratava-se de uma joia do mais raro valor. A vida para ambos os sexos – e olhei para eles, abrindo caminho na calçada – é árdua, difícil, uma luta constante. Demanda uma força e uma coragem gigantescas. Mais que tudo, talvez, criaturas iludidas que somos, demande confiança em si mesmo. Sem autoconfiança, somos como bebês no berço. E qual é a maneira mais rápida de gerar essa qualidade imponderável e, no entanto, tão inestimável? Pensando que as outras pessoas são inferiores a si. Sentindo que se tem alguma superioridade inata – pode ser a riqueza, a posição, um nariz reto ou o retrato de um avô pintado por Romney, pois os patéticos recursos da imaginação humana não têm fim – sobre outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que precisa conquistar, que precisa dominar, de sentir que grande número de pessoas, metade da espécie humana, na verdade, é por natureza inferior a ele. Deve ser, de fato, uma das fontes principais de seu poder. Mas vou acender a luz

dessa observação para iluminar a vida real, pensei. Isso ajuda a explicar alguns daqueles enigmas psicológicos que anotamos à margem da vida cotidiana? Explica meu assombro do outro dia quando Z, o mais bondoso, o mais modesto dos homens, pegando um livro de Rebecca West e lendo uma passagem, exclamou: “A feminista rematada! Ela diz que os homens são esnobes!”. A exclamação, tão surpreendente para mim – pois por que miss West seria uma feminista rematada por ter feito uma afirmação provavelmente verdadeira, ainda que não elogiosa, sobre o outro sexo? –, não era apenas o grito da vaidade ferida; era um protesto contra alguma transgressão de seu poder em acreditar em si mesmo. As mulheres têm servido todos esses séculos como espelhos com o mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Ainda estaríamos rabiscando as linhas de um cervo nos restos dos ossos de um carneiro e trocando pederneiras por peles de animais ou qualquer ornamento simples que agradasse a nosso gosto rudimentar. Super-Homens e Dedos do Destino nunca teriam existido. O Czar e o Kaiser nunca teriam posto ou perdido a coroa. Qualquer que seja o uso dos espelhos nas sociedades civilizadas, eles são essenciais a todas as ações violentas e heroicas. É por isso que Napoleão e Mussolini insistem com tanta ênfase na inferioridade das mulheres, pois, se não fossem inferiores, deixariam de ampliar. Isso serve para explicar em parte a necessidade tão frequente que as mulheres representam para os homens. E serve para explicar por que eles ficam agitados diante das críticas delas; e por que ela não pode lhes dizer que tal livro é ruim, que tal quadro é fraco ou qualquer outra coisa, sem causar dor muito maior e despertar muito mais raiva do que se fosse um homem a

fazer a mesma crítica. Pois, se ela começar a dizer a verdade, a figura no espelho vai encolher e não estará em tão boa forma para a vida. Como ele vai proferir julgamentos, civilizar nativos, elaborar leis, escrever livros, arrumar-se com elegância e fazer seus discursos em banquetes, a menos que possa se enxergar ao desjejum e durante o almoço com um tamanho pelo menos duas vezes maior do que realmente tem? Assim refletia eu, esfarelando o pão e mexendo o café e olhando de vez em quando as pessoas na rua. A visão do espelho é de importância suprema porque fortalece a vitalidade, estimula o sistema nervoso. Tire o espelho, e o homem é capaz de morrer, como o toxicômano privado de sua cocaína. Sob o sortilégio dessa ilusão, pensei eu olhando pela janela, metade das pessoas na calçada vai trabalhar com toda a disposição. Põem o chapéu e o casaco de manhã sob os agradáveis raios dessa ilusão. Começam o dia confiantes, animados, crendo-se desejados para o chá de miss Smith; dizem a si mesmos ao entrarem na sala, "Sou superior à metade das pessoas que estão aqui", e é assim que falam com aquela autoconfiança, aquela segurança que traz consequências tão profundas para a vida pública e leva a anotações mentais tão curiosas à margem das reflexões privadas.

Mas essas contribuições ao perigoso e fascinante tema da psicologia do outro sexo – que, espero, vocês investigarão quando tiverem suas quinhentas libras anuais – foram interrompidas pela necessidade de pagar a conta. Deu cinco xelins e nove pences. Estendi ao garçom uma nota de dez xelins, e ele foi buscar o troco. Havia outra nota de dez xelins na minha bolsa; notei isso porque o poder de minha bolsa em gerar automaticamente notas de dez xelins é um fato que ainda me tira o fôlego. Abro a bolsa e ali estão elas. A sociedade me fornece frango e café, cama e alojamento, em troca de certo número de pedaços de papel que uma tia me

deixou só porque tenho o mesmo nome dela.

Uma coisa que preciso lhes contar é que minha tia, Mary Beton, morreu ao cair do cavalo, quando saía para espairecer em Bombaim. Certa noite, recebi a notícia do que me coube como herança, mais ou menos na mesma época em que foi aprovada a lei do voto para as mulheres. Puseram na caixinha do correio uma carta do procurador e, quando abri, descobri que ela me deixara quinhentas libras anuais até o final da vida. Entre os dois – o voto e o dinheiro –, o dinheiro, reconheço, parecia infinitamente mais importante. Antes disso, eu me sustentava mendigando serviços avulsos em jornais, cobrindo uma exposição de burricos aqui ou um casamento ali; tinha ganhado algumas libras preenchendo envelopes, lendo para senhoras de idade, fazendo flores artificiais, ensinando o beabá às crianças de um jardim de infância. Tais eram as principais atividades abertas às mulheres antes de 1918. Creio que não preciso detalhar os rigores do trabalho, pois vocês talvez conheçam mulheres que desempenharam tais atividades, nem tampouco a dificuldade de viver do pagamento que se recebe, pois vocês mesmas podem ter passado por isso. Mas o que ainda trago comigo, como um castigo pior do que qualquer outro, é o veneno do medo e da amargura que aqueles dias geraram em mim. Para começar, estar sempre fazendo um trabalho que não se queria fazer, e fazer como escrava, adulando e bajulando, talvez nem sempre necessariamente, mas parecia necessário e havia coisas demais em jogo para correr riscos; e então a ideia de que aquele único dom que seria fatal ocultar – pequeno, mas caro à sua possuidora – estava perecendo e, com ele, meu ser, minha alma – tudo isso era como ferrugem consumindo a floração da primavera, destruindo a árvore em seu próprio cerne. Mas, como disse, minha tia morreu; e, sempre que troco uma nota de dez xelins, um pouco daquela ferrugem e

corrosão é removido, o medo e a amargura vão embora. Na verdade, pensei eu soltando as moedas dentro da bolsa, é admirável, lembrando a amargura daqueles dias, a mudança de ânimo que traz uma renda fixa. Nenhuma força no mundo pode me tirar minhas quinhentas libras. Tenho casa, comida e roupa pelo resto da vida. Portanto, não só o trabalho e a canseira somem, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar nenhum homem; eles não podem me ferir. Não preciso adular nenhum homem; eles não têm nada para me dar. Assim, vi-me adotando imperceptivelmente uma nova atitude em relação à outra metade da espécie humana. Era absurdo culpar qualquer classe ou qualquer sexo, como um todo. Grandes coletivos de gente nunca são responsáveis pelo que as pessoas fazem. Elas são movidas por instintos que escapam a seu controle. Eles também, os patriarcas, os catedráticos, tinham dificuldades incontáveis, obstáculos enormes a enfrentar. Tiveram uma educação, em alguns aspectos, tão falha quanto a minha. Criaram-se neles defeitos tão grandes quanto os meus. É verdade que tinham dinheiro e poder, mas somente ao preço de abrigarem no peito uma águia, um abutre, sempre devorando o fígado e arrancando os pulmões – o instinto de posse, a fúria de aquisição que os levam a desejar perpetuamente as terras e bens de outras pessoas, a criar fronteiras e bandeiras, navios de guerra e gases tóxicos; a oferecer a própria vida e a vida dos filhos. Andem pelo Arco do Almirantado (eu tinha chegado àquele monumento) ou por qualquer outra avenida dedicada a troféus e canhões, e reflitam sobre o tipo de glória que ali se celebra. Ou observem ao sol da primavera o corretor de ações e o grande advogado entrando no prédio para ganhar dinheiro, mais dinheiro e cada vez mais dinheiro, quando o fato é que quinhentas libras por ano bastam para nos mantermos à luz do Sol. São instintos desagradáveis de

abrigar, refleti eu. São nascidos das condições de vida, da falta de civilização, pensei, fitando a estátua do Duque de Cambridge, em especial as plumas do seu tricórnio, com um olhar tão fixo como provavelmente nunca receberam antes. E, conforme eu ia entendendo esses obstáculos, o medo e a amargura se transformaram gradualmente em pena e tolerância, e depois, num ou dois anos, a pena e a tolerância passaram e veio a maior libertação de todas, que é a liberdade de pensar as coisas nelas mesmas. Aquele prédio, por exemplo, gosto dele ou não? Aquele quadro é bonito ou não? Aquele livro, em minha opinião, é bom ou ruim? De fato, o legado de minha tia me desvelou o céu e substituiu a figura grande e imponente de um cavalheiro, que Milton recomendava à minha perpétua adoração, pela visão de um céu aberto.

Assim pensando, assim especulando, tomei o caminho de volta para casa ao longo do rio. Acendiam-se lâmpadas e ocorrera uma mudança indescritível em Londres desde as horas matinais. Era como se a grande máquina, depois de trabalhar o dia inteiro, tivesse criado com nossa ajuda alguns metros de algo muito belo e empolgante – uma estrutura faiscante de olhos rubros, um monstro fulvo rugindo com hálito de fogo. Até mesmo o vento parecia se arremessar como uma bandeira enquanto açoitava as casas e sacudia os tapumes.

Em minha ruela, porém, prevalecia a domesticidade. O pintor de casas descia de sua escada, a babá conduzia cuidadosamente o carrinho, de volta para dar de comer à criança; o carregador de carvão dobrava e empilhava os sacos vazios; a mulher que cuida da quitanda somava a féria do dia com as mãos de meias-luvas vermelhas. Mas tão absorta estava eu no problema que vocês puseram em meus ombros que nem sequer pude ver essas cenas habituais sem remetê-las a um ponto central. Pensei como agora é muito

mais difícil do que cem anos atrás dizer qual dessas atividades é a mais elevada, a mais necessária. É melhor ser carregador de carvão ou babá? A faxineira que criou oito filhos tem menos valor para o mundo do que o advogado que ganhou cem mil libras? É inútil fazer essas perguntas, pois ninguém pode respondê-las. Não só os valores comparativos de faxineiras e advogados aumentam e diminuem de década para década, como tampouco temos réguas para medi-los sequer como estão no momento. Tinha sido bobagem minha pedir a meu catedrático que me apresentasse "provas incontestáveis" disso ou daquilo em seus argumentos sobre as mulheres. Mesmo que alguém conseguisse formular o valor atual de algum talento, esses valores vão mudar; daqui a um século, é muito provável que tenham mudado completamente. Além disso, em cem anos, pensei eu chegando à porta de casa, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e de todos os trabalhos que antes lhes eram negados. A babá carregará carvão. A quitandeira vai operar uma máquina. Todas as suposições baseadas nos fatos observados quando as mulheres eram o sexo protegido terão desaparecido – como, por exemplo (e aqui um pelotão de soldados passou marchando pela rua), de que mulheres, sacerdotes e jardineiros vivem mais do que as outras pessoas. Retire-se essa proteção, exponham-nas aos mesmos trabalhos e atividades, convertam-nas em soldadas, marinheiras, operadoras de máquinas e estivadoras, e as mulheres não morrerão tão mais novas, tão mais rápido do que os homens a ponto de se dizer: "Hoje vi uma mulher" tal como se costumava dizer "Hoje vi um aeroplano". Quando ser mulher deixar de ser uma atividade protegida, pensei eu abrindo a porta, tudo poderá acontecer. Mas qual a importância disso tudo para o tema da minha palestra, "As mulheres e a literatura"?, perguntei eu,

entrando em casa.

---

7 "'Os homens sabem que as mulheres lhes são superiores, e por isso escolhem as mais fracas ou as mais ignorantes. Se não pensassem assim, nunca temeriam que as mulheres soubessem tanto quanto eles'... Para fazer justiça ao sexo, parece-me correto admitir que, numa conversa posterior, ele me disse que falava a sério" – Boswell, *The Journal of a Tour to the Hebrides*.

8 "Os germanos antigos acreditavam que havia algo sagrado nas mulheres e, de acordo com isso, consultavam-nas como oráculos" – Frazer, *The Golden Bough*.

CAPÍTULO 3

Foi uma decepção voltar à noite para casa sem qualquer afirmação importante, sem qualquer fato autêntico. As mulheres são mais pobres do que os homens por causa de – tal ou tal. Talvez agora fosse melhor desistir de procurar a verdade e de acolher no espírito opiniões numa avalanche fervente como lava, fosca como água servida. Seria melhor fechar as cortinas, evitar distrações, acender a lâmpada, estreitar o foco de indagação e pedir ao historiador, que registra fatos e não opiniões, que descreva as condições em que as mulheres viviam, não ao longo dos tempos, mas na época, digamos, de Elizabeth na Inglaterra.

Pois é um eterno enigma que nenhuma mulher tenha escrito uma única palavra dessa extraordinária bibliografia, ao passo que metade dos homens, pelo visto, era capaz de escrever canções ou sonetos. Quais eram as condições em que as mulheres viviam?, perguntei a mim mesma; pois a literatura, como trabalho imaginativo, não cai do alto como uma pedrinha no chão, como talvez ocorra com a ciência; a literatura é como uma teia de aranha, ligada, sempre muito levemente, talvez, mas ainda assim ligada à vida por todos os lados. Muitas vezes mal se percebe essa ligação; as peças de Shakespeare, por exemplo, parecem pender ali totalmente sozinhas. Mas, quando se repuxa a teia de lado, enrola-se a ponta, rasga-se no meio, a pessoa percebe que essas teias não são tecidas no ar por criaturas incorpóreas, mas são obra de seres humanos sofredores e estão ligadas a coisas grosseiramente materiais, como a saúde, o dinheiro e a casa onde moramos.

Assim, fui até a prateleira onde ficam os volumes de história e tirei um

dos mais recentes, *A história da Inglaterra*, do professor Trevelyan. Mais uma vez, procurei "Mulheres", encontrei "posição das" e fui às páginas indicadas. "Bater na esposa", li, "era um direito reconhecido do homem, e era praticado sem pena por nobres e por plebeus..." E prossegue o historiador:

> Da mesma forma, a filha que se negava a desposar o cavalheiro escolhido por seus pais estava sujeita a ser trancada, espancada e empurrada de um lado e outro do quarto, sem que a opinião pública se sentisse minimamente chocada. O casamento não era uma questão de afeição pessoal, e sim de avareza familiar, especialmente entre as elites "aristocráticas"... Muitas vezes firmava-se o noivado quando uma ou as duas partes ainda estavam no berço, e o casamento se realizava quando mal saíam dos cuidados de uma babá.

Isso era por volta de 1470, logo após a época de Chaucer. A referência seguinte à posição das mulheres se passa cerca de duzentos anos depois, na época dos Stuart. "Ainda era exceção que as mulheres da classe alta e média escolhessem o marido, e, depois de designado o marido, ele era mestre e senhor, pelo menos até onde lhe permitiam a lei e o costume. Mas, apesar disso", conclui o professor Trevelyan, "nem as mulheres de Shakespeare, nem as de memórias seiscentistas autênticas, como as de Verney e as de Hutchinson, parecem carecer de personalidade e caráter". Sem dúvida, se pensarmos nisso, Cleópatra devia ter uma maneira toda sua; Lady Macbeth, supõe-se, tinha vontade própria; Rosalind, pode-se imaginar, era uma moça atraente. O professor Trevelyan não está dizendo senão a verdade quando comenta que as mulheres de Shakespeare parecem não carecer de personalidade e caráter. Não sendo historiadoras, poderíamos ir ainda além e dizer que as mulheres brilham como faróis em todas as obras de todos os poetas desde o início dos tempos –

Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalind, Desdêmona, a duquesa de Malfi, entre os dramaturgos; então, entre os prosadores, Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Anna Karenina, Emma Bovary, Madame de Guermantes – os nomes acorrem em quantidade, e não evocam mulheres "carentes em personalidade e caráter". Na verdade, se a mulher não existisse senão na literatura escrita por homens, iríamos imaginá-la como uma pessoa da mais alta importância; muito variada; heroica e mesquinha, magnífica e sórdida, infinitamente bela e medonha ao extremo, grande como um homem, alguns pensam que ainda maior.9 Mas esta é a mulher na literatura. Na verdade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancada no quarto, espancada e surrada.

Assim, surge um ser composto muito estranho. Imaginativamente, ela é da mais alta importância; na prática, é completamente insignificante. Permeia a poesia de uma ponta a outra; está quase ausente da história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na realidade, é escrava de qualquer rapaz cujos pais lhe enfiem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos na literatura saem de seus lábios; na vida real, ela mal sabia ler, mal sabia escrever e era propriedade do marido.

Certamente era um monstro estranho que resultava da leitura, primeiro dos historiadores e depois dos poetas – um verme alado como uma águia; o espírito da vida e da beleza numa cozinha picando sebo. Mas esses monstros, por mais que entretenham a imaginação, não têm existência real. Para trazê-la à vida, era preciso pensar poética e prosaicamente ao mesmo tempo, assim mantendo contato com o fato – ela é a sra. Martin, de 36 anos de idade, vestida de azul, com chapéu preto e sapatos marrons, mas sem perder de vista a ficção – ela é um recipiente em que espíritos e

forças correm e cintilam perpetuamente. Mas, no momento em que se experimenta esse método com a mulher elisabetana, um dos lados continua obscuro; detemo-nos pela escassez de fatos. Não se sabe nada detalhado, nada plenamente verdadeiro e substancial sobre ela. A história mal chega a mencioná-la. E recorri mais uma vez ao professor Trevelyan para ver o que a história significava para ele. Examinando os títulos dos capítulos, descobri que significava...

"O Tribunal Feudal e os Métodos da Agricultura Extensiva... Os Cistercienses e a Ovinocultura... As Cruzadas... A Universidade... A Câmara dos Comuns... A Guerra dos Cem Anos... A Guerra das Rosas... Os Eruditos do Renascimento... A Dissolução dos Mosteiros... Conflitos Agrários e Religiosos... A Origem do Poder Marítimo Inglês... A Armada...", e assim por diante. De vez em quando menciona-se uma mulher, uma Elisabeth ou uma Maria, uma rainha ou uma grande dama. Mas mulheres de classe média, dispondo apenas de inteligência e caráter, não poderiam de forma alguma ter participado de qualquer dos grandes movimentos que, reunidos, constituem a visão do historiador sobre o passado. Nem tampouco a encontraremos numa coletânea de crônicas. Aubrey mal a menciona. Ela nunca escreve sua biografia e dificilmente tem um diário; existe apenas uma meia dúzia de cartas suas. Não deixou peças nem poemas pelos quais poderíamos julgá-la. Precisamos, pensei eu – e por que alguma brilhante aluna de Newnham ou Girton não o providencia? –, de um grande volume de informações; com que idade se casou; quantos filhos tinha, em média; como era a casa dela; tinha um quarto só seu; cozinhava; dispunha de ajudantes? Todos esses fatos devem estar em algum lugar, nos registros da paróquia e nos livros de contabilidade; a vida da mulher elisabetana média deve estar dispersa em

algum lugar; alguém poderia reuni-la e fazer um livro. Seria de uma ambição que ultrapassa minha ousadia, pensei enquanto procurava nas prateleiras livros que não havia ali, sugerir às alunas daquelas faculdades famosas que reescrevessem a história, embora eu reconheça que muitas vezes ela parece um pouco esquisita, irreal, pendendo para um lado só; mas por que não poderiam acrescentar um suplemento à história, dando-lhe, claro, algum nome discreto para que as mulheres possam figurar ali sem ferir o decoro? Pois volta e meia vislumbramos sua presença na vida dos grandes, passando ligeiras ao fundo, disfarçando, às vezes penso eu, uma piscadela, uma risada, talvez uma lágrima. E, afinal, temos biografias suficientes de Jane Austen; não parece muito necessário avaliar mais uma vez a influência das tragédias de Joanna Baillie na poesia de Edgar Allan Poe; quanto a mim, não me importaria se as casas e locais frequentados por Mary Russell Mitford ficassem fechados ao público pelo menos por cem anos. Mas o que acho lamentável, prossegui olhando novamente as prateleiras de livros, é que não se sabe nada sobre as mulheres antes do século XVIII. Não disponho de nenhum modelo mental para examinar sob um ou outro ângulo. Aqui estou eu perguntando por que as mulheres não escreviam poesia na era elisabetana, e não sei como eram educadas, se aprendiam a escrever, se tinham saletas para elas, quantas mulheres tinham filhos antes de chegar aos 21 anos; em suma, o que faziam das oito da manhã às oito da noite. Não tinham dinheiro, evidentemente; segundo o professor Trevelyan, casavam-se, quisessem ou não, antes de ficarem adultas, muito provavelmente aos quinze ou dezesseis anos. Seria extremamente bizarro, mesmo com essa amostragem, se uma delas de repente tivesse escrito as peças de Shakespeare, concluí eu e pensei naquele velho senhor, agora morto, mas era um bispo, creio, que declarou

impossível que qualquer mulher, do passado, presente ou futuro, tivesse o gênio de Shakespeare. Ele escreveu a esse respeito nos jornais. Também disse a uma senhora, que o consultou pedindo informações, que os gatos na verdade não vão para o céu, embora, acrescentou ele, tenham uma espécie de alma. De quanta reflexão aqueles velhos senhores poupavam os outros! Como as fronteiras da ignorância se encolhiam quando eles se aproximavam! Gatos não vão para o céu. Mulheres não são capazes de escrever as peças de Shakespeare.

Seja como for, não pude deixar de pensar, enquanto fitava as obras de Shakespeare na prateleira, que o bispo pelo menos nisso tinha razão; teria sido impossível, total e absolutamente impossível que uma mulher escrevesse as peças de Shakespeare na época de Shakespeare. Imaginemos, já que é tão difícil dispor de fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse uma irmã de magníficos talentos, chamada, digamos, Judith. Shakespeare foi, muito provavelmente – sua mãe tinha herança própria –, para a escola, onde teria aprendido latim – Ovídio, Virgílio e Horácio – e os fundamentos de gramática e lógica. Era, como se sabe, um rapazote travesso que caçava coelhos nas reservas, talvez atirasse em algum cervo, e teve de se casar antes do que gostaria com uma mulher da vizinhança, que lhe deu um filho mais rápido do que seria decente. Essa escapadela o levou a buscar fortuna em Londres. Tinha, ao que parece, gosto pelo teatro; começou cuidando dos cavalos na entrada do teatro. Logo passou a trabalhar no palco, virou um ator de sucesso e se viu no centro do universo, encontrando todos, conhecendo todos, praticando sua arte no palco, exercitando seu engenho nas ruas e até tendo acesso ao palácio da rainha. Enquanto isso, imaginemos, sua irmã extraordinariamente dotada ficou em casa. Era tão aventurosa, tão imaginativa, tão ansiosa por

conhecer o mundo quanto ele. Mas não a enviaram à escola. Não teve oportunidade de aprender gramática ou lógica, e muito menos de ler Horácio e Virgílio. De vez em quando pegava um livro, talvez do irmão, e lia algumas páginas. Mas aí os pais entravam e lhe diziam para tratar de remendar meias ou cuidar do refogado, em vez de ficar devaneando entre livros e papéis. Falariam com gentileza, mas com firmeza, pois eram gente abastada que conhecia as condições de vida para uma mulher e amavam a filha – de fato, o mais provável é que ela fosse a menina dos olhos do pai. Talvez, longe de olhos alheios, rabiscasse algumas páginas às escondidas no sótão, porém tendo o cuidado de escondê-las ou queimá-las. Mas, logo antes de sair da adolescência, dariam sua mão ao filho de um vizinho comerciante de lãs. Ela gritou que odiaria se casar, e por essa razão levou uma grande surra do pai. Então ele parou de repreendê-la. Passou a lhe suplicar que não o magoasse, não o envergonhasse quanto a essa questão do casamento. Disse que lhe daria um colar de contas ou uma bela anágua; e falou com lágrimas nos olhos. Como ela podia desobedecê-lo? Como podia lhe destroçar o coração? Foi a força de seu talento que a convenceu. Arrumou um pequeno fardo com suas coisas, desceu por uma corda numa noite de verão e tomou a estrada para Londres. Não tinha ainda dezessete anos. As aves que cantavam nas sebes não eram mais melodiosas do que ela. Tinha a mais viva imaginação, dom igual ao do irmão, para a musicalidade das palavras. Como ele, tinha gosto pelo teatro. Pôs-se à porta do teatro; queria atuar, disse ela. Os homens riram na sua cara. O diretor – um sujeito gordo de boca frouxa – soltou uma gargalhada. Comentou aos berros algo sobre cachorrinhos dançando e mulheres atuando – mulher nenhuma, disse ele, poderia ser atriz. Insinuou... vocês bem podem imaginar o quê. Não poderia praticar o ofício. Poderia sequer

jantar numa taverna ou vaguear pelas ruas à meia-noite? Mas seu gênio era literário e queria se alimentar fartamente com a vida de homens e mulheres e com o estudo de sua maneira de ser. Por fim – pois ela era muito nova, com uma fisionomia de singular semelhança com a de Shakespeare poeta, com os mesmos olhos cinzentos e as sobrancelhas arqueadas – por fim, o ator-diretor Nick Greene se compadeceu dela; ela se viu prenhe daquele cavalheiro e assim – quem pode avaliar o ardor e a violência do coração do poeta quando está preso e enredado num corpo de mulher? – matou-se numa noite de inverno e está enterrada em alguma encruzilhada onde agora param os ônibus, na frente da estalagem Elephant and Castle.

Assim, penso eu, seria mais ou menos a história se uma mulher na época de Shakespeare tivesse o gênio de Shakespeare. Mas, quanto a mim, concordo com o finado bispo, se é que o era – é impensável que alguma mulher na época de Shakespeare tivesse o gênio de Shakespeare. Pois um gênio como o de Shakespeare não nasce entre gente inculta, servil, trabalhadora. Não nasceu na Inglaterra entre os saxões e os bretões. Não nasce hoje entre as classes trabalhadoras. Como, então, poderia nascer entre mulheres cujo trabalho, segundo o professor Trevelyan, começava quase antes de deixarem seus brinquedos, que eram obrigadas a isso pelos pais e presas a tal por todo o poder da lei e dos costumes? E, no entanto, deve ter existido um gênio assim entre as mulheres, tal como deve ter existido entre as classes trabalhadoras. De vez em quando irrompe uma Emily Brontë ou um Robert Burns e comprova a presença desse gênio. Mas certamente nunca chegou ao papel. E, quando lemos sobre uma bruxa sendo afogada, uma mulher possuída por demônios, uma curandeira vendendo ervas ou mesmo um homem muito admirável que tinha mãe,

então penso que estamos nos rastros de uma romancista perdida, de uma poeta sufocada, de algum muda e inglória Jane Austen, de alguma Emily Brontë que quebrava a cabeça na charneca ou fazia cara feia pelas estradas, enlouquecida com a tortura que seus dons lhe infligiam. Na verdade, arrisco a dizer que *Anôn*., que escreveu tantos poemas sem os assinar, muitas vezes era mulher. Foi uma mulher, sugeriu Edward Fitzgerald, creio eu, quem fez as baladas e as cantigas folclóricas para ninar os filhos, para se distrair enquanto fiava ou para enganar a longa noite de inverno.

Isso pode ser verdade ou não – quem sabe? –; mas o que é verdade, ao que me pareceu revendo a história que inventei sobre a irmã de Shakespeare, é que qualquer mulher nascida com grandes talentos no século XVI certamente teria enlouquecido, se dado um tiro ou terminado seus dias em algum distante chalé solitário, meio bruxa, meio curandeira, temida e escarnecida. Pois não é preciso ter grande experiência em psicologia para saber que uma moça altamente dotada que tentasse empregar seus talentos poéticos se veria tão ameaçada e tolhida pelos outros, tão torturada e dividida por seus próprios instintos contrários, que certamente perderia a saúde e a sanidade mental. Nenhuma moça iria a pé até Londres, se postaria à porta de um teatro e se imporia à presença de atores-gerentes sem praticar violência contra si mesma e sofrer uma angústia que talvez fosse irracional – pois a castidade pode ser um fetiche inventado por certas sociedades por razões desconhecidas –, mas mesmo assim inevitável. A castidade tinha na época e ainda continua a ter grande importância religiosa na vida de uma mulher, e vem tão envolta em instintos e nervos que libertá-la e trazê-la à luz demanda a mais rara coragem. Ter uma vida livre em Londres no século XVI constituiria para

uma mulher que fosse poeta e dramaturga um dilema e um desgaste nervoso que poderiam matá-la. Se sobrevivesse, tudo o que escrevesse seria distorcido e deformado, brotando de uma imaginação tensa e mórbida. E sem dúvida, pensei eu olhando para a prateleira onde não há nenhuma peça escrita por mulheres, a obra não viria assinada. Esse refúgio ela certamente buscaria. Eram os resquícios do senso de castidade que impunham o anonimato às mulheres, mesmo no século XIX. Currer Bell, George Eliot, George Sand, todas elas vítimas da luta interior, como provam seus escritos, tentaram inutilmente se proteger com o véu de um nome masculino. Assim renderam homenagem à convenção, a qual, se não foi implantada pelo outro sexo, era prodigamente incentivada pelos homens (a glória suprema de uma mulher é não ser comentada, disse Péricles, ele mesmo homem muito comentado), de que a publicidade nas mulheres é abominável. O anonimato corre em suas veias. Ainda são possuídas pelo desejo de se manter veladas. Nem mesmo agora se preocupam com a fama tanto quanto os homens e, falando em termos gerais, passam por uma lápide ou um poste sem sentir uma irresistível vontade de entalhar seus nomes ali, como Alf, Bert ou Chas precisam fazer em obediência a seus instintos, que murmuram ao ver passar uma bela mulher ou até um cachorro, *Ce chien est à moi*. E, claro, pode não ser um cachorro, pensei eu, lembrando a Parliament Square, a Sieges Allee e outras avenidas; pode ser uma extensão de terra ou um homem de cabelo preto e crespo. Uma das grandes vantagens de ser mulher é que se pode até mesmo passar ao lado de uma belíssima negra sem querer torná-la inglesa.

Aquela mulher, então, nascida com o dom da poesia no século XVI, era uma mulher infeliz, uma mulher em luta consigo mesma. Todas as condições de sua vida, todos os seus instintos eram contrários ao estado

mental que é necessário para se libertar qualquer coisa que esteja no cérebro. Mas qual é o estado mental mais propício ao ato de criação?, perguntei eu. Pode-se ter alguma ideia do estado que favorece e possibilita essa estranha atividade? Aqui abri o volume com as *Tragédias* de Shakespeare. Qual era o estado mental de Shakespeare quando escreveu, por exemplo *Lear* e *Antônio e Cleópatra*? Decerto era o estado mental mais favorável à poesia que já existiu. Mas Shakespeare, pessoalmente, não comentou nada a respeito. Sabemos apenas por acaso que ele "nunca riscou uma linha". Com efeito, até o século XVIII, nunca o artista disse nada sobre seu estado mental. Foi talvez Rousseau quem começou com isso. Seja como for, no século XIX a consciência de si mesmo já tinha se desenvolvido tanto que era costume dos homens de letras descreverem seus estados mentais em confissões e autobiografias. Também se escrevia sobre a vida deles e publicavam-se suas cartas após a morte. Assim, não sabemos pelo que passava Shakespeare quando escreveu *Lear*, mas sabemos pelo que passava Carlyle ao escrever a *Revolução Francesa*, pelo que passava Flaubert ao escrever *Madame Bovary*, pelo que passava Keats ao tentar escrever poemas contra a morte próxima e a indiferença do mundo.

E depreende-se, dessa enorme literatura moderna da confissão e da autoanálise, que escrever uma obra de gênio é quase sempre uma façanha de imensa dificuldade. Vai contra todas as probabilidades que ela saia íntegra e completa da mente do escritor. As circunstâncias materiais geralmente são adversas. Cachorros latem, pessoas interrompem, é preciso ganhar alguma renda, a saúde fraqueja. Além disso, acentuando e tornando ainda mais difícil suportar todas essas dificuldades, há a notória indiferença do mundo. O mundo não pede às pessoas que escrevam

poemas, romances e histórias; não precisa deles. O mundo pouco se importa se Flaubert encontra a palavra certa ou se Carlyle verifica escrupulosamente tal e tal fato. E claro que o mundo não vai pagar pelo que não quer. Assim, o escritor, Keats, Flaubert, Carlyle, sofre, sobretudo nos anos criativos da juventude, todas as formas de distração e desestímulo. Desses livros de análise e confissão, ergue-se uma praga, um grito de angústia. "Grandes poetas em sua miséria mortos" – este é o fardo de suas canções. Se, a despeito de tudo isso, brota alguma coisa, é um milagre, e provavelmente nenhum livro nasce íntegro e completo como fora concebido.

Mas para as mulheres, pensei eu olhando as prateleiras vazias, essas dificuldades são indizivelmente mais gigantescas. Em primeiro lugar, um quarto só seu, ainda mais um quarto tranquilo ou à prova de som, estava fora de questão, a menos que ela tivesse pais excepcionalmente ricos ou muito nobres, e isso até o começo do século XIX. Como seu dinheirinho miúdo, que dependia da boa vontade paterna, bastava apenas para ter suas roupas, estavam-lhe vedados os refrigérios que mesmo Keats, Tennyson ou Carlyle, todos eles pobres, extraíam de uma excursão a pé, de uma curta viagem até a França ou do aposento em separado que, por miserável que fosse, protegia-os das demandas e tiranias de suas famílias. Essas dificuldades materiais eram enormes; mas muito piores eram as imateriais. A indiferença do mundo que Keats, Flaubert e outros homens de gênio achavam tão difícil suportar não era, no caso dela, indiferença e sim hostilidade. O mundo não lhe dizia o que dizia a eles: Escreva se quiser; para mim, não faz a menor diferença. O mundo lhe dizia numa gargalhada: escrever? E para que você vai escrever? Aqui as psicólogas de Newnham e Girton podiam vir em nosso auxílio, pensei eu olhando

novamente para os espaços vazios nas prateleiras. Pois certamente é hora de avaliar o efeito do desestímulo na mente do artista, tal como vi fazer uma fábrica de laticínios, para avaliar o efeito do leite comum e do leite Tipo A sobre o corpo dos ratos. Puseram dois ratos em gaiolas, lado a lado, e um deles era furtivo, tímido e miúdo, e o outro era lustroso, atrevido e graúdo. Ora, com que alimento alimentamos as mulheres como artistas?, perguntei lembrando-me, imagino, daquele jantar de creme com ameixas secas. Para responder a essa pergunta, bastou-me abrir a edição vespertina do jornal e ler que Lorde Birkenhead é da opinião... mas realmente não vou me dar ao trabalho de transcrever a opinião de Lorde Birkenhead sobre os escritos das mulheres. Vou deixar em paz as declarações do deão Inge. O especialista da Harley Street pode despertar ecos na Harley Street com suas vociferações, e nenhum um fio de cabelo meu se arrepiará. Mas vou citar o sr. Oscar Browning, porque o sr. Oscar Browning foi outrora uma grande figura em Cambridge e aplicava as provas às alunas de Girton e Newnham. O sr. Oscar Browning costumava declarar "que a impressão que lhe ficava no espírito, depois de examinar qualquer maço de provas, era que, independentemente das notas que desse, a melhor mulher era intelectualmente inferior ao pior homem". Depois de dizer isso, o sr. Browning voltava a seus aposentos – e é essa continuação que o faz estimado e o converte numa figura humana de certo porte e majestade – ele voltou a seus aposentos e encontrou um cavalariço deitado no sofá – "um mero esqueleto, as faces eram pálidas e encovadas, os dentes pretos, e parecia não ter uso pleno dos membros. É Arthur", disse o sr. Browning. "É realmente um bom rapaz e muito honrado." As duas imagens sempre me parecem complementares. E felizmente, nessa era da biografia, as duas imagens muitas vezes se completam mutuamente, de

modo que podemos interpretar as opiniões dos grandes homens não só pelo que dizem, mas pelo que fazem.

Todavia, mesmo que agora isso seja possível, tais opiniões vindas de gente importante deviam ter um peso tremendo mesmo cinquenta anos atrás. Suponhamos que um pai, pelos mais elevados motivos, não quisesse que a filha saísse de casa e virasse escritora, pintora ou acadêmica. "Veja o que diz o sr. Oscar Browning", diria ele; e não era só o sr. Oscar Browning; havia a *Saturday Review*; havia o sr. Greg – os "princípios essenciais de ser mulher", declarou ele enfaticamente, "consistem em que *elas são sustentadas pelos homens e atendem a eles*"; havia um conjunto enorme de opiniões masculinas sustentando que não se podia esperar nada das mulheres em termos intelectuais. Mesmo que o pai da jovem não lesse essas opiniões em voz alta, qualquer moça podia lê-las por conta própria; e tal leitura, mesmo no século XIX, decerto diminuía sua vitalidade e se imprimia profundamente em sua obra. Sempre haveria aquela afirmação – você não pode fazer isso, você não é capaz de fazer aquilo outro – contra a qual protestar, a qual derrotar. Esse germe provavelmente já não surte tanto efeito, pois existem escritoras de mérito. Mas, para as pintoras, ele ainda deve ter alguma força; e para as músicas, imagino eu, mesmo agora é ativo e extremamente venenoso. A compositora está na posição que a atriz ocupava na época de Shakespeare. Nick Greene, pensei eu lembrando a história que inventei sobre a irmã de Shakespeare, disse que uma mulher atuando lhe parecia um cachorro dançando. Johnson repetiu a frase duzentos anos depois, sobre as mulheres pregando. E aqui, disse eu abrindo um livro sobre música, temos as mesmíssimas palavras, usadas novamente neste ano da graça de 1928, sobre as mulheres que tentam compor música. "Sobre a srta. Germaine Taillferre, só se pode repetir a

frase do sr. Johnson sobre uma mulher pregadora, aplicada à música. 'Senhor, uma mulher compondo é como um cachorro andando sobre as patas traseiras. O resultado não sai bem feito, mas ficamos surpresos que consiga fazê-lo.'"10

Assim, concluí eu fechando a biografia do sr. Oscar Browning e afastando o resto, é muito evidente que, mesmo no século XIX, a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário, era desdenhada, estapeada, repreendida e censurada. A necessidade de se opor a isso, de desmentir aquilo outro, decerto desgastava a mente e diminuía a vitalidade. Pois aqui estamos mais uma vez na órbita daquele interessantíssimo e obscuro complexo masculino que tem exercido tanta influência sobre o movimento das mulheres: aquele desejo profundamente entranhado, não tanto de que *ela* seja inferior, mas de que *ele* seja superior, que o coloca, onde quer que se olhe, não só à frente das artes, mas barrando também o acesso à política, mesmo quando o risco para ele parece infinitesimal e a solicitante se mostra humilde e devotada. Até Lady Bessborough, lembrei-me, com toda sua paixão pela política, teve de se curvar humildemente e escrever a Lady Granville Leveson-Gower: "...a despeito de toda minha violência em política e de falar tanto sobre esse assunto, concordo plenamente consigo que nenhuma mulher tem qualquer motivo para se intrometer neste ou em qualquer outro assunto sério, além de dar sua opinião (se lhe for pedida)". E assim ela vai empregar seu entusiasmo onde não encontra nenhum obstáculo, com aquele assunto de imensa importância, o discurso inaugural de Lorde Granville na Câmara dos Comuns. É, sem dúvida, um espetáculo estranho, pensei eu. A história da oposição masculina à emancipação feminina é talvez mais interessante do que a história dessa emancipação. Daria para fazer um livro divertido, se alguma jovem

estudante de Girton ou Newnham compilasse exemplos e deduzisse uma teoria – mas ela precisaria de luvas grossas nas mãos e de barras de ouro maciço para protegê-la.

Mas o que agora é divertido, relembrei fechando Lady Bessborough, outrora teve de ser levado desesperadamente a sério. Opiniões que agora colamos num álbum chamado "Cantando de galo" e guardamos para ler entre um público seleto nas noites de verão posso lhes garantir que antigamente arrancavam lágrimas. Entre as avós e bisavós de vocês, muitas derramaram rios de lágrimas. Florence Nightingale soltava gritos de aflição.11 Além disso, para vocês, que chegaram à faculdade e dispõem de uma saleta – ou é apenas um quarto-sala conjugado? – só seu, é fácil dizer que o gênio deve desconsiderar essas opiniões; que o gênio deve estar acima do que comentam sobre ele. Infelizmente, são os próprios homens ou mulheres de gênio que mais se importam com o que se diz sobre eles. Lembrem-se de Keats. Lembrem as palavras que ele mandou gravar em sua lápide. Pensem em Tennyson; pensem... mas nem preciso multiplicar exemplos do triste, porém inegável fato, de que faz parte da natureza do artista se preocupar demais com o que dizem sobre ele. A literatura está repleta de destroços de homens que se importaram desmedidamente com as opiniões alheias

E essa suscetibilidade deles é um duplo infortúnio, pensei voltando outra vez à minha indagação original sobre o estado mental mais propício para o trabalho de criação, porque a mente de um artista, para que o enorme esforço de libertar a obra que traz dentro de si de maneira íntegra e completa dê resultado, deve ser incandescente, como a mente de Shakespeare, imaginei eu olhando o livro que estava aberto em *Antônio e Cleópatra*. Não pode haver nela nenhum obstáculo, nenhum assunto

estranho não resolvido.

Pois, embora digamos que nada sabemos sobre o estado mental de Shakespeare, mesmo ao afirmá-lo estamos afirmando algo sobre o estado mental de Shakespeare. A razão pela qual sabemos tão pouco sobre Shakespeare – comparado a Donne, Ben Jonson ou Milton – é talvez porque suas raivas, antipatias e rancores ocultam-se a nós. Não somos interrompidos por alguma "revelação" que nos relembra o escritor. Todo desejo de protestar, de pontificar, de denunciar uma ofensa, de acertar alguma conta, de tomar o mundo como testemunha de alguma injustiça ou dificuldade foi expurgado e se extinguiu. Assim, sua poesia flui livre e desimpedida. Se houve algum ser humano que expressou totalmente sua obra, foi Shakespeare. Se houve alguma mente incandescente, desimpedida, pensei voltando à estante, foi a mente de Shakespeare.

---

9 "Resta o fato estranho e quase inexplicável de que, na cidade de Atenas, onde as mulheres eram mantidas numa opressão quase oriental como odaliscas ou servas, o palco tenha, ainda assim, apresentado figuras como Clitemnestra e Cassandra, Atossa e Antígona, Fedra e Medeia, e todas as outras heroínas que dominam peça após peça do 'misógino' Eurípides. Mas o paradoxo desse mundo em que, na vida real, uma mulher respeitável mal podia mostrar o rosto sozinha na rua, enquanto no palco a mulher iguala ou ultrapassa o homem, nunca foi explicado satisfatoriamente. O mesmo predomínio existe na tragédia moderna. Em todo caso, um exame muito superficial da obra de Shakespeare (e, da mesma forma, de Webster, embora não de Marlowe ou Jonson) basta para mostrar que esse domínio, essa iniciativa das mulheres persiste de Rosalind a Lady Macbeth. O mesmo ocorre em Racine; seis de suas tragédias trazem o nome de suas heroínas; e qual de seus personagens masculinos colocaríamos ao lado de Hermione e Andrômaca, Berenice e Roxane, Fedra e Atalie? O mesmo acontece com Ibsen; que homens colocaríamos à altura de Solveig e Nora, Hedda e Hilda Wangel e Rebecca West?" (F.L. Lucas, *Tragedy*, p. 114-115).

10 *A Survey of Contemporary Music*, Cecil Grey, p. 246.

11 Ver *Cassandra*, de Florence Nightingale, publicado em *The Cause*, de R. Strachey.

Capítulo 4

Evidentemente, era impossível encontrar no século XVI uma mulher nesse estado mental. Basta pensar nos túmulos elisabetanos com todas aquelas crianças ajoelhadas, de mãos trançadas, e suas mortes prematuras, e ver suas casas com os cômodos escuros, atravancados, para perceber que nenhuma mulher poderia escrever poesia naquela época. O que se poderia esperar seria, talvez, que mais tarde alguma grande dama aproveitasse sua relativa liberdade e conforto para publicar algo em seu nome e correr o risco de ser considerada um monstro. Os homens, claro, não são esnobes, prossegui eu, evitando cuidadosamente "o rematado feminismo" de miss Rebecca West; mas em geral apreciam com simpatia os esforços de uma condessa em escrever versos. Não surpreende que uma dama da nobreza recebesse um incentivo muito maior do que uma obscura miss Austen ou miss Brontë teria recebido na época. Mas tampouco surpreende ver que seu espírito se sentia perturbado por emoções estranhas, como o medo e o ódio, e que seus poemas mostravam sinais dessa perturbação. Aqui, por exemplo, está Lady Winchilsea, pensei eu, pegando seus poemas. Ela nasceu em 1661; era nobre por nascimento e por casamento; não tinha filhos; escrevia poemas e basta abrir seu livro para vê-la explodindo de indignação contra a situação das mulheres.

> Quão baixo decaímos! decaídas por errônea convenção
> Tolas não por Natureza, mas pela Educação;
> Excluídas de qualquer melhoria da mente,
> Destinadas a um espírito dormente;
> E se alguma aos demais se sobranceia,
> Com imaginação e ambição de menos peia,

Tão forte ainda se mostra o lado opositor
Que a esperança de medrar jamais vence o temor.12

É claro que sua mente de maneira nenhuma "extinguiu todos os impedimentos e se tornou incandescente". Pelo contrário, está tolhida e distraída por ódios e injustiças. A espécie humana, para ela, está dividida em duas partes. Os homens são o "lado opositor"; são odiados e temidos porque têm o poder de lhe vedar o que quer fazer – que é escrever.

Ai! A mulher que tenta escrever,
Tão presunçosa criatura é considerada
Que a falha por nenhuma virtude será sanada.
No sexo e maneiras, dizem-nos, estamos em engano;
Bons modos, elegância, danças, roupas, tocar piano,
São as habilidades que devemos desejar;
Escrever, ler, pensar ou indagar
Iria toldar nossa beleza, esgotar o tempo a nosso dispor
E interromper as conquistas da idade em flor,
Enquanto a maçante tarefa de cuidar do lar,
Pensam alguns, é nossa utilidade e arte sem par.13

De fato, seu incentivo para escrever é supor que o que escreve nunca será publicado, é se consolar com a triste cantiga:

A alguns amigos e a tuas mágoas canta,
Pois bosques de loureiros jamais foram para ti;
Adensa tuas sombras e te contenta em estares aqui.14

No entanto, é claro que, se ela tivesse libertado o espírito do ódio e do medo, sem enchê-lo de amargura e ressentimento, o fogo arderia dentro de si. De vez em quando, saem palavras de pura poesia:

E tampouco em sedas desbotadas comporá,
Lânguida, a incomparável rosa.15

– elas são devidamente elogiadas pelo sr. Murry e, crê-se, Pope se lembrou e se apropriou dessas outras:

Agora o junquilho se apossa da frágil mente;
Desfalecemos sob seu aroma pungente.16

É uma enorme pena que a mulher capaz de escrever assim, com um espírito afinado com a natureza e a reflexão, fosse levada à raiva e à amargura. Mas como poderia evitá-lo?, perguntei, imaginando os olhares e risos de sarcasmo, as lisonjas dos aduladores, o ceticismo do poeta profissional. Devia se fechar num quarto no campo para escrever, talvez dilacerada de amargura e escrúpulos, embora o marido fosse extremamente bondoso e a vida conjugal uma perfeição. "Devia", digo eu, porque, quando vamos procurar os fatos sobre Lady Winchilsea, descobrimos, como de hábito, que não se sabe quase nada sobre ela. Sofria acessos terríveis de melancolia, o que podemos explicar, pelo menos em certa medida, ao lermos que, quando estava acometida de melancolia, ela imaginava:

Meus versos criticados e minha atividade tida
Como vã tolice ou falha desmedida.17

A atividade assim censurada era, até onde podemos entender, a inofensiva perambulação pelos campos e o devaneio:

Apraz-se a mão em traçar coisas raras
E se afasta dos moldes triviais e batidos;
A incomparável rosa não irá compor
Usando banais sedas sem cor.18

Naturalmente, se tal era seu hábito e tal era seu prazer, só podia mesmo esperar que rissem dela; e, assim, dizem que Pope ou Gay teriam escarnecido dela "como uma sabichona se coçando de vontade de escrevinhar". Dizem também que ela ofendeu Gay, rindo a suas custas. Falou que seu *Trivia* mostrava que "ele era mais apto a ir na frente de uma sege do que a se sentar nela". Mas é apenas "boato duvidoso" e, diz o sr. Murry, "desinteressante". Aqui, porém, não concordo com ele, pois eu gostaria de ter mais elementos, mesmo boatos duvidosos, para poder encontrar ou inventar alguma imagem dessa dama melancólica, que gostava de vaguear pelos campos e de pensar em coisas raras, e que desdenhava de forma tão temerária, tão imprudente "a maçante tarefa de cuidar do lar". Mas ela se desleixou, diz o sr. Murry. Seu talento foi tomado por ervas daninhas e cercado por moitas de espinhos. Não havia como mostrar que era um talento fino e requintado. E assim, devolvendo-a à prateleira, passei para a outra grande dama, a duquesa tão amada por Lamb, a incrível e estouvada Margaret de Newcastle, mais velha do que ele, mas sua contemporânea. As duas eram muito diferentes, mas se pareciam por serem ambas nobres, ambas sem filhos, ambas casadas com o melhor dos maridos. Em ambas ardia a mesma paixão pela poesia, e ambas são desfiguradas e deformadas pelas mesmas causas. Abra-se a duquesa e encontraremos a mesma explosão de raiva: "Mulheres vivem como Morcegos ou Corujas, trabalham como Bestas de Carga e morrem como Vermes...". Margaret também poderia ter sido poeta; em nossos dias,

toda essa atividade poria algo em movimento. Mas, no caso, o que poderia prender, domar ou civilizar para o uso humano aquela inteligência indômita, profusa, sem guia? Despejou-se toda misturada, em torrentes de verso e prosa, poesia e filosofia, que permanecem imobilizadas em volumes in-quarto e in-fólio que nunca ninguém lê. Deveriam ter-lhe posto um microscópio nas mãos. Deveriam ter-lhe ensinado a olhar as estrelas e a raciocinar cientificamente. Suas faculdades mentais se transtornaram com a solidão e a liberdade. Ninguém a conteve. Ninguém a ensinou. Os professores a adulavam. Na corte, riam-se dela. Sir Egerton Brydges se queixou de sua grosseria – "vindo de uma mulher de alta posição criada nas cortes". Ela se fechou sozinha em Welbeck.

Que imagem de solidão e tumulto a lembrança de Margaret Cavendish nos traz à mente! Como se um pé gigantesco de pepino tivesse se espraiado por todas as rosas e todos os cravos do jardim, sufocando-os até à morte. Que grande pena que a mulher que escreveu "as mulheres mais bem-educadas são aquelas de mente mais cultivada" tenha desperdiçado seu tempo rabiscando tolices e mergulhando cada vez mais fundo na obscuridade e na loucura, chegando ao ponto em que, quando saía, as pessoas se apinhavam em volta de sua carruagem. Claro que a duquesa louca virou um bicho-papão com a qual assustar meninas inteligentes. Eis aqui, lembrei eu, deixando de lado a duquesa e abrindo as cartas de Dorothy Osborne, o que Dorothy escreveu a Temple sobre o novo livro da duquesa. "Sertamente a pobre da mulher está um poco perturbada, nunca poderia ser taum ridícula em ponto de arriscar escrever livros e também em versos; nem que eu não dormisse essa quimzena toda, não chegaria a isso."

E assim, visto que nenhuma mulher ajuizada e recatada podia escrever

livros, Dorothy, que era sensível e melancólica, o exato contrário da duquesa em temperamento, não escreveu nada. Cartas não contavam. Uma mulher podia escrever cartas sentada ao lado do pai doente e acamado. Podia escrevê-las junto à lareira, enquanto os homens conversavam, sem os perturbar. O curioso, pensei eu virando as páginas das cartas de Dorothy, é o dom que aquela moça inculta e solitária tinha para montar uma frase, para criar uma cena. Ouçam como ela escrevia fluente:

> Depois de almosar nóis semtamos e falamos até que o sr. B. emtra em questão e emtão saio. o calor do dia se foi lendo ou trabalhando e pelas ceis ou sete di Relógio, vou pacear num Pasto que fica no fundo de casa onde um monte de criadas jovens cuidam das Ovelhas e Vacas sentadas nas sonbras cantando Balladas; vou até elas e comparo as voses e Belezas delas com algumas Pastoras Antigas que li e vejo uma grande diferensa aí, mas acredite em mim acho que essas são taum inocentes como aquelas deviam de ser. Falo com elas e acho que não precisam nada para serem as Pessoas mais felizes do mundo, a não ser o coecimemto que são assin. em geral quando estamos bem no meio da converça uma vira e vê as Vacas dela indo para o Triggo e então todas elas correm, como se tivessem asa nos péis. Eu que não sou taum ligera fico para traz, e quando vejo elas tocando o Gado penso que é ora de ir enbora também. Depois de jantar vou no Jardim e então até a marjem de um Rio pequeno que corre por ali onde me semto e queria você aqui commigo...

Poderíamos jurar que ela tinha os traços de escritora dentro de si. Mas, "nem que eu não dormisse essa quimzena toda, não chegaria a isso" – pode-se avaliar a oposição que havia no ar contra uma mulher escrevendo, ao ver que mesmo uma mulher com grande pendor para a escrita se convencera de que escrever um livro era ser ridícula e até se mostrar mentalmente perturbada. E assim, continuei eu, devolvendo à prateleira o único volumezinho das cartas de Dorothy Osborne, chegamos à sra. Behn.

E com a sra. Behn temos uma guinada muito importante. Deixamos para trás, reclusas em seus grandes jardins, entre seus livros, aquelas grandes

damas solitárias que escreviam sem público nem crítica, apenas para seu próprio prazer. Chegamos à cidade e cruzamos com gente comum nas ruas. A sra. Behn era uma mulher de classe média, com todas as virtudes plebeias do humor, da vitalidade e da coragem; uma mulher obrigada pela morte do marido e por algumas infelizes aventuras próprias a ganhar o sustento com o intelecto. Tinha de trabalhar nos mesmos termos dos homens. Com muito afinco, recebia o suficiente para viver. A importância desse fato supera qualquer coisa que ela escreveu, mesmo o esplêndido "A Thousand Martyrs I have made" [Mil mártires eu fiz] ou "Love in Fantastic Triumph sat" [O amor em fantástico triunfo se mantinha], pois aqui se inicia a liberdade da mente ou, melhor, a possibilidade de que, com o tempo, a mente seja livre para escrever o que quiser. Pois, agora que Aphra Behn tomara esse caminho, as moças podiam chegar a seus pais e dizer: "Não precisam me dar uma mesada; posso ganhar dinheiro com minha pena". Claro que, por muitos anos ainda, a resposta era: "Ah, sim, levando a vida de Aphra Behn! Melhor morrer!", e batia-se a porta mais depressa do que nunca. Aqui se apresenta à discussão esse assunto extremamente interessante, o valor que os homens atribuem à castidade das mulheres e o efeito disso sobre a educação delas, e poderia render um livro interessante se alguma estudante em Girton ou Newnham se dispusesse a entrar na questão. Lady Dudley, sentada com seus diamantes entre os mosquitos de um pântano escocês, podia servir de frontispício. Lorde Dudley, disse *The Times* quando Lady Dudley morreu pouco tempo atrás, "homem de gosto cultivado e muitas realizações, era benevolente e generoso, mas de um excêntrico despotismo. Insistia que a esposa estivesse sempre vestida com roupas formais, mesmo na mais remota cabana de caça nas Highlands; cobria-a com belas joias" e assim por

diante, “dava-lhe tudo – exceto, sempre, qualquer grau de responsabilidade”. Então Lorde Dudley teve um derrame, e ela cuidou dele e desde então administrou suas propriedades com extrema competência. Aquele excêntrico despotismo também existiu no século XIX.

Mas, voltando. Aphra Behn provou que era possível ganhar a vida escrevendo, talvez com o sacrifício de certas qualidades agradáveis; e assim, aos poucos, escrever deixou de ser apenas sinal de tolice e perturbação mental e passou a ser algo de importância prática. Maridos podiam morrer, alguma calamidade podia sobrevir à família. Centenas de mulheres, com o avançar do século XVIII, começaram a juntar mais trocados ou a socorrer a família fazendo traduções ou escrevendo os incontáveis romances ruins que deixaram de ser registrados até mesmo nos manuais escolares, mas que podem ser adquiridos nos quiosques baratos da Charing Cross Road. A extrema atividade mental que se mostrou em décadas adiantadas do século XVIII entre as mulheres – conversas e reuniões, ensaios sobre Shakespeare, traduções dos clássicos – vinha fundada no sólido fato de que as mulheres podiam receber pelo que escreviam. O dinheiro dignifica o que, se for de graça, é frívolo. Ainda se podia escarnecer das “sabichonas que se coçavam de vontade de escrevinhar”, mas não se podia negar que com isso embolsavam algum pagamento. Então, perto do final do século XVIII, veio uma mudança que, se eu reescrevesse a história, descreveria em mais detalhes e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou a Guerra das Rosas.

A mulher de classe média começou a escrever. Pois, se há alguma importância em *Orgulho e preconceito*, se há alguma importância em *Middlemarch*, *Villette* e *O morro dos ventos uivantes*, há no fato de que as mulheres em geral, e não apenas a aristocrata solitária encerrada em sua

casa de campo entre livros e aduladores, passaram a escrever. Uma importância muito maior do que posso demonstrar em uma hora de discurso. Sem essas precursoras, Jane Austen, as irmãs Brontë e George Eliot teriam sido tão capazes de escrever quanto Shakespeare conseguiria sem Marlowe, ou Marlowe sem Chaucer, ou Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que desbravaram o caminho e domaram a selvageria natural da língua. Pois as obras-primas não são nascimentos únicos e solitários; resultam de muitos anos de reflexão em comum, de reflexão feita pelo conjunto das pessoas, de forma que a experiência coletiva está por trás da voz individual. Jane Austen teria de depositar uma coroa de flores sobre o túmulo de Fanny Burney, e George Eliot, render homenagem à avultada sombra de Eliza Carter – a valorosa senhora que amarrou uma sineta à cama para acordar cedo e aprender grego. Todas as mulheres juntas teriam de espalhar flores sobre o túmulo de Aphra Behn, que está – o que é bastante surpreendente, mas muito apropriado – na Abadia de Westminster, pois foi ela quem lhes conquistou o direito de expressarem suas ideias. É graças a ela – apesar de sua fama de sensual e duvidosa – que não é muito absurdo que eu lhes diga agora à noite: ganhem quinhentas libras anuais com seu intelecto.

Chegou-se, então, ao começo do século XIX. E aqui, pela primeira vez, encontrei várias prateleiras inteiramente dedicadas às obras de mulheres. Mas por que, veio-me a pergunta irrefreável enquanto passava os olhos pelos volumes, por que todos eles, com raríssimas exceções, eram romances? O impulso original tendia à poesia. A “grande sumidade da canção” era uma poetisa. Tanto na França quanto na Inglaterra, as poetas precedem as romancistas. Além disso, pensei olhando os quatro nomes famosos, o que George Eliot tinha em comum com Emily Brontë?

Charlotte Brontë não foi inteiramente incapaz de entender Jane Austen? Exceto pelo fato provavelmente relevante de que nenhuma delas teve filhos, não seria possível reunir na mesma sala quatro figuras mais incongruentes, e a tal ponto que sentimos a tentação de inventar um encontro e um diálogo entre elas. No entanto, por alguma estranha força, todas elas, quando escreviam, eram levadas a escrever romances. Teria algo a ver com o fato de terem nascido na classe média?, perguntei-me, e com o fato, que miss Emily Davies iria pouco depois demonstrar com tanta clareza, de que a família de classe média no começo do século XIX possuía apenas uma sala de estar para todos? Se uma mulher escrevesse, teria de escrever na sala de estar geral. E, como miss Nightingale viria a reclamar com tanta veemência – "as mulheres nunca têm meia hora... que possam dizer que é apenas sua" –, ela vivia sendo interrompida. Ali na sala seria mais fácil escrever prosa e ficção do que poesia e teatro. Demanda-se menos concentração. Foi como Jane Austen escreveu até o final de seus dias. "Como foi capaz de fazer tudo isso", escreve seu sobrinho nas *Memórias*, "é surpreendente, pois ela não tinha nenhum aposento separado para se recolher, e a maior parte da obra deve ter sido feita na sala de estar, sujeita a todos os tipos de interrupções fortuitas. Ela tomava cuidado para que sua atividade não fosse percebida pelos criados, pelas visitas ou por qualquer pessoa fora do grupo familiar".19 Jane Austen escondia ou cobria os manuscritos com um pedaço de papel de mata-borrão. Além disso, toda a formação literária que uma mulher tinha no começo do século XIX era a formação derivada da observação do caráter, da análise das emoções. Sua sensibilidade fora educada ao longo de séculos pelas influências da sala de estar em comum. Imprimiam-se nela os sentimentos das pessoas; tinha sempre diante dos olhos as relações

pessoais. Portanto, quando a Mulher de classe média passou a escrever, era natural que escrevesse romances, muito embora, como parece bastante evidente, duas das quatro mulheres famosas aqui citadas não fossem romancistas por natureza. Emily Brontë deveria ter escrito peças em verso; o transbordamento do amplo intelecto de George Eliot, depois de esgotado o impulso criativo, deveria ter se espraiado pela história ou pela biografia. Escreveram romances, porém; poderíamos até ir além, disse eu pegando *Orgulho e preconceito* na prateleira, e dizer que escreveram bons romances. Sem bravatear nem pretender ferir o sexo oposto, pode-se dizer que *Orgulho e preconceito* é um bom livro. Pelo menos, a pessoa, se fosse flagrada no ato de escrever *Orgulho e preconceito*, não teria do que se envergonhar. No entanto, Jane Austen gostava quando uma dobradiça rangia, pois assim podia esconder o manuscrito antes que alguém entrasse. Para Jane Austen, havia algo de desonroso em escrever *Orgulho e preconceito*. E fiquei imaginando se *Orgulho e preconceito* seria um romance melhor se Jane Austen não julgasse necessário esconder o manuscrito das visitas. Li uma ou duas páginas para verificar; mas não encontrei nenhum sinal de que a obra tenha sido minimamente prejudicada pelas circunstâncias. Foi este, talvez, o grande milagre do livro. Eis uma mulher, por volta de 1800, escrevendo sem ódio, sem amargura, sem medo, sem protestos, sem sermões. Foi como Shakespeare escreveu, pensei olhando *Antônio e Cleópatra*; e, quando as pessoas comparam Shakespeare e Jane Austen, talvez queiram dizer que a mente dos dois extinguira todos os impedimentos; e é por isso que não conhecemos Jane Austen e não conhecemos Shakespeare, e é por isso que Jane Austen se faz presente em todas as palavras que escreveu, e o mesmo ocorre com Shakespeare. Se Jane Austen sofreu de alguma maneira com suas

circunstâncias, foi com a estreiteza da existência que lhe foi imposta. Uma mulher não podia sair sozinha. Ela nunca viajou, nunca percorreu Londres numa diligência, nunca almoçou sozinha num restaurante. Mas talvez fosse da natureza de Jane Austen não desejar o que não tinha. Havia entre seu talento e sua situação um casamento perfeito. Mas duvido que isso se aplique a Charlotte Brontë, disse eu abrindo *Jane Eyre* e pondo-o ao lado de *Orgulho e preconceito*.

Abri no capítulo 12, e meu olhar foi atraído pela frase "Quem quiser que me censure". O que estavam censurando a Charlotte Brontë?, perguntei-me. E li que Jane Eyre costumava subir ao telhado enquanto a sra. Fairfax fazia geleia, e ficava olhando os campos ao longe. E então sonhava – e era isso que lhe censuravam – que...

> então eu sonhava com uma capacidade de visão que ultrapassasse aquele limite; que alcançasse o mundo ativo, as cidades, as regiões cheias de vida das quais tinha ouvido falar, mas nunca vira: então eu desejava mais experiência prática do que tinha, mais contato com meus semelhantes, mais conhecimento de uma variedade de pessoas do que havia aqui a meu alcance. Eu valorizava o que havia de bom na sra. Fairfax e o que havia de bom em Adele, mas acreditava na existência de outros tipos de bondade, mais vivazes, e queria conhecer aquilo em que acreditava.
>
> Quem me censura? Muitos, sem dúvida, e me chamarão de descontente. Não tinha como evitar: a inquietação fazia parte de minha natureza; às vezes agitava-me a ponto de doer...
>
> É inútil dizer que os seres humanos devem se sentir satisfeitos com a tranquilidade: eles precisam ter ação e, se não conseguem encontrá-la, vão criá-la. Milhões estão condenados a um destino mais parado do que o meu, e milhões se revoltam em silêncio contra sua sina. Ninguém sabe quantas rebeliões fermentam nas massas de vida que povoam a Terra. Supõe-se que as mulheres geralmente são muito calmas: mas as mulheres sentem o mesmo que sentem os homens; elas precisam de exercício para suas faculdades e um campo para seus esforços, tanto quanto seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, uma estagnação

> absoluta demais, exatamente como os homens sofreriam; e é estreiteza mental de seus semelhantes mais privilegiados dizer que elas devem ficar confinadas preparando pudins e tricotando meias, tocando piano e bordando bolsas. É desconsideração condená-las ou r-idicularizá-las quando tentam fazer mais ou aprender mais do que os costumes declaram necessário para seu sexo.
>
> Quando, assim sozinha, não raro ouvia Grace Poole rir...

É uma interrupção desajeitada, pensei eu. É desconcertante topar com Grace Poole assim de repente. A continuidade fica prejudicada. Pode-se dizer, prossegui pousando o livro ao lado de *Orgulho e preconceito*, que a mulher que escreveu essas páginas tinha mais gênio do que Jane Austen; mas, lendo do começo ao fim e notando essa crispação, essa indignação, vê-se que ela nunca conseguirá expressar inteiramente seu gênio. Os livros ficarão distorcidos e deformados. Escreverá com raiva quando deveria escrever com calma. Escreverá de forma tola quando deveria escrever de forma sábia. Escreverá sobre si mesma quando deveria escrever sobre seus personagens. Está em guerra contra sua sina. Como deixaria de morrer jovem, crispada, frustrada?

É irresistível brincar por um instante com a ideia do que poderia acontecer se Charlotte Brontë tivesse, digamos, trezentas libras por ano – mas a tola vendeu os direitos autorais de seus romances de uma vez só por mil e quinhentas libras –, se, de alguma maneira, tivesse mais conhecimento do mundo ativo, das cidades e regiões cheias de vida; mais experiência prática, mais contato com seus semelhantes e mais conhecimento de uma variedade de pessoas. Nessas palavras, ela toca precisamente não só em seus defeitos como romancista, mas também nos de seu sexo naquela época. Sabia melhor do que ninguém o quanto seu

gênio ganharia se não tivesse se desperdiçado sozinho em visões solitárias de campos distantes; se lhe tivessem sido concedidas viagens, experiências e novas relações. Mas não lhe foram concedidas; foram-lhe vetadas, e precisamos aceitar o fato de que todos esses bons romances, *Villette*, *Emma*, *O morro dos ventos uivantes*, *Middlemarch*, foram escritos por mulheres com uma experiência de vida que não ia além do que seria permitido na casa de um pároco respeitável; escritos também na sala de estar em comum daquela casa respeitável, por mulheres tão pobres que não podiam comprar mais do que algumas folhas de papel almaço por vez, para escrever *O morro dos ventos uivantes* ou *Jane Eyre*. É verdade que uma delas, George Eliot, escapou após muitas atribulações, mas apenas para ir para uma casa isolada em St John's Wood. E lá se instalou à sombra das censuras do mundo. "Quero que se entenda", escreveu ela, "que eu nunca podia convidar ninguém para ir me visitar, a não ser que a pessoa solicitasse o convite"; pois não estava vivendo em pecado com um homem casado, e presenciar sua ruína não iria prejudicar a castidade da sra. Smith ou de quem quer que se arriscasse a uma visita? É preciso se submeter à convenção social e ficar "apartada do que se chama mundo". Ao mesmo tempo, no outro lado da Europa, havia um rapaz vivendo à vontade com uma cigana ou alguma grande dama, indo à guerra, adquirindo livre e desimpedido toda aquela variada experiência da vida humana que, depois, serviu-lhe tão magnificamente para escrever seus livros. Se Tolstói tivesse vivido com uma senhora casada, isolando-se no Priorado, "apartado do que se chama mundo", por mais edificante que fosse a lição moral, pensei eu, dificilmente teria escrito *Guerra e paz*.

Mas talvez possamos nos aprofundar um pouco mais na questão de escrever romances e o efeito do sexo sobre o romancista. Se fechamos os

olhos e pensamos no romance como um todo, parece ser uma criação dotada de certa semelhança com a vida, ainda que, claro, com inúmeras simplificações e distorções. Em todo caso, é uma estrutura que imprime uma forma à mente, ora feita de quadrados, ora em formato de pagode, ora estendendo-se em alas e arcadas, ora solidamente compacta e encimada por uma cúpula, como a Catedral de Santa Sofia em Constantinopla. Essa forma, refleti eu pensando em certos romances famosos, desencadeia em nós o tipo de emoção que lhe é apropriada. Mas essa emoção logo se mescla a outras, pois a "forma" não é criada pela relação entre uma pedra e outra, mas pela relação entre um ser humano e outro. Assim, um romance desencadeia em nós os mais variados tipos de emoções antagônicas e opostas. A vida entra em conflito com algo que não é vida. Daí a dificuldade de se chegar a um acordo sobre os romances e o imenso poder de nossos preconceitos pessoais sobre nós. De um lado, sentimos: você – John, o herói – precisa viver, ou cairei no abismo do desespero. De outro lado, sentimos: oh, que pena, John, você precisa morrer, pois assim exige a forma do livro. A vida entra em conflito com algo que não é vida. Mas, como em parte é vida, julgamo-lo como vida. James é o tipo de homem que mais detesto, diz alguém. Ou: isto é um amontoado de absurdos; eu nunca sentiria nada parecido com isso. É óbvio que toda sua estrutura, pensando em algum romance famoso, é de infinita complexidade, porque é feita de inúmeros juízos diferentes, de inúmeros tipos diferentes de emoção. O incrível é que qualquer livro composto dessa maneira consiga se sustentar por mais de um ou dois anos, ou que possa significar para o leitor inglês o que significa para o russo ou para o chinês. Mas às vezes eles se sustentam de maneira realmente admirável. E o que os sustenta nesses raros casos de sobrevivência (eu estava pensando

em *Guerra e paz*) é algo que chamamos de integridade, embora não tenha nada a ver com pagar as contas ou manter a compostura durante uma emergência. O que se entende por integridade, no caso do romancista, é a convicção que ele nos dá de que esta é a verdade. Sim, anui o leitor, eu nunca teria pensado que podia ser assim; nunca conheci gente se comportando dessa maneira. Mas você me convenceu de que é assim, então é assim que acontece. O leitor põe cada frase, cada cena à luz conforme vai lendo – pois a Natureza, muito estranhamente, parece ter-nos dotado de uma luz interior com a qual julgamos a integridade ou falta de integridade do romancista. Ou talvez a Natureza, em seu mais irracional estado de ânimo, tenha escrito com tinta invisível nas paredes da mente uma premonição que é confirmada por esses grandes artistas, um esboço que basta expor ao fogo do gênio para se tornar visível. Quando então alguém o expõe e o vê ganhar vida, exclama num arrebatamento: Mas é isso o que sempre senti, soube e desejei! E arde de entusiasmo e, fechando o livro com uma espécie de reverência, como se fosse algo muito precioso, um ponto de apoio ao qual se pode voltar ao longo da vida, devolve-o à prateleira, disse eu pegando *Guerra e paz* e devolvendo-o a seu lugar. Se, por outro lado, essas pobres frases que o leitor pega e testa inicialmente despertam uma reação rápida e sôfrega com suas cores brilhantes e seus gestos audaciosos, mas então se detêm, algo parece reter o desenvolvimento delas, ou se trazem à luz apenas uma pálida garatuja naquele canto e uma mancha ali naquele lado, e não aparece nada por inteiro, então a pessoa solta um suspiro desapontado e diz: mais um fiasco. Esse romance falhou em algum lugar.

E na maioria, claro, os romances falham em algum lugar. A imaginação cambaleia sob a enorme tensão. A percepção se confunde; não consegue

mais distinguir entre o verdadeiro e o falso, não tem mais a força de prosseguir com o enorme trabalho que requer a todo instante o uso de tantas faculdades diferentes. Mas como tudo isso é afetado pelo sexo do romancista?, perguntei-me olhando *Jane Eyre* e os outros. Será que o sexo tem alguma interferência na integridade do romancista – aquela integridade que considero a espinha dorsal do escritor? Ora, nas passagens de *Jane Eyre* que citei, é evidente que a raiva estava prejudicando a integridade da romancista Charlotte Brontë. Ela abandonou sua história, à qual devia se dedicar inteiramente, para atender a alguma queixa pessoal. Lembrou que lhe fora negada sua devida parcela de experiência – fizeram-na estagnar numa casa paroquial remendando meias, quando o que ela queria era vaguear livre pelo mundo. Sua imaginação deu um pinote súbito de indignação, e sentimos o pinote. Mas havia muitas outras influências, além da raiva, puxando as rédeas de sua imaginação e desviando-a do caminho. A ignorância, por exemplo. O retrato de Rochester é traçado às escuras. Sentimos nele a influência do medo, assim como sentimos uma constante acrimônia que é resultado da opressão, um sofrimento reprimido ardendo lentamente sob sua paixão, um rancor que crispa a fisionomia desses livros, por magníficos que sejam, com um ricto de dor.

E, como um romance guarda essa correspondência com a vida real, seus valores são, em certa medida, os da vida real. Mas é evidente que os valores das mulheres muito frequentemente diferem dos valores que foram criados pelo outro sexo; naturalmente, é assim. Mas são os valores masculinos que prevalecem. Em termos simples, o futebol e os esportes são “importantes”; o culto à moda e a compra de roupas são “triviais”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a literatura. Este é um livro importante, presume o crítico, porque trata da guerra. Este

é um livro insignificante porque trata dos sentimentos das mulheres numa sala de visitas. Uma cena num campo de batalha é mais importante do que uma cena numa loja – a diferença de valor persiste por toda parte e com sutileza muito maior. A estrutura inteira do romance do começo do século XIX, portanto, era construída, no caso das romancistas, por uma mente cujo foco era levemente desviado, alterando sua visão clara e direta em deferência à autoridade externa. Basta folhear por cima aqueles velhos romances esquecidos e ouvir o tom de voz em que são escritos para adivinhar que a escritora estava enfrentando críticas; dizia isso de modo agressivo ou aquilo outro de modo conciliador. Estava admitindo que era "apenas uma mulher" ou protestando que era "tão boa quanto um homem". Enfrentava a crítica como lhe ditava o temperamento, com docilidade e timidez ou com raiva e veemência. Tanto faz; ela estava pensando em outra coisa, não na coisa em si. E assim seu livro cai sobre nossa cabeça. Havia um defeito no centro dele. E pensei em todos os romances de mulheres que estão espalhados, como pequenas maçãs manchadas no chão de um pomar, pelos sebos de Londres. O que os estragou foi o defeito no miolo. Ela tinha mudado seus valores em deferência à opinião dos outros.

Mas como devia ser impossível deixarem de se virar para a direita ou para a esquerda! Que genialidade, que integridade devia ser necessária, diante de toda aquela crítica, no meio daquela sociedade exclusivamente patriarcal, a fim de se prender à coisa como a viam, sem recuar. Somente Jane Austen e Emily Brontë o conseguiram. São de outro estofo, talvez o mais fino. Escreveram como escrevem as mulheres, não os homens. Entre as mil mulheres que escreveram romances na época, apenas elas ignoraram totalmente as infindáveis admoestações do eterno pedagogo – escreva assim, pense assado. Apenas elas foram surdas àquela voz

persistente, ora trovejante, ora condescendente, ora impositiva, ora magoada, ora chocada, ora zangada, ora afável, aquela voz que nunca deixa as mulheres em paz, mas precisa estar diante delas, como uma governanta excessivamente conscienciosa, exortando-as, como Sir Egerton Brydges, a serem refinadas; incluindo até mesmo na crítica da poesia a crítica do sexo20; recomendando-lhes, se querem ter qualidade e ganhar, suponho, algum insigne prêmio, que se mantenham dentro de certos limites que o cavalheiro em questão julga adequados – "... as romancistas só devem aspirar à excelência reconhecendo as limitações de seu sexo".21 Isso resume a questão, e, se eu lhes disser, para a surpresa de vocês, que essa frase foi escrita não em agosto de 1828, mas em agosto de 1928, vocês hão de concordar, penso eu, que essa frase, por mais que possa nos divertir agora, representa uma opinião amplamente difundida – não vou remexer nesses velhos atoleiros; pego apenas o que casualmente aflorou a meus pés – que, um século atrás, era muito mais vigorosa e muito mais retumbante. Uma moça em 1828 tinha de ser muito forte e decidida para desconsiderar todas essas censuras, repreensões e promessas de prêmios. Precisava ter uma fibra revolucionária para dizer a si mesma: ah, mas eles não podem comprar inclusive a literatura. A literatura está aberta a todos. Não vou lhes permitir, nem mesmo ao bedel, que me expulsem do gramado. Tranquem suas bibliotecas, se quiserem; mas não há portão, não há fechadura, não há cadeado que vocês possam impor à minha liberdade mental.

Mas, qualquer que fosse o efeito do desestímulo e da crítica sobre seus escritos – e acredito que era enorme –, era insignificante em comparação àquela outra dificuldade que se apresentava a elas (ainda estou falando daquelas romancistas do começo do século XIX) quando iam pôr os

pensamentos no papel – qual seja, que não eram amparadas por nenhuma tradição ou que dispunham apenas de uma tradição tão recente e parcial que não servia de grande ajuda. Pois, quando somos mulheres, pensamos o passado por intermédio de nossas mães. É inútil recorrer aos grandes escritores homens em busca de ajuda, por mais que possamos recorrer a eles em busca de prazer. Lamb, Browne, Thackeray, Newman, Sterne, Dickens, De Quincey – qualquer um – nunca ajudaram uma mulher, mesmo que ela possa ter aprendido com eles alguns truques, que adaptou a seu próprio uso. O peso, o ritmo, a velocidade com que avança uma mente masculina são diferentes demais dos dela para que consiga retirar algo substancial dali. A imitadora está longe demais para conseguir ser diligente. A primeira coisa, talvez, que ela descobriu ao começar a escrever foi que não havia nenhuma frase comum e corrente de que pudesse dispor. Todos os grandes romancistas, como Thackeray, Dickens e Balzac, escreveram uma prosa natural, ligeira, mas não desleixada, expressiva, mas não preciosa, imprimindo-lhe cor própria sem que deixasse de ser propriedade comum. Basearam-na no fraseado corrente na época. O fraseado que era corrente no começo do século XIX avançava mais ou menos assim, talvez: “A grandeza de suas obras era uma razão não para se deterem, mas para avançarem. Não podiam ter maior entusiasmo ou satisfação do que no exercício de sua arte e nas intermináveis gerações de verdade e beleza. O sucesso dispõe ao esforço, e o hábito facilita o sucesso”. Esse é um fraseado masculino; por trás dele podemos ver Johnson, Gibbon e os demais. Era um fraseado inadequado ao uso das mulheres. Charlotte Brontë, apesar de seu magnífico talento para a prosa, tropeçava e caía com esse instrumento desajeitado nas mãos. George Eliot cometeu atrocidades indescritíveis com ele. Jane Austen

olhou aquilo, deu risada e desenvolveu um fraseado absolutamente natural e jeitoso para seu uso próprio e nunca se afastou dele. Assim, com menos talento do que Charlotte Brontë para escrever, ela conseguiu dizer incomparavelmente mais. De fato, como a liberdade e a plenitude de expressão fazem parte da essência da arte, essa falta de tradição, essa escassez e inadequação dos instrumentos devem ter marcado imensamente a escrita das mulheres. Além disso, um livro não é feito de frases sucessivas estendendo-se do começo ao fim, mas de frases construídas, se pudermos recorrer a uma imagem, em arcadas ou cúpulas. E essa forma também é construída pelos homens a partir de suas necessidades e para suas finalidades próprias. Não há por que pensar que a forma do épico ou do teatro em versos se adéquem melhor à mulher do que o fraseado. Mas, quando ela começou a escrever, todas as formas literárias mais antigas já haviam se assentado e consolidado. Apenas o romance ainda era jovem o suficiente para ser maleável em suas mãos – mais uma razão, talvez, para que escrevesse romances. Apesar disso, quem há de dizer que, mesmo agora, "o romance" (ponho entre aspas para indicar que essas palavras me parecem impróprias), quem há de dizer que mesmo a mais flexível das formas tem um feitio que ela possa usar? Sem dúvida, quando ela tiver liberdade de movimento, iremos encontrá-la moldando e martelando essa forma num feitio que lhe seja próprio e obtendo algum novo meio, não necessariamente o verso, para a poesia que tem em si. Pois é à poesia que ainda se nega vazão. E passei a ponderar como uma mulher escreveria atualmente uma tragédia poética em cinco atos. Usaria versos? Não preferiria usar a prosa?

Mas são perguntas difíceis que estão nos albores do futuro. Vou deixá-las de lado, quando menos porque me levam a me afastar do tema e a me

embrenhar em florestas virgens onde me perderei e, provavelmente, serei devorada por animais ferozes. Não quero abordar, e tenho certeza de que vocês não querem que eu aborde, aquele tema tão desalentador que é o futuro da literatura, e assim vou fazer agora uma pequena pausa para chamar a atenção de vocês para o grande papel das condições físicas, no que se refere às mulheres. O livro tem de estar de alguma maneira adaptado ao corpo e, arriscando um palpite, diríamos que os livros das mulheres hão de ser mais curtos, mais concentrados do que os dos homens, e estruturados de uma maneira que não demandem longas horas de trabalho constante e ininterrupto. Pois interrupções sempre haverá. E mais: os nervos que alimentam o cérebro parecem ser diferentes nos homens e nas mulheres e, para fazer com que trabalhem mais e melhor, é preciso descobrir o tratamento apropriado – se aquelas horas de preleções, por exemplo, que os monges presumivelmente conceberam séculos atrás, adéquam-se a eles; que alternância entre trabalho e repouso lhes é necessária, interpretando o descanso não como não fazer nada, mas como fazer alguma coisa, porém alguma coisa que seja diferente; e que diferença seria essa? Tudo isso precisa ser debatido e descoberto; tudo isso faz parte da questão das mulheres e a literatura. No entanto, continuei eu, aproximando-me da estante outra vez, onde vou encontrar aquele elaborado estudo da psicologia das mulheres feito por uma mulher? Se, por causa de sua incapacidade de jogar futebol, as mulheres não forem autorizadas a exercer a medicina...

Felizmente, meus pensamentos então tomaram outro rumo.

---

12 *"How we are fallen! fallen by mistaken rules,/ And Education's more than Nature's fools;/ Debarred from all improvements of the mind,/ And to be dull, expected and designed;// And if someone would soar above the rest,/ With warmer fancy, and ambition pressed,/ So strong the*

opposing faction still appears,/ The hopes to thrive can ne'er outweigh the fears."

13 "*Alas! a woman that attempts the pen,/ Such a presumptuous creature is esteemed,/ The fault can by no virtue be redeemed./ They tell us we mistake our sex and way;/ Good breeding, fashion, dancing, dressing, play,/ Are the accomplishments we should desire;/ To write, or read, or think, or to enquire,/ Would cloud our beauty, and exhaust our time,/ And interrupt the conquests of our prime,/ Whilst the dull manage of a servile house/ Is held by some our utmost art and use.*"

14 "*To some few friends, and to thy sorrows sing,/ For groves of laurel thou wert never meant;/ Be dark enough thy shades, and be thou there content.*"

15 "*Nor will in fading silks compose,/ Faintly the inimitable rose."*

16 *"Now the jonquille o'ercomes the feeble brain;/ We faint beneath the aromatic pain."*

17 *"My lines decried, and my employment thought/ An useless folly or presumptuous fault."*

18 "*My hand delights to trace unusual things,/ And deviates from the known and common way,/ Nor will in fading silks compose,/ Faintly the inimitable rose."*

19*Memoir of Jane Austen*, escrita por seu sobrinho, James Edward Austen-Leigh.

20 "[Ela] tem uma intenção metafísica, e esta é uma obsessão perigosa, sobretudo numa mulher, pois as mulheres raramente têm o saudável gosto dos homens pela retórica. É uma deficiência estranha naquele sexo que, em outras coisas, é mais primitivo e mais materialista", *New Criterion*, junho de 1928.

21 "Se, como o repórter, você crê que as romancistas só devem aspirar à excelência reconhecendo corajosamente as limitações de seu sexo – Jane Austen demonstrou com que graciosidade é possível fazê-lo...", *Life and Letters*, agosto de 1928.

Capítulo 5

Finalmente, depois dessa perambulação, eu chegara às prateleiras com livros escritos por pessoas ainda vivas, homens e mulheres, pois agora a quantidade de livros escritos por mulheres é quase igual à dos escritos por homens. Ou, se isso ainda não é plenamente verdade, se o homem ainda é o sexo mais falante, sem dúvida é verdade que as mulheres já não escrevem apenas romances. Há livros de Jane Harrison sobre arqueologia grega, livros de Vernon Lee sobre estética, livros de Gertrude Bell sobre a Pérsia. Há livros sobre todos os assuntos que, uma geração atrás, nenhuma mulher teria abordado. Há poemas, peças e crítica; há histórias e biografias, livros de viagem, livros de estudo e pesquisa; há até algumas obras de filosofia e livros de ciência e economia. E, embora os romances predominem, é bem possível que os próprios romances tenham mudado pelo contato com livros de outro estofo. A simplicidade natural, a era heroica da produção feminina pode ter acabado. A leitura e a crítica lhe podem ter dado um escopo mais amplo, uma sutileza maior. O impulso autobiográfico pode se ter extinguido. Ela pode estar começando a tratar a escrita não como método de expressão pessoal, e sim de arte. Entre esses novos romances talvez seja possível encontrar resposta a várias dessas questões.

Peguei um ao acaso. Estava na ponta da prateleira, chamava-se *Life's Adventure* [A aventura da vida] ou algo assim, de Mary Carmichael, e foi lançado agora neste mês de outubro. Parece ser o primeiro livro dela, disse comigo mesma, mas deve ser lido como se fosse o último volume de uma longa série, dando continuação a todos aqueles outros livros que estive

examinando: os poemas de Lady Winchilsea, as peças de Aphra Behn e os romances das quatro grandes romancistas. Pois cada livro é continuação de um outro, apesar de nosso hábito em julgá-los separadamente. E também devo considerá-la – essa desconhecida – como descendente de todas aquelas outras mulheres cujas condições estive examinando e ver o que ela herdou de suas características e restrições. Assim, com um suspiro, pois muitas vezes os romances são mais um analgésico do que um antídoto, fazem-nos cochilar num torpor em vez de nos despertar com um tição em brasa, acomodei-me com um lápis e um caderno de notas para avaliar da melhor maneira possível o primeiro romance de Mary Carmichael, *Life's Adventure*.

Para começar, corri os olhos de alto a baixo da página. Vou pegar primeiro o andamento das frases, disse eu, antes de lotar a memória com olhos azuis, olhos castanhos e a relação que pode haver entre Chloe e Roger. Haverá tempo para isso quando eu concluir se ela tem na mão uma caneta ou uma picareta. Assim, experimentei na língua uma ou duas frases. Logo ficou evidente que havia alguma coisa que não ia muito bem. Não havia fluência no deslizar de uma frase para a outra. Algo se rompia, algo arranhava; apenas uma palavra aqui ou ali rebrilhava aos olhos. Tinha "mão frouxa", como dizem nas peças antigas. Parece alguém riscando um fósforo que não vai acender, pensei eu. Mas por que, perguntei-lhe como se ela estivesse ali presente, as frases de Jane Austen não são do feitio certo para você? Precisam ser descartadas porque Emma e o sr. Woodhouse já morreram? Que pena que seja assim, suspirei eu. Pois, enquanto Jane Austen avança de melodia em melodia como Mozart de canção em canção, ler esse romance é como estar num barquinho em mar aberto. Subia e afundava, subia e afundava. Essa concisão, esse fôlego

curto podia significar que ela estava com medo de alguma coisa; medo, talvez, de ser chamada de “sentimental”; ou então lembrou que costumam dizer que a escrita das mulheres é floreada e por isso decidiu multiplicar espinhos supérfluos; mas, enquanto eu não ler uma cena com cuidado, não vou saber com certeza se ela está sendo ela mesma ou outra pessoa. Em todo caso, não amortece nossa vitalidade, pensei lendo com mais cuidado. Mas amontoa fatos demais. Não vai conseguir usar nem metade deles num livro desse tamanho. (Era mais ou menos a metade de *Jane Eyre*.) Mas, de uma maneira ou outra, ela conseguiu levar a todos nós – Roger, Chloe, Olivia, Tony e o sr. Bigham – rio acima numa canoa. Espere um pouco, disse eu reclinando-me na cadeira, preciso considerar a coisa toda com mais cuidado antes de prosseguir.

Tenho quase certeza, disse a mim mesma, de que Mary Carmichael está nos pregando uma peça. Pois me senti como a gente se sente numa estrada de ferro sinuosa, quando o vagão, em vez de descer, como se esperava, empina e sobe outra vez. Mary está mexendo na sequência que se esperava. Primeiro quebrou a frase; agora quebrou a sequência. Muito que bem, ela tem todo o direito de fazer essas duas coisas, se não for só quebrar por quebrar, mas para criar. Qual é seu caso, ainda não sei, e só vou poder saber quando ela se deparar com uma situação. Dou-lhe toda a liberdade, disse eu, de escolher que situação será essa; pode criá-la com latas e chaleiras velhas, se quiser; mas precisa me convencer de que, para ela, é de fato uma situação; e então, depois de criá-la, precisa enfrentá-la. Precisa dar um salto. E, decidida a cumprir minha obrigação de leitora para com ela se ela cumprisse sua obrigação de escritora para comigo, virei a página e li... Desculpem-me uma interrupção tão brusca. Há algum homem presente? Vocês me garantem que a figura de Sir Charles Biron

não está escondida ali atrás daquela cortina vermelha? Posso ficar tranquila que aqui somos todas mulheres? Então posso lhes contar que as palavras que li imediatamente a seguir diziam: “Chloe gostava de Olivia...”. Não se sobressaltem. Não enrubesçam. Vamos admitir aqui na privacidade aqui de nosso grupo que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes, mulheres gostam de mulheres.

“Chloe gostava de Olivia”, li eu. E então me dei conta da imensa mudança que havia aí. Chloe gostava de Olivia talvez pela primeira vez na literatura. Cleópatra não gostava de Otávia. E como *Antônio e Cleópatra* mudaria totalmente se ela gostasse! Mas tal como é, pensei deixando, temo eu, meus pensamentos se afastarem um pouco de *Life's Adventure*, a questão toda ficou simplificada, reduzida ao convencionalismo de uma maneira, se assim pudermos dizer, absurda. A única coisa que Cleópatra sente por Otávia é ciúme. Ela é mais alta do que eu? Que penteado ela usa? A peça talvez não exigisse mais do que isso. Mas como teria sido interessante se a relação entre as duas mulheres fosse mais complexa. Todas as relações entre mulheres, pensei relembrando rapidamente a magnífica galeria de mulheres fictícias, são simples demais. São tantas coisas que ficam de fora, sem ser tratadas. E tentei lembrar algum caso, entre as leituras que fiz, em que duas mulheres apareçam como amigas. Há uma tentativa em *Diana of the Crossways* [Diana da encruzilhada, de George Meredith]. Elas são confidentes, claro, em Racine e nas tragédias gregas. De vez em quando são mães e filhas. Mas são quase sempre mostradas em sua relação com os homens. Foi estranho pensar que todas as grandes mulheres da literatura eram vistas, até a época de Jane Austen, não só pelo outro sexo, mas apenas em relação com o outro sexo. E esta é uma parte muito pequena da vida delas; e é muito pouco o que um homem

pode saber, mesmo sobre essa parcela tão pequena, quando a observa pelos óculos de lentes escuras ou róseas que o sexo lhe põe no nariz. Daí, talvez, a natureza peculiar da mulher na literatura, seus surpreendentes extremos de beleza e horror, sua alternância entre uma bondade angelical e uma depravação diabólica – pois é como um amante iria vê-la, conforme seu amor aumentasse ou soçobrasse, fosse próspero ou desventurado. Não é tanto o caso dos romancistas oitocentistas, evidentemente. A mulher então se torna muito mais variada e complexa. Com efeito, foi talvez a vontade de escrever sobre as mulheres que levou os homens a abandonarem gradualmente o teatro em verso que, com sua violência, pouco poderia utilizá-las e a conceberem o romance como receptáculo mais adequado. Ainda assim, continua sendo óbvio, mesmo nos escritos de Proust, que um homem tem um conhecimento tão tremendamente parcial e toldado sobre as mulheres quanto o conhecimento da mulher sobre os homens.

Além disso, prossegui olhando a página algumas linhas abaixo, está ficando claro que as mulheres, tal como os homens, têm outros interesses além dos perpétuos interesses pela vida doméstica. “Chloe gostava de Olivia. Dividiam um laboratório...” Continuei a ler e fiquei sabendo que essas duas moças estavam picando fígado, que, ao que parece, é bom para curar uma anemia aguda, embora uma delas fosse casada e – creio que não estou enganada – tivesse dois filhos pequenos. Ora, tudo isso tinha de ficar de fora, claro, e assim o magnífico retrato da mulher fictícia é demasiado simples, demasiado monótono. Suponham, por exemplo, que os homens fossem representados na literatura apenas como amantes das mulheres, e nunca fossem amigos de homens, soldados, pensadores, sonhadores; como seriam poucos os papéis que lhes poderiam ser atribuídos nas peças de Shakespeare, e como a literatura sofreria! Talvez tivéssemos mais de Otelo

e um bom tanto de Antônio, mas nada de César, nada de Brutus, Hamlet, Lear ou Jaques – a literatura sofreria um empobrecimento inacreditável, como de fato padece de um empobrecimento incalculável devido às portas fechadas às mulheres. Casando-se contra a vontade, mantidas dentro de um aposento, restritas a uma só ocupação, como um dramaturgo poderia representá-las de maneira completa, interessante ou verídica? O amor era o único intérprete possível, O poeta era obrigado a ser ardente ou amargo, a menos que realmente decidisse "odiar as mulheres", o que, geralmente, significava que elas sentiam pouca atração por ele.

Agora, se Chloe gosta de Olivia e ambas dividem um laboratório, o que, por si só, tornará a amizade entre elas mais variada e duradoura, por ser menos pessoal; se Mary Carmichael sabe escrever, e eu estava começando a apreciar uma certa qualidade em seu estilo; se ela tem um quarto só seu, coisa da qual não tenho certeza; se tem quinhentas libras por ano para si – mas isso ainda precisa ser provado –, então penso que aconteceu algo de grande importância.

Pois, se Chloe gosta de Olívia e Mary Carmichael sabe como expressá-lo, ela acenderá uma luz naquele vasto aposento onde ainda ninguém esteve. Tudo está à meia-luz e em sombras profundas, como aquelas grutas sinuosas que percorremos com uma vela de chama bruxuleante, sem saber onde estamos pisando. E comecei a reler o livro, e li que Chloe ficou a observar Olivia, que colocava um frasco numa prateleira, e falou que era hora de voltar para casa e para os filhos. Essa é uma cena que jamais foi vista desde o começo do mundo!, exclamei eu. E também fiquei observando, muito curiosa. Pois queria ver como Mary Carmichael procedia para captar aqueles gestos sem registro, aquelas palavras mudas ou apenas murmuradas, que se formam, tão impalpáveis quanto as

sombras das mariposas no teto, quando as mulheres estão a sós, sem ser iluminadas pela luz caprichosa e colorida do outro sexo. Ela terá de prender a respiração, disse eu continuando a ler, se quiser prosseguir, pois as mulheres são tão desconfiadas de qualquer interesse que não tenha algum motivo evidente, estão tão terrivelmente acostumadas a viver ocultas e reprimidas que se apagam ao menor brilho de um olhar observador em sua direção. A única maneira de proceder, pensei dirigindo-me a Mary Carmichael, como se ela estivesse ali, seria falar de alguma outra coisa, olhando demoradamente pela janela, e então anotar, não com um lápis no caderno, mas na mais taquigráfica taquigrafia, em palavras que ainda nem foram enunciadas, o que acontece quando Olivia, esse organismo que está à sombra da rocha nesses milhões de anos, sente a luz incidir sobre si e vê aproximar-se um alimento que lhe é estranho – conhecimento, aventura, arte. E ela tenta alcançá-lo, pensei eu, mais uma vez levantando os olhos da página, e precisa inventar alguma combinação totalmente nova de seus recursos, tão altamente desenvolvidos para outras finalidades, a fim de conseguir absorver o novo no antigo sem perturbar o equilíbrio infinitamente elaborado e intrincado do conjunto.

Mas, infelizmente, eu tinha feito o que decidira não fazer; passara inconscientemente a fazer o elogio de meu sexo. “Altamente desenvolvidos”, “infinitamente elaborado” são, sem dúvida, termos elogiosos, e elogiar o próprio sexo sempre é algo suspeito e geralmente é uma tolice; além disso, neste caso, como justificá-lo? Não dá para ir até um mapa e dizer que Cristóvão Colombo descobriu a América e que Colombo era mulher, nem pegar uma maçã e declarar que Newton descobriu as leis da gravidade e que Newton era mulher, e nem olhar para o céu e dizer que os aeroplanos estão voando no alto e que os aeroplanos

foram inventados por mulheres. Não há marcas na parede medindo a altura exata das mulheres. Não há fitas métricas, claramente divididas em centímetros, que se possam usar para medir as qualidades de uma boa mãe ou a devoção de uma filha, a fidelidade de uma irmã ou a competência de uma dona de casa. Mesmo agora, são poucas as mulheres com formação universitária, e dificilmente chegaram a passar pelas grandes provas das profissões liberais, do exército e da marinha, do comércio, da política e da diplomacia. Mesmo agora, continuam quase sem qualificação. Mas, se eu quiser saber tudo o que podem me dizer sobre Sir Hawley Butts, por exemplo, basta-me abrir Burke ou Debrett e encontrarei ali que ele se formou em tal e tal coisa, é dono de uma mansão, tem um herdeiro, foi ministro de uma pasta, representou a Grã-Bretanha no Canadá, recebeu tais e tais títulos, cargos, medalhas e outras distinções que marcam indelevelmente seus méritos. Só a Providência pode saber mais a respeito de Sir Hawley Butts.

Portanto, quando digo “altamente desenvolvidos” e “infinitamente elaborado” em relação às mulheres, não tenho como verificar minhas palavras em Whitaker, Debrett ou no Calendário Universitário. Nessa situação, o que posso fazer? E olhei novamente a estante. Lá havia biografias de Johnson, Goethe, Carlyle, Sterne, Cowper, Shelley, Voltaire, Browning e muitos outros. E comecei a pensar em todos esses grandes homens que, por uma ou outra razão, admiraram, procuraram, conviveram, confiaram, dedicaram amor, escreveram, confiaram e mostraram o que só pode ser descrito como necessidade e dependência frente a algumas pessoas do sexo oposto. Eu não afirmaria – e Sir William Joynson Hicks provavelmente negaria – que todas essas relações foram absolutamente platônicas. Mas muito nos enganaríamos sobre esses homens ilustres se

insistíssemos que não obtiveram dessas ligações nada além de reconforto, lisonjas e prazeres físicos. O que obtiveram, evidente, foi algo que seu próprio sexo não podia suprir; e não seria precipitado, talvez, definir melhor esse algo, sem citar as palavras veementes e extasiadas dos poetas, como um certo estímulo, uma certa renovação do poder criativo que somente o sexo oposto tem o dom de propiciar. Ele abriria a porta da sala de estar ou do quarto das crianças, pensei eu, e lá a encontraria entre os filhos ou com um bordado no colo – de todo modo, como o centro de uma ordem e de um sistema diferente de vida, e o contraste entre esse mundo e o mundo dele, que poderia ser um tribunal ou a Câmara dos Comuns, seria ao mesmo tempo refrescante e revigorante; então se seguiria, mesmo na conversa mais simples, uma diferença tão natural de opinião que as ideias ressequidas dele se fertilizariam outra vez, e, ao vê-la criando num meio diverso do dele, seu poder criativo se avivaria tanto que, imperceptivelmente, seu intelecto estéril voltaria a germinar outra vez e ele encontraria a frase ou a cena que lhe faltava quando pôs o chapéu para ir visitá-la. Todo Johnson tem sua Thrale e se apega a ela por algumas razões dessa espécie e, quando Thrale se casa com seu professor italiano de música, Johnson fica quase louco de fúria e ódio, não só porque sentirá falta de seus agradáveis serões em Streatham, mas porque a luz de sua vida terá "como que se apagado".

E, mesmo não sendo dr. Johnson, Goethe, Carlyle ou Voltaire, pode-se sentir, ainda que de maneira muito diferente da desses grandes homens, a natureza dessa complexidade e o poder dessa faculdade criativa altamente desenvolvida entre as mulheres. Entra-se na sala – mas seria forçar demais os recursos da língua inglesa, e as palavras precisariam vir numa grande revoada ilegítima para conseguirem ganhar existência antes que uma

mulher fosse capaz de dizer o que acontece quando ela entra numa sala. As salas são totalmente diferentes, calmas ou ruidosas, abrem-se ao mar ou, pelo contrário, dão para o pátio de uma prisão, estão cheias de roupa lavada a secar ou rebrilham de sedas e opalas, são ásperas como crina de cavalo ou macias como plumas – basta entrar em qualquer aposento em qualquer rua para sentir esvoaçar no rosto toda aquela força extremamente complexa da feminilidade. Como seria de outra maneira? Pois as mulheres estão sentadas dentro de casa todos esses milhões de anos, e a essas alturas as próprias paredes estão impregnadas da força criativa delas, a qual, de fato, sobrecarregou tanto a capacidade dos tijolos e da argamassa que deve precisar se transferir para penas, pincéis, negócios e política. Mas esse poder criativo é muito diferente do poder criativo dos homens. E cabe concluir que seria uma enorme pena se ele fosse tolhido ou desperdiçado, pois foi conquistado por séculos da mais drástica disciplina e não há nada que possa tomar seu lugar. Seria uma enorme pena se as mulheres escrevessem como homens, vivessem como homens ou parecessem homens, pois, se dois sexos são absolutamente insuficientes, considerando a vastidão e a variedade do mundo, como faríamos com um sexo só? A educação não deveria mostrar e reforçar as diferenças, mais do que as semelhanças? Pois assim já temos similaridade demais, e não haveria maior serviço à humanidade se um explorador voltasse com notícias de outros sexos, fitando outros céus por entre os ramos de outras árvores; e, de mais a mais, teríamos o imenso prazer de ver o professor X ir buscar correndo seu metro para provar que é “superior”.

Mary Carmichael, pensei ainda divagando um pouco pela página, vai talhar sua obra na mera posição de observadora. Realmente receio que sinta a tentação de se tornar o ramo menos interessante do gênero – a

romancista-naturalista, e não a contemplativa. São tantos os novos fatos que poderá observar. Não precisará mais se limitar às respeitáveis casas das classes médias altas. Entrará sem gentileza nem condescendência, mas com um espírito de camaradagem, naqueles pequenos aposentos perfumados onde estão a cortesã, a meretriz e a dama com seu cachorrinho. Ainda continuam lá, com as roupas toscas, compradas prontas, que lhes foram obrigatoriamente impostas pelo escritor do sexo masculino. Mas Mary Carmichael vai sacar sua tesoura e vai ajustá-las em todas as pontas e curvas. Será interessante, quando chegar a hora, ver essas mulheres como são, mas precisamos esperar um pouco, pois Mary Carmichael ainda estará tolhida por aquela consciência envergonhada de si diante do "pecado", que é o legado de nossa barbárie sexual. Ainda terá nos pés os velhos grilhões classistas de sempre.

No entanto, as mulheres, em sua maioria, não são meretrizes nem cortesãs; tampouco passam a tarde inteira de verão na poltrona de veludo empoeirado, com seus cachorrinhos no colo. O que fazem elas, então? E aí veio-me à lembrança uma daquelas ruas compridas, em algum lugar ao sul do rio, cujas infinitas filas de casas abrigam uma população incontável. Com os olhos da imaginação, vi uma senhora muito idosa que atravessava a rua apoiando-se no braço de uma mulher de meia idade, a filha, talvez, as duas tão respeitavelmente trajadas em suas peles e botinas que devia ser um verdadeiro ritual se vestirem à tarde, e as próprias roupas decerto passam o verão inteiro guardadas com cânfora no armário, ano após ano. Atravessam a rua na hora em que as luzes começam a se acender (pois o entardecer deve ser a hora favorita delas), como provavelmente fazem ano após ano. A mais velha está perto dos oitenta; mas, se alguém lhe perguntasse o que sua vida significava para ela, diria que lembrava as ruas

iluminadas pela batalha de Balaclava ou que ouvira as salvas em Hyde Park comemorando o nascimento do rei Eduardo VII. E se lhe perguntasse, empenhando-se em especificar o momento com a data e a estação: mas o que a senhora estava fazendo em 5 de abril de 1868 ou em 2 de novembro de 1875?, ela faria um ar vago e diria que não conseguia se lembrar de nada. Pois todas as refeições foram preparadas; os pratos e as xícaras lavados; os filhos enviados à escola e depois ao mundo. De tudo isso não restou nada. Tudo desapareceu. Nenhuma biografia ou história tem algo a dizer a respeito. E os romances são, sem querer, inevitavelmente mentirosos.

Todas essas vidas infinitamente obscuras aguardam registro, disse eu, dirigindo-me a Mary Carmichael como se ela estivesse ali, e prossegui mentalmente pelas ruas de Londres sentindo na imaginação a pressão do entorpecimento, o peso acumulado da vida anônima, fosse das mulheres nas esquinas, com as mãos na cintura e os anéis apertados nos dedos inchados e gorduchos, falando e gesticulando no embalo das palavras de Shakespeare, fosse das vendedoras de violetas e de fósforos e das velhas paradas no vão das portas, fosse das mocinhas vagueantes cujas faces, como ondas entre sol e nuvens, assinalam a chegada de homens e mulheres e as vitrines tremeluzentes. Você só precisa explorar, disse eu a Mary Carmichael, segurando firme a tocha na mão. E, acima de tudo, precisa iluminar sua própria alma com suas profundidades e superficialidades, suas vaidades e generosidades, e dizer o que sua beleza ou insipidez significa para você, e qual é sua relação com o mundo sempre mutável e variável das luvas, dos sapatos e das lãs que ondulam de um lado e outro entre os leves aromas que envolvem os frascos dos boticários e se alastram por colunatas de tecidos por sobre um piso que imita mármore. Pois, na

imaginação, eu havia entrado numa loja; tinha o piso revestido de branco e preto e estava decorada com surpreendente beleza com fitas coloridas. Mary Carmichael bem que podia dar uma olhada ali ao passar, pensei eu, pois é uma cena que se prestaria à descrição como qualquer pico nevado ou desfiladeiro rochoso nos Andes. E há também a moça que atende ao balcão – eu preferiria ler sua verdadeira história a ler a centésimo-quinquagésima biografia de Napoleão ou o septuagésimo estudo de Keats e seu uso da inversão miltoniana que agora o velho professor Z e seus pares estão escrevendo. E então prossegui muito cautelosa, na ponta dos pés (tão covarde sou, tão receosa da chibata que certa vez quase me recaiu sobre os ombros), murmurando que ela também devia aprender a rir, sem amargura, das vaidades – ou, melhor dizendo, das peculiaridades, pois é uma palavra menos ofensiva – do outro sexo. Pois na parte de trás da cabeça há um ponto do tamanho de um xelim que a pessoa nunca consegue enxergar sozinha. É um dos bons serviços que um sexo pode prestar ao outro – descrever esse ponto do tamanho de um xelim na parte de trás da cabeça. Pensem no proveito que as mulheres tiveram com os comentários de Juvenal e com as críticas de Strindberg. Pensem com que brilho e benevolência os homens, desde as mais priscas eras, têm apontado às mulheres esse ponto escuro na parte de trás da cabeça! E se Mary fosse muito valente e muito honesta, iria por trás do outro sexo e nos contaria o que encontrou ali. Nunca se poderá traçar uma verdadeira imagem do homem enquanto uma mulher não descrever aquele ponto do tamanho de um xelim. O sr. Woodhouse e o sr. Casaubon são pontos desse tamanho e natureza. Claro que ninguém em sã consciência iria aconselhá-la a escarnecer e ridicularizar de propósito – a literatura mostra a futilidade daquilo que se escreve com esse espírito. Seja verdadeira, diríamos, e o

resultado será forçosamente de extremo interesse. Forçosamente a comédia se enriquecerá. Forçosamente se descobrirão novos fatos.

Todavia, era mais do que hora de voltar à página. Em vez de ficar especulando o que Mary Carmichael podia e devia escrever, era melhor ver o que Mary Carmichael de fato escreveu. Então retomei a leitura. Lembrei que eu tinha algumas reclamações. Ela havia quebrado o fraseio de Jane Austen, e assim não me dera nenhuma chance de me gabar de meu gosto impecável, de meu ouvido apurado. Pois seria descabido dizer, "Sim, sim, isso está muito bom, mas Jane Austen escrevia muito melhor do que você", já que tive de admitir que não havia qualquer elemento de semelhança entre ambas. Não satisfeita, ela foi além e quebrou a sequência – a ordem esperada. Talvez o tenha feito de maneira inconsciente, simplesmente dando uma ordem natural às coisas, como faria uma mulher se escrevesse como mulher. Mas o efeito era um tanto desconcertante; não se via uma onda se avolumando, uma crise se aproximando logo à frente. Portanto, não podia me gabar da profundidade de meus sentimentos nem de meu profundo conhecimento do coração humano. Pois, sempre que eu estava prestes a sentir as coisas usuais nos locais usuais sobre o amor, sobre a morte, aquela criatura irritante me arrancava dali, como se o ponto importante ficasse um pouco mais além. E assim ela me impedia de despejar minhas sonoras frases sobre "os sentimentos essenciais", "o estofo comum da humanidade", "as profundezas do coração humano" e todas aquelas outras formulações que dão base à nossa crença de que, por mais desenvoltas que possamos ser na superfície, no fundo somos muito sérias, muito profundas e muito conhecedoras do ser humano. Ela me fez sentir, pelo contrário, que, em vez de sermos sérias, profundas e conhecedoras do ser humano, podíamos

ser – e a ideia era bem menos atraente – apenas mentalmente preguiçosas e, ainda por cima, convencionais.

Mas continuei a ler e notei alguns outros fatos. Ela não era nenhum "gênio" – isso era evidente. Não tinha nada que se parecesse com o amor pela Natureza, a imaginação fogosa, a poesia ardente, a inteligência brilhante, a sabedoria contemplativa de suas grandes predecessoras, Lady Winchilsea, Charlotte Brontë, Emily Brontë, Jane Austen e George Eliot; não era capaz de escrever com a musicalidade e a dignidade de Dorothy Osborne – na verdade, era apenas uma moça desenvolta, cujos livros certamente virarão pasta de papel daqui a dez anos. Apesar disso, porém, ela tinha certas vantagens que faltavam a mulheres de muito maior talento, mesmo meio século atrás. Para ela, os homens não eram mais "o lado opositor"; ela não precisa mais perder tempo a recriminá-los; não precisa subir no alto do telhado e estragar sua paz de espírito sonhando com viagens, novas experiências e relações com o mundo e com as pessoas que antes lhe eram negadas. O medo e o ódio quase desapareceram, e alguns resquícios só se mostravam no leve exagero sobre as alegrias da liberdade, numa tendência ao cáustico e satírico, e não ao romântico, no tratamento do outro sexo. Assim, não restavam dúvidas de que, como romancista, ela gozava de algumas vantagens naturais de alta categoria. Tinha uma sensibilidade muito ampla, livre e receptiva. Essa sensibilidade reagia a um toque quase imperceptível. Vicejava como uma planta recém-brotada a cada som e imagem que lhe apareciam. Estendia-se também, com grande sutileza e curiosidade, entre coisas quase desconhecidas ou não registradas; iluminava coisas pequeninas e mostrava que talvez não fossem, afinal, tão pequeninas. Trazia à luz coisas enterradas, fazendo-nos imaginar qual teria sido a necessidade de enterrá-las. Por inábil que fosse

e sem a carga inconsciente da longa linhagem que torna tão agradável aos ouvidos o mais leve torneio da pena de um Thackeray ou de um Lamb, ela tinha – comecei a pensar – aprendido a primeira grande lição; escrevia como uma mulher, mas como uma mulher que esqueceu que é mulher, de modo que suas páginas estavam repletas daquela curiosa qualidade sexual que surge apenas quando o sexo não tem consciência de si mesmo.

Até aí, tudo bem. Mas, por mais rica que fosse a sensibilidade ou por mais refinada que fosse a percepção, de nada adiantaria a menos que ela conseguisse erguer do fugaz e do pessoal o edifício duradouro que permanece de pé. Falei antes que iria esperar até que ela enfrentasse "uma situação". E com isso quis dizer, até que ela provasse, acenando, chamando e reunindo as coisas, que não se limitara a escamar superfícies, mas sondara as profundezas. Agora é hora, diria ela a si mesma em certo momento, em que, sem praticar nenhuma violência, posso mostrar o sentido de tudo isso. E começaria – e como é inequívoco esse andamento mais rápido! – a acenar e a chamar, e na memória se ergueriam, semiesquecidas, coisas talvez muito triviais que haviam ficado pelo caminho, nos outros capítulos. E nos faria sentir a presença dessas coisas enquanto alguém costurava ou fumava um cachimbo com a maior naturalidade possível, e sentiríamos, enquanto ela prosseguia, como se estivéssemos no topo do mundo, vendo-o majestosamente estendido à nossa frente.

Pelo menos, ela estava tentando. E, enquanto eu a observava preparando-se para a prova, vi, mas com esperança de que ela não visse, os bispos e os deãos, os doutores e os catedráticos, os patriarcas e os pedagogos, todos eles reunidos, bradando conselhos e advertências. Não faça isso, não pode fazer aquilo! Somente docentes e discentes podem

andar na grama! Senhoras não são admitidas sem carta de apresentação! Graciosas aspirantes a romancista, por aqui! Assim mantinham-se atentos a ela, como a multidão aos obstáculos na corrida de cavalos, e sua prova consistia em saltar o obstáculo sem olhar para a esquerda nem para a direita. Se você parar para protestar, disse-lhe eu, estará perdida; e também se parar para rir. Hesite ou se atrapalhe, e estará acabada. Pense só no salto, implorei como se tivesse apostado todo meu dinheiro nela; e ela o transpôs como um pássaro. Mas havia outro obstáculo adiante, e depois mais outro. Se ela resistiria, eu tinha lá minhas dúvidas, pois os gritos e aplausos eram de dar nos nervos. Mas deu o máximo de si. Considerando que Mary Carmichael não era nenhum gênio, mas uma moça desconhecida escrevendo seu primeiro romance num quarto-sala, sem o suficiente daquelas coisas desejáveis, tempo, dinheiro e ócio, não se saiu tão mal, pensei eu.

Concedamos a ela mais cem anos, concluí lendo o último capítulo – narizes e ombros nus se mostravam desnudos contra um céu estrelado, pois alguém abrira a cortina na sala de visitas –, concedamos a ela um quarto só seu e quinhentas libras por ano, deixemos que seja sincera e exclua metade do que agora inclui no que diz e, um dia desses, ela escreverá um livro melhor. Será uma poeta, disse eu colocando *Life's Adventure*, de Mary Carmichael, na ponta da prateleira, daqui a cem anos.

Capítulo 6

No dia seguinte, a luz matinal de outubro entrava pelas janelas sem cortina em feixes cintilantes, e da rua se erguia o ruído do trânsito. Londres estava então se reanimando; a fábrica se punha em movimento; as máquinas começavam a operar. Era uma tentação, depois de toda essa leitura, olhar pela janela e ver o que Londres estava fazendo na manhã de 26 de outubro de 1928. E o que Londres estava fazendo? Pelo visto, ninguém estava lendo *Antônio e Cleópatra*. Londres, ao que parecia, era totalmente indiferente às peças de Shakespeare. Ninguém dava a menor pelota – e não os censuro – para o futuro da literatura, para a morte da poesia ou para o trabalho da mulher média desenvolvendo um estilo em prosa capaz de expressá-la plenamente. Se as opiniões sobre algum desses temas estivessem escritas a giz na calçada, ninguém se inclinaria para ler. Em meia hora estariam apagadas pela displicência dos pés apressados. Aqui vinha um mensageiro, ali passava uma mulher com um cão pela coleira. O fascinante nas ruas de Londres é que nunca há duas pessoas iguais; cada qual parece envolvida em seus próprios assuntos pessoais. Havia os que pareciam empresários, com suas maletas; havia os andarilhos, batendo ruidosamente o cajado nos trilhos; havia figuras afáveis para quem a rua é como um clube, saudando os homens das carroças e dando informações sem ninguém pedir. Havia também os cortejos fúnebres aos quais os homens, assim subitamente relembrados da efemeridade de suas próprias vidas, erguiam o chapéu. E então um senhor muito distinto desceu devagar os degraus da entrada de casa e parou para evitar uma colisão com uma senhora apressada que, de alguma maneira,

adquirira um magnífico casaco de peles e um ramalhete de violetas de Parma. Pareciam todos separados, absortos em si, com seus assuntos próprios.

Nesse momento, como é frequente acontecer em Londres, havia uma calmaria total, sem trânsito nenhum. Nada vinha pela rua, ninguém na calçada. Somente uma folha se soltou do plátano no final da rua e, naquela calmaria e paralisia, caiu. Era como um sinal caindo, um sinal apontando para uma força nas coisas que não havíamos notado. Parecia apontar para um rio, que corria invisível, virava a esquina, seguia pela rua, arrebanhando e levando as pessoas, como a correnteza em Oxbridge levara o barco do estudante e as folhas mortas. Agora estava trazendo de um lado para o outro da rua, na diagonal, uma moça com botas de couro legítimo e em seguida um rapaz com um sobretudo marrom; também estava trazendo um táxi; então trouxe os três para o mesmo ponto, logo abaixo de minha janela, onde o táxi parou, a moça e o rapaz pararam e entraram no táxi, e então o táxi saiu deslizando como que engolfado pela correnteza que passava.

Era uma cena bastante comum; o estranho era o ritmo ordenado que minha imaginação lhe imprimira, e também o fato de que a cena comum de duas pessoas entrando num táxi tinha o poder de transmitir um pouco da aparente satisfação delas. A cena de duas pessoas vindo pela rua e se encontrando na esquina parece aliviar um pouco a tensão da mente, pensei observando o táxi virar e partir. Talvez seja um esforço pensar, como eu andava pensando nesses dois dias, nas distinções entre os sexos. Isso interfere na unidade da mente. Agora esse esforço cessara, e a unidade fora recomposta ao ver duas pessoas se encontrando e entrando num táxi. A mente é, sem dúvida, um órgão muito misterioso, refleti afastando-me da

janela, sobre o qual nunca se sabe nada, embora a gente dependa totalmente dele. Por que sinto que há separações e oposições na mente, tal como há tensões resultantes de causas evidentes no corpo? O que significa "a unidade da mente"?, refleti, pois é claro que a mente tem um poder tão grande de concentração em qualquer ponto a qualquer momento que parece não ter uma identidade única. A mente pode se separar das pessoas na rua, por exemplo, e se pensar apartada delas, olhando-as de uma janela no alto. Ou pode pensar junto com outras pessoas espontaneamente, como, por exemplo, numa multidão que aguarda o anúncio de alguma notícia. Pode pensar por meio de seus pais ou de suas mães, como comentei que uma mulher, escrevendo, pensa por meio de sua mãe. Ademais, se é uma mulher, muitas vezes ela é surpreendida por uma súbita cisão da consciência quando, digamos, ao andar por Whitehall, deixa de ser a herdeira natural daquela civilização e se torna, pelo contrário, exterior a ela, crítica e distanciada. A mente está sempre alterando seu foco e colocando o mundo em diversas perspectivas. Mas alguns desses estados mentais, mesmo que adotados espontaneamente, parecem menos confortáveis do que outros. Para se manter neles, a pessoa está inconscientemente reprimindo alguma coisa e aos poucos essa repressão se torna um esforço. Mas pode existir algum estado mental em que a pessoa consiga se manter sem esforço porque não é necessário reprimir nada. E este, pensei afastando-me da janela, é talvez um desses estados. Pois certamente, quando vi o casal entrar no táxi, a mente sentiu como se, depois de estar dividida, tivesse se reunificado numa fusão natural. A razão óbvia seria que a cooperação é natural para os sexos. Tem-se um instinto profundo, mesmo que irracional, em favor da teoria de que a união entre homem e mulher traz a máxima satisfação, a mais plena felicidade.

Mas a cena das duas pessoas entrando no táxi e a satisfação que ela me deu também me fizeram perguntar se os dois sexos na mente correspondem aos dois sexos no corpo, e se também exigem estar unidos para obter plena satisfação e felicidade. E passei a esboçar amadoristicamente um esquema da alma, comandada, em cada um de nós, por dois poderes, um masculino e um feminino; e no cérebro do homem o homem predomina sobre a mulher, e no cérebro da mulher a mulher predomina sobre o homem. O estado normal e confortável é aquele em que os dois vivem juntos em harmonia, cooperando espiritualmente. No caso do homem, ainda assim a parte feminina de seu cérebro precisa ter alguma atuação; no caso da mulher, ela também precisa ter relação com o homem que traz em si. Talvez tenha sido isso que Coleridge quis dizer quando falou que uma grande mente é andrógina. É quando se dá essa fusão que a mente é plenamente fertilizada e utiliza todas as suas faculdades. Talvez uma mente puramente masculina não consiga criar, pensei eu, como tampouco uma mente puramente feminina. Mas seria bom testar o que se quis dizer por femininamente-masculino e, inversamente, por masculinamente-feminina.

Coleridge, quando disse que uma grande mente é andrógina, certamente não quis dizer que seria uma mente com qualquer simpatia especial pelas mulheres, uma mente que abraçasse a causa delas ou se dedicasse a interpretá-las. Talvez a mente andrógina seja menos hábil do que a mente unissexuada para fazer tais distinções. Quis dizer, talvez, que a mente andrógina é ressonante e porosa; que transmite a emoção sem impedimentos; que é naturalmente criativa, incandescente e unificada. Com efeito, voltamos à mente de Shakespeare como o protótipo da mente andrógina, da mente femininamente-masculina, embora seja impossível

dizer o que Shakespeare pensava sobre as mulheres. E, se for verdade que um dos sinais da mente plenamente desenvolvida é o fato de não pensar o sexo de modo específico ou separado, hoje em dia é mais difícil do que nunca alcançar essa condição. Aqui recorri aos livros de autores vivos, e então parei e me perguntei se esse fato não estaria na raiz de algo que me intrigava fazia muito tempo. Não existe época com uma consciência do sexo mais estridente do que a nossa; prova disso são aqueles incontáveis livros de homens sobre as mulheres que estão no Museu Britânico. Sem dúvida isso se deve à campanha pelo voto. Ela deve ter despertado nos homens um desejo excepcional de autoafirmação; deve tê-los levado a enfatizar vivamente seu próprio sexo e respectivas características, coisas sobre as quais nem se dariam ao trabalho de pensar se não tivessem sido contestados. E depois que são contestados, mesmo que apenas por meia dúzia de mulheres de touca preta, retaliam de forma um tanto excessiva, como se nunca antes tivessem sido contestados. Talvez isso explique algumas das características que me lembro de ter visto aqui, pensei eu, pegando um novo romance do sr. A, que está no apogeu da idade e, pelo visto, é altamente considerado pelos resenhistas. Abri o volume. De fato, era muito agradável voltar a ler um texto escrito por um homem. Depois dos textos escritos por mulheres, era tão direto, tão sem rodeios! Indicava tanta liberdade mental, tanta desenvoltura pessoal, tanta confiança em si! Sentia-se um bem-estar físico na presença dessa mente bem nutrida e bem cultivada, que nunca enfrentara obstáculos e oposições, mas que desde o berço tivera plena liberdade de abarcar o que quisesse. Tudo isso era admirável. Mas, depois de ler um ou dois capítulos, pareceu estender-se uma sombra de alto a baixo da página. Era uma barra escura e reta, uma sombra com um formato parecido com a letra “I”.22 A pessoa começava a

se inclinar de um lado e outro para tentar enxergar a paisagem por detrás. Se era uma árvore ou uma mulher andando, EU não sabia bem. A pessoa era sempre chamada de volta à letra "I". Começava a se cansar de "I". Não que esse "I" não fosse um respeitabilíssimo "I"; honesto e lógico, firme como rocha, polido por séculos de bom ensino e boa nutrição. EU respeito e admiro esse "I" do fundo do coração. Mas – aqui EU virei uma ou duas páginas, procurando uma coisa ou outra – o pior é que, à sombra da letra "I", tudo fica amorfo como bruma. O que é aquilo, uma árvore? Não, é uma mulher. Mas... não tem um osso no corpo, pensei EU, observando Phoebe, pois este era seu nome, vindo pela praia. Então Alan se levantou, e a sombra de Alan imediatamente obscureceu Phoebe. Pois Alan tinha opiniões, e Phoebe se afogava na torrente das opiniões dele. Além disso, pensei EU, Alan tem paixões; e aqui EU virei página após página, muito rapidamente, sentindo que a crise estava se aproximando, e de fato estava. Deu-se na praia sob o sol. Foi muito às claras. Foi muito vigoroso. Nada poderia ser mais indecente. Mas... EU tinha dito "mas" em excesso. Não se consegue avançar dizendo "mas". É preciso terminar a frase de alguma maneira, censurei EU a mim mesma. EU devo terminá-la, "Mas – EU estou entediada!". Mas por que EU estava entediada? Em parte por causa do predomínio da letra "I" e da aridez que, como a faia gigante, ela cria em sua área de sombra. Ali não crescerá nada. E, em parte, por alguma razão mais obscura. Parecia haver algum obstáculo, algum impedimento na mente do sr. A, que bloqueava a fonte de energia criativa e a retinha dentro de limites estreitos. E lembrando o almoço em Oxbridge, a cinza do cigarro, o gato sem rabo, Tennyson e Christina Rossetti, tudo isso junto, parecia possível que ali estivesse o impedimento. Como ele já não sussurra "Tombou uma lágrima cintilante/ Da clematite roxa no portão"

quando Phoebe está vindo pela praia, e ela já não responde “Meu coração é como um pássaro a cantar,/ Que se aninha num broto orvalhado” quando Alan se aproxima, o que pode ele fazer? Sendo honesto como o dia e lógico como o sol, só há uma coisa que ele pode fazer. E, para lhe render justiça, é o que ele faz, e volta a fazer, e faz mais uma vez (disse eu virando as páginas), sem cessar. E isso, acrescentei ciente da pavorosa natureza dessa confissão, parece um tanto enfadonho. A indecência de Shakespeare arranca mil outras coisas de nossa mente, e está longe de ser enfadonha. Mas Shakespeare faz isso por prazer; o sr. A, como dizem as governantas, faz de propósito. Faz por protesto. Está protestando contra a igualdade do outro sexo, afirmando sua própria superioridade. Portanto, fica impedido, inibido e ciente de si como provavelmente teria ficado se também tivesse conhecido a srta. Clough e miss Davies. A literatura elisabetana certamente teria sido muito diferente do que é se o movimento das mulheres tivesse começado no século XVI e não no XIX.

O que isso significa, então, se essa teoria dos dois lados da mente for válida, é que a virilidade agora tomou consciência de si – isto é, os homens agora estão escrevendo apenas com o lado masculino do cérebro. É um erro que a mulher os leia, pois inevitavelmente procurará algo que não encontrará. A coisa de que mais se sente falta, pensei pegando o crítico sr. B na mão e lendo, muito cuidadosa e conscienciosa, suas observações sobre a arte da poesia, é o poder de sugestão. Eram muito judiciosas, perspicazes, eruditas; mas o problema era que ele já não comunicava mais seus sentimentos; a mente parecia separada em diversos compartimentos; não passava qualquer som de um ao outro. Assim, quando se toma mentalmente uma frase do sr. B, ela despenca no chão – morta; mas, quando se toma mentalmente uma frase de Coleridge, ela

explode e gera as mais variadas ideias de todos os tipos, e esta é a única espécie de escrita que se pode dizer que contém o segredo da vida eterna.

Mas, seja qual for a razão, é um fato a ser deplorado. Pois significa – aqui eu passara para as filas de livros do sr. Galsworthy e do sr. Kipling – que algumas das mais belas obras de nossos maiores escritores vivos caem em ouvidos moucos. Faça o que fizer, uma mulher não consegue encontrar neles aquela fonte de vida eterna que os críticos lhe garantem estar ali. Não é apenas o fato de celebrarem virtudes masculinas, imporem valores masculinos e descreverem o mundo masculino; é que a emoção que permeia esses livros é incompreensível para uma mulher. E começamos a dizer, muito antes do final: ela vem chegando, vem se avolumando, está prestes a eclodir em nós. Aquele quadro vai cair na cabeça do velho Jolyon; ele vai morrer com o impacto; o clérigo idoso vai dizer duas ou três palavras ao lado do túmulo; todos os cisnes no Tâmisa vão desandar a cantar ao mesmo tempo. Mas a gente sai correndo antes que isso aconteça e se esconde entre as groselheiras, pois a emoção que é tão profunda, tão sutil, tão simbólica para um homem causa surpresa numa mulher. É o que acontece com os oficiais do sr. Kipling que viram as Costas, com seus Semeadores que semeiam a Semente, com seus Homens sozinhos com o Trabalho, com a Bandeira – a gente enrubesce diante de todas essas letras maiúsculas, como se nos flagrassem espiando uma orgia exclusivamente masculina. O fato é que nem o sr. Galsworthy, nem o sr. Kipling têm em si sequer uma faísca da mulher. Assim, todas as suas qualidades parecem a uma mulher, se pudermos generalizar, cruas e imaturas. Falta-lhes poder de sugestão. E, quando falta poder de sugestão a um livro, ele pode atingir com toda força a superfície da mente, mas não conseguirá atravessá-la.

E nesse estado inquieto, quando pegamos e devolvemos os livros no

lugar sem nem olhar para eles, comecei a imaginar uma épica futura de virilidade pura e categórica, como parecem prenunciar as cartas dos professores (tomem-se as cartas de Sir Walter Raleigh, por exemplo), e que os dirigentes da Itália já trouxeram à existência. Pois é difícil deixar de se impressionar em Roma com a sensação de total masculinidade; e, qualquer que seja o valor da total masculinidade para o Estado, pode-se questionar seus efeitos na arte da poesia. De todo modo, segundo os jornais, há alguma preocupação sobre a literatura na Itália. Houve um encontro de acadêmicos com o objeto de "desenvolver o romance italiano". "Homens famosos por nascimento, ou nas finanças, na indústria ou nas corporações fascistas" se reuniram outro dia e debateram o assunto, e enviaram um telegrama ao Duce manifestando a esperança "de que a era fascista logo dê origem a um poeta digno dela". Podemos todos nos somar a essa esperança devota, mas é de se duvidar que a poesia possa nascer de uma incubadora. A poesia deveria ter mãe, além de pai. É de se recear que o poema fascista seja um horroroso feto abortado, como aqueles que vemos num frasco de vidro no museu de alguma cidade do interior. Esses monstros nunca vivem muito tempo, ao que dizem; nunca se vê um prodígio desses cortando capim no campo. Duas cabeças num corpo só não contribuem para uma vida longa.

No entanto, a culpa por tudo isso, se a pessoa quiser mesmo culpar alguém, cabe igualmente aos dois sexos. Todas as sedutoras e reformadoras são responsáveis: Lady Bessborough, quando mentiu ao Lorde Granville; miss Davies, quando falou a verdade ao sr. Greg. Todos os que criaram um estado de consciência quanto ao próprio sexo são culpados, e são eles que me levam, quando quero empregar minhas faculdades num livro, a procurá-lo naquela venturosa era, antes que a srta.

Davies e a srta. Clough fossem nascidas, quando o escritor usava igualmente seus dois lados mentais. Tem-se de voltar a Shakespeare, pois Shakespeare era andrógino, como também Keats, Sterne, Cowper, Lamb, Coleridge. Shelley era, talvez, assexuado. Milton e Ben Jonson tinham umas pitadas excessivas de masculinidade. Como também Wordsworth e Tolstói. Em nossa época, Proust era totalmente andrógino ou talvez um pouco feminino demais. Mas essa falha é demasiado rara para nos queixarmos dela, visto que, sem alguma mistura dessa espécie, o que parece predominar é o intelecto, e as outras faculdades mentais se ressecam e ficam estéreis. Consolei-me, porém, pensando que é talvez uma fase passageira; muito do que falei aqui, cumprindo minha promessa de apresentar a vocês o curso de minhas reflexões, parecerá ultrapassado; muito do que brilha em meus olhos parecerá duvidoso a vocês, que ainda não alcançaram a maioridade.

Mesmo assim, a primeiríssima frase que eu escreveria aqui, disse eu, indo até a escrivaninha e pegando a página com o cabeçalho "As mulheres e a literatura", é que é fatal para qualquer escritor pensar em seu sexo. É fatal ser pura e simplesmente um homem ou uma mulher; é preciso ser masculina-feminina ou feminino-masculino. É fatal para a mulher dar a mais leve ênfase a qualquer queixa, defender, mesmo com justiça, qualquer causa, falar conscientemente, sob qualquer aspecto, como mulher. E fatal não é figura de linguagem; pois qualquer coisa escrita com esse viés consciente está condenada à morte. Deixa de se fertilizar. Brilhante e eficaz, poderosa e magistral que possa parecer por um ou dois dias, murchará ao anoitecer; não consegue crescer na mente dos outros. É preciso ocorrer uma colaboração mental entre a mulher e o homem, antes que se possa realizar a arte da criação. É preciso haver a consumação de

algum casamento entre opostos. A mente como um todo precisa estar amplamente aberta, se quisermos a sensação de que o escritor está comunicando sua experiência com plena inteireza. Precisa haver liberdade e precisa haver paz. Nenhuma roda pode chiar, nenhuma luz pode cintilar. As cortinas precisam estar bem fechadas. O escritor, pensei eu, depois de terminar sua experiência, deve se reclinar e deixar a mente celebrar as núpcias na escuridão. Não pode olhar nem perguntar o que se passa. Em vez disso, deve ficar arrancando as pétalas de uma rosa ou fitando os cisnes a flutuar calmamente nas águas do rio. E vi outra vez a corrente que levou o barco, o estudante e as folhas mortas; o táxi pegou o homem e a mulher, pensei vendo-os atravessarem a rua juntos, e a corrente os levou, pensei ouvindo à distância os sons do trânsito de Londres, por aquele imenso rio.

Aqui, então, Mary Beton para de falar. Ela expôs a vocês como chegou à conclusão – à prosaica conclusão – de que, se quiserem escrever literatura ou poesia, precisam ter quinhentas libras por ano e um quarto com tranca na porta. Ela tentou expor nuamente as reflexões e impressões que a levaram a pensar assim. Pediu a vocês que a seguissem enquanto voava aos braços de um bedel, almoçava aqui, jantava ali, fazia algum desenho no Museu Britânico, tirava livros da prateleira, olhava pela janela. Enquanto Mary Beton fazia tudo isso, vocês decerto ficaram observando suas falhas e defeitos e avaliando o peso que tinham sobre as opiniões dela. Ficaram contestando e fazendo todos os acréscimos e todas as subtrações que julgassem corretos. E é assim mesmo que deveria ser, pois, numa questão dessas, só se obtém a verdade reunindo muitos tipos de erros. E agora terminarei em meu próprio nome, antevendo duas críticas, tão óbvias que vocês dificilmente deixariam de fazê-las.

Não foi apresentada nenhuma opinião, poderiam vocês dizer, sobre os méritos comparativos dos dois sexos, nem mesmo como escritores. Isso foi deliberado porque, mesmo que já tivesse chegado a hora dessa avaliação – no momento, é muito mais importante saber de quanto dinheiro e de quantos quartos as mulheres dispunham do que teorizar sobre suas capacidades –, mesmo que já tivesse chegado a hora, não creio que os dons, sejam da mente ou do caráter, possam ser pesados como o açúcar e a manteiga, nem mesmo em Cambridge, onde tanto gostam de dividir as pessoas por categorias e usar barretes na cabeça e letras após o nome. Não creio que sequer o Quadro de Precedência que vocês encontram no *Almanac*, de Whitaker, representa uma ordem definitiva de valores ou se há alguma razão sólida para supor que um portador da comenda da Ordem de Bath entrará na sala de jantar atrás do portador do título de Mestre em Insanidade. Toda essa agitação de lançar um sexo contra o outro, uma qualidade contra a outra; toda essa pretensão de superioridade e essa atribuição de inferioridade pertencem ao estágio escolar da existência humana em que há "lados", e um lado precisa vencer o outro lado, e é da mais alta importância subir a um estrado e receber das mãos do próprio Diretor um vaso altamente decorativo. Seja como for, no que se refere aos livros, é notoriamente difícil colar etiquetas sobre seus méritos sem que elas se descolem. As resenhas da atual literatura não constituem uma ilustração constante da dificuldade de emitir juízos? "Este grande livro", "este livro sem valor" – o mesmo livro recebe os dois nomes. Elogios e críticas nada significam. Não, por mais agradável que possa ser o passatempo de mensurar, é a mais fútil de todas as atividades, e submeter-se aos decretos dos mensuradores é a mais servil das atitudes. A única coisa que importa é que vocês escrevam o que querem escrever; e se

essa importância perdurará ou passará depois de algumas horas, é algo que ninguém pode prever. Mas sacrificar um único fio da cabeça, uma única nuance do colorido da visão que vocês têm em mente, em deferência a algum Diretor com um vaso de prata na mão ou a algum professor com uma régua na manga, é a mais sórdida traição, e o sacrifício da riqueza e da castidade, que costumava ser tido como a maior calamidade humana, não passa, em comparação, de uma mera picada de mosquito.

A seguir, penso que vocês podem objetar que, em tudo isso, dei importância excessiva às coisas materiais. Mesmo concedendo uma generosa margem ao simbolismo, e que quinhentas libras anuais representam o poder de contemplar e que uma tranca na porta significa o poder de pensar por si só, ainda assim vocês podem dizer que a mente deveria se elevar acima dessas coisas, e que há um grande número de grandes poetas que foram pobres. Então permitam-me citar as palavras do próprio professor de literatura de vocês, que sabe melhor do que eu o que entra na formação de um poeta. Sir Arthur Quiller-Couch escreve:23

> Quais são os grandes nomes poéticos dos últimos cem anos, aproximadamente? Coleridge, Wordsworth, Byron, Shelley, Landor, Keats, Tennyson, Browning, Arnold, Morris, Rossetti, Swinburne – podemos parar por aqui. Entre eles, todos, exceto Keats, Browning e Rossetti, estiveram na Universidade, e, entre esses três, Keats, que morreu jovem, ceifado na flor da idade, era o único não muito abastado. Pode parecer uma coisa brutal de se dizer, e é uma coisa triste de se dizer: mas, no que respeita fatos concretos, a teoria de que o gênio poético sopra onde lhe apraz, entre ricos e pobres igualmente, não contém grande verdade. No que respeita fatos concretos, nove desses doze estiveram na Universidade: o que significa que, de uma ou outra maneira, tiveram os meios de receber a melhor educação que a Inglaterra pode oferecer. No que respeita fatos concretos, entre os três restantes, vocês sabem que Browning era abastado, e lhes afirmo que, se não fosse abastado, não teria conseguido escrever *Saul* ou *The Ring and the Book*, como tampouco Ruskin teria conseguido escrever *Modern Painters* se o pai não fosse um próspero homem de negócios. Rossetti tinha uma

> pequena renda própria e, além do mais, pintava. Resta apenas Keats, a quem Átropos cedo matou, como matou John Clare num manicômio e James Thomson com o láudano por ele ingerido para amortecer a decepção. São fatos terríveis, mas enfrentemos. O inegável – por desonroso que seja para nós como nação – é que, por alguma falha em nosso sistema de governo, o poeta pobre não tem hoje em dia, e nem teve em duzentos anos, a menor chance. Creiam-me – e passei grande parte de uma década observando cerca de 320 escolas elementares –, podemos falar muito em democracia, mas, na verdade, as esperanças de um menino pobre na Inglaterra ganhar acesso àquela liberdade intelectual da qual nascem os grandes escritos não são muito maiores do que a do filho de um escravo ateniense.

Ninguém conseguiria expor a questão com maior clareza. "O poeta pobre não tem hoje em dia, e nem teve em duzentos anos, a menor chance... as esperanças de um menino pobre na Inglaterra ganhar acesso àquela liberdade intelectual da qual nascem os grandes escritos não são muito maiores do que a do filho de um escravo ateniense." É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não por meros duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, então, não têm tido a menor chance de escrever poesia. Foi por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e a um quarto só seu. No entanto, graças ao empenho e à labuta daquelas mulheres obscuras do passado, que eu gostaria que conhecêssemos melhor, graças, estranhamente, a duas guerras, a da Crimeia, que levou Florence Nightingale a sair de sua sala de visitas, e a da Europa, que abriu as portas à mulher média cerca de sessenta anos depois, esses males estão em vias de ser curados. Não fosse isso, vocês não estariam aqui nesta noite, e suas possibilidades de receberem quinhentas libras ao ano, por precárias que, temo eu, ainda sejam, seriam extremamente reduzidas.

Mas, talvez objetem, por que você atribui tanta importância a que as mulheres escrevam livros se, conforme você mesma diz, é algo que exige tanto esforço, pode talvez levar ao assassinato de uma tia, certamente faz a pessoa chegar atrasada para o almoço e pode levá-la a sérios atritos com alguns excelentes docentes? Meus motivos, reconheço, são em parte egoístas. Como muitas inglesas pouco instruídas, gosto de ler – gosto de ler livros por atacado. Ultimamente, minha dieta anda um pouco monótona; a história trata demais de guerras; a biografia trata demais de grandes homens; a poesia tem mostrado, penso eu, uma tendência à esterilidade; e a literatura – mas já expus bastante minhas insuficiências como crítica da literatura moderna e não vou mais falar sobre ela. Por isso peço-lhes que escrevam livros de todas as espécies, sem hesitar diante de tema algum, por trivial ou vasto que seja. Seja como for, espero que vocês tenham dinheiro suficiente para viajar e gozar de ócio, para contemplar o futuro ou o passado, para sonhar com livros, demorar-se nas ruas, deixar que o fio do pensamento mergulhe fundo na correnteza. Pois não estou de forma nenhuma restringindo vocês à literatura. Muito me agrada – e há milhares como eu – que escrevam livros de viagens e aventuras, de pesquisas e estudos, de história e biografia, de crítica, filosofia e ciência. Com isso, certamente contribuirão muito para a arte da literatura. Pois os livros se influenciam mutuamente. A literatura estará muito melhor tendo contato próximo com a poesia e a filosofia. Além disso, se vocês examinarem qualquer grande figura do passado, como Safo, como a senhora Murasaki, como Emily Brontë, verão que foi não só criadora, mas também herdeira, e que ganhou existência porque as mulheres passaram a ter o hábito de escrever com naturalidade, de modo que, mesmo como prelúdio à poesia, essa atividade da parte de vocês seria inestimável.

Mas, quando revejo essas notas e critico meu raciocínio durante a elaboração delas, percebo que meus motivos não foram totalmente egoístas. Esses comentários e digressões são perpassados pela convicção – ou será instinto? – de que os bons livros são desejáveis e que os bons escritores, mesmo que mostrem as mais variadas depravações humanas, ainda são bons seres humanos. Assim, quando lhes peço que escrevam mais livros, é uma exortação para que façam o que for para seu bem e para o bem do mundo em geral. Não sei como justificar esse instinto ou crença, pois as palavras filosóficas, quando não estudamos numa universidade, são capazes de nos enganar. O que se entende por "realidade"? Pode parecer algo muito vago, muito inconfiável – que se encontra ora numa estrada poeirenta, ora num pedaço de jornal na rua, ora num narciso ao sol. Aviva um grupo numa sala, imprime-se em alguma frase fortuita. Avassala a pessoa voltando para casa sob as estrelas e torna o mundo silencioso mais real do que o mundo da linguagem – e então ressurge num ônibus entre o tumulto de Piccadilly. Às vezes, também, parece residir em formas demasiado distantes de nós para discernirmos sua natureza. Mas, em qualquer coisa que ela toca, dá-lhe forma e permanência. É o que subsiste ao final do dia; é o que fica do passado e de nossos amores e ódios. Ora, penso que o escritor tem chance de viver mais do que os outros na presença dessa realidade. Cabe-lhe encontrá-la, apanhá-la e transmiti-la a nós. Pelo menos é o que concluo ao ler *Lear*, *Emma* ou *Em busca do tempo perdido*. Pois a leitura desses livros parece realizar uma curiosa operação de catarata em nossos sentidos; depois deles, enxerga-se com mais intensidade; o mundo parece despir sua capa e receber uma vida mais intensa. Há aquelas pessoas invejáveis que nutrem inimizade pela irrealidade; e há aquelas deploráveis que são nocauteadas pela coisa feita

sem cuidado nem atenção. De forma que, quando lhes peço para ganharem dinheiro e terem um quarto só seu, estou-lhes pedindo que vivam na presença da realidade, vivam uma vida que se mostre revigorante, quer consigam ou não consigam partilhá-la.

Eu pararia por aqui, mas a pressão da convenção determina que todo discurso deve terminar com uma peroração. E uma peroração dirigida a mulheres deve trazer em si, como vocês hão de concordar, algo especialmente enaltecedor e enobrecedor. Deveria lhes rogar que lembrem suas responsabilidades, que sejam mais elevadas, mais espirituais; deveria lhes recordar quantas coisas dependem de vocês e a influência que podem exercer sobre o futuro. Mas essas exortações, penso eu, podem muito bem ficar a cargo do outro sexo, que irá colocá-las e, na verdade, tem colocado com eloquência muito maior do que consigo abarcar. Vasculhando minha mente, não encontro nenhum sentimento nobre sobre sermos companheiras e iguais e influenciarmos o mundo para fins mais elevados. Vejo-me dizendo de maneira concisa e prosaica que é muito mais importante sermos quem somos e não outra coisa. Não sonhem em influenciar outras pessoas, diria eu se soubesse como conferir um tom elevado a isso. Pensem nas coisas nelas mesmas.

E mais uma vez, folheando jornais, romances e biografias, sou relembrada de que, quando uma mulher fala a mulheres, ela deve guardar na manga algo bem desagradável. As mulheres são duras em relação às mulheres. As mulheres não gostam de mulheres. As mulheres – mas vocês não estão mortalmente fartas dessa palavra? Posso lhes garantir que eu estou. Convenhamos, então, que uma palestra de uma mulher para outras mulheres deve se encerrar com algo especialmente desagradável.

Mas como se faz? Em que consigo pensar? A verdade é que

frequentemente gosto das mulheres. Gosto de sua falta de convencionalismo. Gosto de sua inteireza. Gosto de seu anonimato. Gosto – mas não devo ir por esse rumo. Aquele armário ali – vocês me disseram que só contém guardanapos limpos; mas e se Sir Archibald Bodkin estivesse escondido entre eles? Vou, então, adotar um tom mais sério. Em tudo o que falei, transmiti a vocês com clareza suficiente as advertências e a reprovação do sexo masculino? Contei-lhes a baixíssima opinião que o sr. Oscar Browning tem sobre vocês. Apontei o que Napoleão outrora pensava e Mussolini agora pensa sobre vocês. Então, caso alguma de vocês pretenda se dedicar à literatura, copiei em seu benefício o conselho do crítico para que reconheçam corajosamente as limitações de seu sexo. Mencionei o professor X e destaquei sua afirmação de que as mulheres são intelectual, moral e fisicamente inferiores aos homens. Apresentei-lhes tudo o que me apareceu, sem que eu precisasse buscar, e aqui está uma advertência final – do sr. John Langdon Davies.24 O sr. John Langdon Davies adverte às mulheres "que, quando os filhos deixam totalmente de ser desejáveis, as mulheres deixam totalmente de ser necessárias". Espero que vocês anotem.

Como posso incentivá-las ainda mais em relação à vida? Moças, diria eu, e por favor prestem atenção, pois está começando a peroração, vocês são, em minha opinião, desgraçadamente ignorantes. Nunca fizeram nenhuma descoberta de qualquer importância. Nunca abalaram um império nem comandaram um exército em batalha. Não foram vocês que escreveram as peças de Shakespeare, e nunca apresentaram uma raça bárbara às belezas da civilização. Qual é a desculpa de vocês? Acham que liquidam o assunto ao dizer, apontando as ruas, as praças, as florestas do globo repletas de habitantes brancos, negros e pardos, todos muito

ocupados em comerciar, empreender e copular: tínhamos outros trabalhos a fazer. Sem nossa atividade, aqueles mares não seriam percorridos, aquelas terras férteis seriam um deserto. Geramos, criamos, alimentamos, lavamos, ensinamos, talvez até os seis ou sete anos de idade, o bilhão e 623 milhões de seres humanos que, segundo as estatísticas, existem atualmente, e isso, admitindo que algumas tiveram ajuda, toma tempo.

Há alguma verdade no que vocês dizem – não nego. Mas, ao mesmo tempo, posso lhes lembrar de que havia pelo menos duas faculdades para mulheres na Inglaterra, desde o ano de 1866; que, a partir do ano de 1880, uma mulher casada era autorizada por lei a ter propriedade de seus bens; que em 1919 – já faz nove anos – ela recebeu o direito de voto? Posso ainda lhes lembrar que a maioria das profissões liberais estão abertas a vocês há quase dez anos? Se vocês refletirem sobre esses imensos privilégios e todo o tempo de que já desfrutam deles, e sobre o fato de que, neste momento, devem existir umas duas mil mulheres capazes de ganhar de alguma maneira mais de quinhentas libras anuais, hão de concordar que a desculpa da falta de oportunidade, de formação, de incentivo, de tempo livre e de dinheiro não se sustenta mais. Além disso, os economistas nos dizem que a sra. Seton teve filhos demais. Vocês devem, claro, continuar a criar os filhos, mas, como dizem eles, aos pares e trios, não às dezenas e dúzias.

Assim, com algum tempo nas mãos e, nos miolos, algum conhecimento aprendido nos livros – pois do outro já tiveram o suficiente e são enviadas para a faculdade, desconfio eu, em parte para desaprendê-lo –, seguramente vocês ingressarão em outro estágio de suas longuíssimas, trabalhosíssimas e obscuríssimas carreiras. Há um milhar de canetas prontas para sugerir o que vocês devem fazer e que resultado terão. Minha

sugestão pessoal é um pouco excêntrica, reconheço; portanto, prefiro colocá-la em forma de ficção.

Comentei com vocês durante a palestra que Shakespeare tinha uma irmã; mas não procurem por ela na biografia do poeta escrita por Sir Sidney Lee. Ela morreu jovem – e infelizmente nunca escreveu uma palavra. Está enterrada onde agora fica a parada de ônibus, na frente do Elephant and Castle. Ora, o que eu acredito é que essa poeta que nunca escreveu uma palavra e que está enterrada na encruzilhada continua viva. Ela vive em vocês, em mim e em muitas outras mulheres que não estão aqui hoje, pois estão lavando louça e colocando os filhos para dormir. Mas ela vive; pois os grandes poetas não morrem; são presenças constantes; precisam apenas da oportunidade de andar entre nós em carne e osso. Essa oportunidade, penso eu, logo vocês poderão lhe dar. Pois acredito que, se vivermos mais um século – estou falando da vida comum, que é a vida real, e não das vidinhas separadas que vivemos como indivíduos –, se tivermos quinhentas libras anuais, cada uma de nós, e quartos só para nós; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se escaparmos um pouco à sala de estar coletiva e virmos os seres humanos não apenas em suas relações mútuas, mas em relação com a realidade, e virmos também o céu, as árvores ou qualquer outra coisa nelas mesmas; se olharmos além do fantasma de Milton, pois nenhum ser humano deveria encobrir a visão; se encararmos o fato, pois é um fato, de que não há um braço em qual nos apoiar, mas que seguimos sozinhas e que nossa relação é com o mundo da realidade, e não apenas com o mundo dos homens e das mulheres, então chegará a oportunidade, e a poeta morta que era irmã de Shakespeare envergará o corpo que tantas vezes abandonou. Extraindo sua vida das vidas das desconhecidas que

foram suas precursoras, como antes fez seu irmão, ela nascerá. Pois vir sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem essa determinação de que, quando ela renascer, verá que é possível viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, pois seria impossível. Mas sustento que virá se trabalharmos por ela, e que trabalhar para isso, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena.

---

22 *"I"*: Em inglês, "eu". Até quase o terço final deste parágrafo, VW passa então a duelar com essa "barra escura e reta" das páginas do romancista usando seu próprio *I*, como se trançassem floretes. Esse recurso estilístico, irreproduzível aqui mesmo em termos gráficos e visuais, será – toscamente – representado por EU para o florete de VW, mantendo-se o "I" para o romancista. (N.T.)

23 *The Art of Writing*, de Sir Arthur Quiller-Couch.

24 *A Short History of Women*, de John Langdon Davies.

VIRGINIA WOOLF (1882-1941)

Adeline Virginia Stephen nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres. Filha de Sir Leslie Stephen, historiador, crítico e editor, e de sua segunda esposa, Julia Prinsep Stephen, cuja personalidade inspirou diversos personagens da autora, teve contato com o mundo literário desde cedo. Aos vinte anos já era uma crítica literária experiente e em 1905 passou a escrever regularmente para o *The Times Literary Supplement*. Foi nas reuniões do célebre grupo de Bloomsbury – como veio a ser chamado o círculo de vanguarda intelectual que reunia escritores e artistas, desde 1904, em Londres –, que conheceu seu futuro marido, o crítico e escritor Leonard Woolf. Com ele fundou a Hogarth Press, em 1917, responsável pela publicação de autores como T. S. Eliot, Katherine Mansfield, Máximo Gorki, além da obra completa de Sigmund Freud. Seus primeiros trabalhos incluem os romances *A viagem* (1915), *Noite e dia* (1919), *O quarto de Jacob* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925; L&PM, 2012) – livro que inovou ao apresentar uma trama não linear que se desenvolve dentro e fora da mente das personagens –, *Ao farol* (1927; L&PM, 2013) e *Orlando* (1928). As duas primeiras obras de ficção prepararam o terreno para *O quarto de Jacob* e para os outros que vieram depois: nestes é que a escritora reinventou a narrativa ficcional moderna, obtendo sucesso de público e reconhecimento da crítica. No início da década de 30, publicou o romance *As ondas* (1931), sua experiência literária mais radical. Este experimentalismo extenuou a autora, que encontrou divertimento relaxante na escrita de *Flush* (1933; L&PM, 2003), livro contado a partir do ponto de vista de um cão. Neste período, Virginia já apresentava um

histórico de saúde mental frágil, que culminaria no seu suicídio em 1941, precedido por uma série de colapsos nervosos: primeiro, com a morte da mãe, em 1895; depois, com o falecimento do pai, em 1904; e novamente logo após o seu casamento com Leonard.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *A Room of One's Own*

Tradução: Denise Bottmann

Capa: Ivan Pinheiro Machado. *Ilustração*: iStock

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W862q

Woolf, Virginia, 1882-1941

Um quarto só seu / Virginia Woolf ; tradução Denise Bottmann. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2019.

Tradução de: *A Room of One's Own*

ISBN 978-65-5666-035-6

1. Ensaios ingleses. 2. Mulheres - Condições sociais. 3. Mulheres e literatura. I. Bottmann, Denise. II. Título.

19-54660 CDD: 824

CDU: 82-4(42)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

© da tradução, L&PM Editores, 2018

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Contents

1. Um quarto só seu
    1. Capítulo 1
    2. Capítulo 2
    3. Capítulo 3
    4. Capítulo 4
    5. Capítulo 5
    6. Capítulo 6
2. Virginia Woolf (1882-1941)